

inf 465

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**CINEMA E EDUCAÇÃO: O SERVIÇO DE CINEMA
EDUCATIVO EM CAMPINAS-SP, NOS ANOS 50**

AUTOR: LUCIANE MOREIRA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. ZEILA DE BRITO FABRI DEMARTINI

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Luciane Moreira de Oliveira
e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data 15/02/2000
Assinatura: [assinatura]
p/Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

[assinatura]
[assinatura]
[assinatura]

2000



UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2000 4653

UNIDADE	FE
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	057c
V.	
T.º	41683
P.º	278/00
	☐ ☒
PRECED.	08.11.00
DATA	25-07-00
N.º CPD	

CM-00142731-6

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

OL4c

Oliveira, Luciane Moreira de.

Cinema e educação : o Serviço de Cinema Educativo em
Campinas – SP, nos anos 50 / Luciane Moreira de Oliveira. –
Campinas, SP.: [s.n.], 2000.

Orientador : Zeila de Brito Fabri Demartini.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Cinema. 2. Educação. 3. Cidades. 4. História Local.
I. Demartini, Zeila de Brito Fabri. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

“Muitas vezes acontece”, escreve ele, “que os que vivem numa época posterior não conseguem apreender o ponto de onde se originam os grandes empreendimentos ou ações desse mundo. E eu, ao buscar constantemente a razão desse fenômeno, não pude achar outra resposta além desta, a saber, que todas as coisas (incluindo as que chegam por fim a triunfar poderosamente) são em seus primórdios tão pequenas e de contornos tão indistintos que não é fácil se convencer que delas surgirão assuntos de grande importância”.

Matteo Ricci, citado por Jonathan D. Spence, *O palácio da memória de Matteo Ricci*, p.281.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho é preciso registrar que há muito que agradecer e a muitos, pessoas próximas ou não. A estas pessoas que de várias formas me ajudaram, seja com questões teóricas ou técnicas, incentivo moral, gestos de solidariedade e de carinho, quero deixar registrada aqui a minha gratidão.

Quero agradecer especialmente a algumas pessoas:

À professora Zeila de Brito Fabri Demartini, pela orientação, confiança e respeito pelos meus caminhos e buscas.

Aos profissionais e amigos do Museu da Imagem e do Som (MIS-Campinas) nas pessoas de Sônia Aparecida Fardin, de quem recebi o primeiro estímulo para realizar esta pesquisa, e de Orestes A. Toledo.

Aos amigos, representados aqui por Áurea, Lilian, Clara, Kátia e Maria Helena, que de muitas formas me ajudaram, mas principalmente pela necessária cobrança para a finalização do trabalho.

Ao professor e amigo Milton José de Almeida, pelo estímulo intelectual em todos esses anos. E que se estende aos pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais-Olho, da Faculdade de Educação da Unicamp.

A todos aqueles que deram seus depoimentos. Em consideração especial a Bráulio Mendes Nogueira, Henrique de Oliveira Jr. e Ruyrillo de Magalhães, que junto com sua esposa, Dona Maria José, me propiciou momentos de acolhida carinhosa em torno de sua mesa de café.

E aos meus pais, a quem dedico este trabalho, reservo minha eterna gratidão pelo incondicional apoio, que vai muito além do financeiro, traduzido em gestos de confiança e respeito às minhas opções na vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Os depoimentos: construindo histórias de vida	3
Os documentos impressos: recolhendo vestígios	6
As imagens: movimento entre as imagens técnicas e as mentais	8

UM CINEMA PARA EDUCAR O CIDADÃO 13

O Serviço de Cinema Educativo: um projeto de diferentes iniciativas	16
Os filmes e as lições	33
O Teatro e o bairro: lugares de cinema	43
O público: espectadores de cinema	57

O Departamento de Ensino e Difusão Cultural: a busca pela organização do ensino e da cultura	67
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS 89

Destacando algumas questões na relação entre cinema e educação	
--	--

DEPOIMENTOS 95

BIBLIOGRAFIA, Documetos, Filmografia, Depoentes e Depoimentos, Acervos Pesquisados e Crédito das Ilustrações	123
--	-----

RESUMO

O objetivo deste trabalho é reconstruir e analisar o processo de criação, implantação e atuação do Serviço de Cinema Educativo em Campinas-SP, nos anos 50. Esse Serviço foi uma iniciativa que ocorreu em uma fase de intensa urbanização da cidade, que utilizou o cinema como um meio de educação e que estava vinculada a um projeto de assistência socioeducacional, desenvolvido pelo Departamento de Ensino e Difusão Cultural da Prefeitura Municipal de Campinas.

ABSTRACT

The objective of this work is to reconstruct and to analyze the process of creation, implantation and performance of the Service of Educative Cinema in Campinas-SP, in years 50. This Service was an initiative that occurred in a phase of intense urbanization of the city, that used the cinema as a way of education and that it was tied with a design of socioeducational assistance, developed for the Departament of Education and Cultural Diffusion of the City Hall of Campinas.

INTRODUÇÃO

O passado ajuda a compor as aparências do presente, mas é o presente que escolhe na arca as roupas velhas ou novas.

Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*, p.35.

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de criação, implantação e atuação do Serviço de Cinema Educativo em Campinas-SP, nos anos 50. Esse Serviço é uma iniciativa que está relacionada com a intensa urbanização da cidade, que utiliza o cinema como um meio de educação e que está vinculada a um projeto de assistência socioeducacional, desenvolvido pelo Departamento de Ensino e Difusão Cultural da Prefeitura Municipal de Campinas. Foram buscadas respostas para as seguintes questões: em que condições surgiu o projeto de criação do Serviço de Cinema Educativo, quais as suas principais propostas e como ocorre a sua atuação?

Na análise serão privilegiados os primeiros seis anos de funcionamento do Serviço de Cinema de Educativo, que irá existir de 1949 a 1973, mais especificamente as exhibições de cinema que irá realizar nestes anos.¹ A partir de 1955 ocorrem mudanças significativas na sua atuação: terminam as exhibições de cinema no Teatro Municipal e diminuíam o número de exhibições em outros locais, sendo prioridade para administração municipal a realização do registro,

1. A expressão Cinema Educativo será usada algumas vezes para nomear abreviadamente o Serviço de Cinema Educativo, quando a referência for à atividade de exhibição de cinema realizada por esse Serviço.

em fotografia e filme 16 mm, das obras públicas. No recorte do tempo histórico da pesquisa foi utilizada a expressão “nos anos 50”, o que não significa o início e o fim de um período. As datas, a cronologia dos acontecimentos, são utilizadas aqui como indícios da formação de novas idéias e valores que muitas vezes vêm de longe, no tempo e no espaço. Meneguello (1996, p.60-61) ao analisar o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50 destaca o esforço que o pesquisador deve fazer para não cair na teia dos clichês que acompanham as décadas e que fazem com que cada década pareça existir por si. Esses clichês criaram os anos 50, os “anos dourados”, que são na maioria das vezes acompanhados de um olhar nostálgico — os anos sem violência, da descoberta do amor, do medo do comunismo, da ascensão do consumo etc. — aliado a um discurso eufórico de progresso. E em contraposição os anos 40, principalmente no que se refere à sua primeira metade, que ficaram com a marca dos “anos silenciosos”, com a falta de horizonte, os traumas da guerra e o Estado Novo. Um dos desafios que esta pesquisa apresentou foi o de trabalhar com um recorte do tempo histórico, que inclui o seu antes e o seu depois, e com o fascínio que o passado exerce sobre nós. Um fascínio que talvez tenha a sua origem na necessidade de nós, principalmente neste momento em que perdemos a fé ilimitada no futuro, escolhermos o passado como o local das nossas melhores possibilidades humanas.

Durante a pesquisa foram utilizados diferentes tipos de documentos — os depoimentos, os registros escritos e as imagens — considerando a especificidade de cada um e assumindo que a escolha e a interpretação desses documentos não é neutra. E que, segundo Le Goff (1996, p.545), qualquer documento é repleto de intencionalidade, não é qualquer coisa que fica por conta do passado, pois é produzido pela sociedade segundo a correlação de

forças existentes no momento da sua produção, momento este que é do passado e do presente.

OS DEPOIMENTOS: CONSTRUINDO HISTÓRIAS DE VIDA

No trabalho com os depoimentos do passado foi considerado que a memória se atualiza sempre a partir de um ponto no presente, trazendo o vivido posteriormente ao que está sendo relatado; que o momento de rememoração age como um filtro, selecionando as lembranças que serão salvas do esquecimento; e que o significado desses depoimentos está no presente, no momento em que eles ocorrem.²

Os depoimentos foram iniciados com Henrique de Oliveira Jr., que na época ocupava o cargo de encarregado do Serviço de Cinema Educativo, a quem solicitamos a indicação de outras pessoas para entrevistar. O primeiro contato foi praticamente igual em todos os depoimentos, isto é, através de um telefonema, quando o tema da pesquisa era explicado e então marcado o primeiro encontro.³

-
2. Sobre o trabalho com depoimentos orais ver de Zeila de B. F. Demartini, "Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais", *Revista Portuguesa de Educação*, 8 (1), 1995. Universidade do Minho, p.5-20; e "Trabalhos com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa", *Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância*, n. 47, 1997. E de Alice Beatriz da S. G. Lang, "Documentos e depoimentos na pesquisa histórico-sociológica", *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*, Texto 3, São Paulo, CERU, 1992, p.78-96.
 3. Foram gravados os depoimentos de: Bráulio Mendes Nogueira (chefe da Seção de Difusão Cultural); Francisco Alfredo (morador do bairro São Bernardo desde 1949); Francisco Alves Correia (presidente do Clube dos Agrônomos em 1949); Gilberto de Biasi (fotógrafo); Henrique de Oliveira Jr. (encarregado do Serviço de Cinema Educativo); e

Foi estabelecido um roteiro com questões abertas que foram feitas de acordo com o ritmo do relato, o qual era iniciado solicitando que a pessoa falasse sobre a sua vida em Campinas nos anos 40 e 50. O final da Segunda Guerra foi utilizado como o ponto de situação em que seria iniciado o relato, o que não eliminou a possibilidade de depoimentos serem construídos espontaneamente, como ocorreu com um dos depoentes que preparou um roteiro escrito e iniciou o seu relato no século passado, com a vinda de seu avô de Portugal para o Brasil. Iniciar os depoimentos com uma questão ampla permitiu verificar qual a seleção das lembranças que era realizada nesse primeiro momento do depoimento, revelando assim não só o que foi definido como mais significativo mas também uma certa hierarquia dessas lembranças. Por exemplo, quando o assunto era sobre a vida cultural da cidade, foram relatadas as atividades de teatro, de música, as exposições de artes plásticas, sendo que nesse momento não estava incluído o cinema. Este era lembrado quando se perguntava sobre o que mais se fazia na cidade, ou melhor, como as pessoas se divertiam. E a resposta invariavelmente era: — *Nós íamos ao cinema*. Esta frase iniciava um relato longo e detalhado sobre a arquitetura das salas de cinema, sobre os filmes e o seu público, ficando claro que o cinema era um local para ver e ser visto. A memória sobre o cinema, apesar de muito presente, está junto com as coisas do dia-a-dia — junto com o passeio na praça, com os salões de jogos, com o pastelzinho do Giovanetti, com o bonde etc. —, não surgia na primeira vez em que se falava sobre a vida cultural na cidade de Campinas, vida que nos depoimentos está repleta de atividades de teatro, de audições música e de exposições de pintura.

Ruyrillo de Magalhães (diretor do Departamento de Ensino e Difusão Cultural). Foram também utilizados alguns depoimentos gravados pelo Museu da Imagem e do Som de Campinas, no Projeto de História Oral da Cidade de Campinas, sobre a demolição do Teatro Municipal Carlos Gomes, local em que funcionou o Departamento de Ensino e Difusão Cultural e onde ocorreu grande parte das exhibições de cinema do Serviço de Cinema Educativo.

O gravador era ligado a partir do momento em que expunha o tema da pesquisa, qual era a intenção da gravação do depoimento e definíamos como iríamos trabalhar. Em alguns momentos o gravador foi desligado, momentos em que estava sendo relatado um assunto que a pessoa considerava delicado ou polêmico e que portanto não gostaria de deixar registrado em seu depoimento. Este desconforto com a gravação era percebido não só pela alteração da voz, pelo silêncio prolongado ou pelas pausas na procura das palavras certas, mas principalmente pelo olhar que era dirigido ao gravador. Um olhar rápido e furtivo. Um olhar para não ser visto mas apenas para que a presença do gravador não fosse esquecida. Com o gravador desligado os relatos seguiram de forma tranqüila. As pessoas que já tinham tido a experiência de relatarem as suas memórias apresentavam um discurso mais organizado, mais cuidadoso em relação a questões de tinham sido polêmicas na época a que o relato se referia. Eram memórias que de alguma forma estavam mais organizadas ou “limpas”, sendo que em alguns momentos lembraram um discurso institucional. O ato de anotar, de escrever, provocou uma intervenção maior nos depoimentos se comparado com a presença do gravador. No momento em que alguma observação era escrita as pessoas paravam de falar, esperavam o final da escrita ou alteravam o ritmo do relato — incluindo explicações ou posições contrárias às que apresentaram — e freqüentemente repetiam o que tinham falado, ditando um texto. Talvez o fato de serem pessoas que exerceram profissões relacionadas a espaços letrados — advogado, professor, jornalista, agrônomo, contador —, faça com que elas atribuam um valor maior de documento ao texto escrito do que à gravação de seus depoimentos.

Após a realização deste conjunto de depoimentos, o resultado foi muito além de memórias sobre o Cinema Educativo: são histórias resumidas de vida, nas quais estão presentes, segundo os critérios dos depoentes, as experiências

mais relevantes que viveram. Foram anexados a este trabalho os depoimentos editados de Bráulio Mendes Nogueira, Henrique de Oliveira Jr. e Ruyrillo de Magalhães, pessoas que de diferentes formas participaram da existência do Cinema Educativo. Durante a edição desses depoimentos foram considerados apenas os relatos sobre a formação do depoente, a sua atuação profissional e/ou política e a sua participação nas atividades do Cinema Educativo. Foi mantida a mesma proporção, em relação a extensão, que cada assunto selecionado possuía no conjunto de depoimentos originais. Estão no mesmo parágrafo os textos referentes a um determinado depoimento, iniciando um novo parágrafo apenas quando o texto é parte de outro depoimento, o que não significa necessariamente que ocorra mudança no assunto que está sendo relatado. A situação em que o relato ocorreu está indicada no texto entre colchetes. O texto escrito foi mantido o mais próximo possível da linguagem oral, com a intenção de deixar registrados a emoção e o ritmo presentes em cada depoimento.

OS DOCUMENTOS IMPRESSOS: RECOLHENDO VESTÍGIOS

O conjunto de documentos impressos sobre os quais farei referência foi encontrado em diversos arquivos institucionais e pessoais. Nos arquivos da Prefeitura a inexistência de recursos humanos, físicos e financeiros está colocando em risco grande parte da documentação produzida pela administração municipal. Tradicionalmente em nosso país a implantação de políticas públicas com o objetivo de preservar e disponibilizar a documentação referente às administrações municipais não ocorre em razão de diversos fatores, sendo que o

mais divulgado é sempre a inexistência dos recursos citados anteriormente. Mas lembro aqui um tipo de prática política, comum às pessoas que assumem cargos nas administrações municipais, que é a de desconhecer e/ou destruir os vestígios dos que as antecederam. Nos anos 40 e 50, junto com o Departamento de Ensino e Difusão Cultural, é organizado um sistema de arquivo que além da documentação administrativa incluía um arquivo fotográfico e uma hemeroteca. Esse arquivo não irá resistir às mudanças ocorridas na administração municipal, restando atualmente apenas os seus vestígios.

Infelizmente depois da nossa saída de lá aquele cuidado de racionalizar acabou. Coincidentemente eu sou professor de Administração e então tentava racionalizar a administração. E era objeto de crítica, o pessoal achava que eu guardava muito papel, guardava muita fotografia e se criou assim uma indisposição da maioria dos funcionários para com a minha atitude muito enérgica, uma preocupação muito grande com os arquivos. Então quando eu saí houve uma verdadeira destruição propositada, uma espécie de revanche.⁴

Os documentos impressos utilizados possuem diferentes origens, são documentos oficiais (Relatórios de Governo, Anais das Sessões da Câmara Municipal, ofícios e processos administrativos), materiais publicados na imprensa (notícias e artigos assinados), publicações como guias da cidade, anuários, monografias e memórias que permitiram uma aproximação das propostas e da atuação do Cinema Educativo e da cidade em que esse projeto ocorre.

A bibliografia sobre a história de Campinas também foi uma das fontes utilizadas. Segundo Lapa (1997, p.68) nessa bibliografia vêm-se verificando duas linhas de interesse. Uma linha que teria a sua origem na polêmica entre os cronistas locais preocupados com a data da fundação da cidade, o seu fundador

4. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

etc. e uma segunda linha composta pelos estudos universitários desenvolvidos nos últimos anos. Esses estudos, na maioria, estão situados no século passado, sendo que os estudos que abrangem as décadas de 40 e 50 deste século privilegiam os aspectos do desenvolvimento econômico e urbano da cidade, com uma análise que quase sempre é iniciada no final do século XIX. Os trabalhos sobre cinema em Campinas estão voltados principalmente para a produção cinematográfica, mais especificamente sobre os ciclos dos anos 20 e 50. E sobre o consumo cinematográfico existem algumas indicações nas crônicas do cotidiano e nas pesquisas acadêmicas, momento em que o cinema estará entre os elementos que compõem o ambiente cultural do período a que se refere a pesquisa.

AS IMAGENS: MOVIMENTO ENTRE AS IMAGENS TÉCNICAS E AS MENTAIS

A relação que estabeleci no decorrer da pesquisa com as imagens de cinema e de fotografia ocorreu de forma diversa e os conflitos que surgiram propiciaram reflexões sobre como o meu olhar está construído histórica e culturalmente. Um olhar que, sendo o resultado de uma educação visual — um olhar formado e informado — buscou em muitos momentos pelas imagens que possuía internamente. Essa busca foi iniciada pelas imagens de cinema, pela busca dos filmes que foram cedidos pelo Consulado Americano para as exibições do Cinema Educativo. Quando o American Consulate General, através do United States Information Service (USIS), informa que há muitos anos não possuía os arquivos sobre as suas atividades na área de cinema nos

anos 50, que este setor havia sido desativado e seus arquivos descartados, surge a certeza de que seria quase impossível localizar e assistir a esses filmes no Brasil.⁵ Não localizar os filmes que foram exibidos, não poder assisti-los, não provoca em nenhum momento dúvidas sobre a possibilidade de continuidade da pesquisa. Talvez porque a necessidade de assistir a esses filmes estava baseada mais em uma curiosidade pessoal, pois a origem deles — filmes americanos produzidos no período da Segunda Guerra e no pós-guerra — fazia com que as suas imagens já existissem internamente no meu olhar.

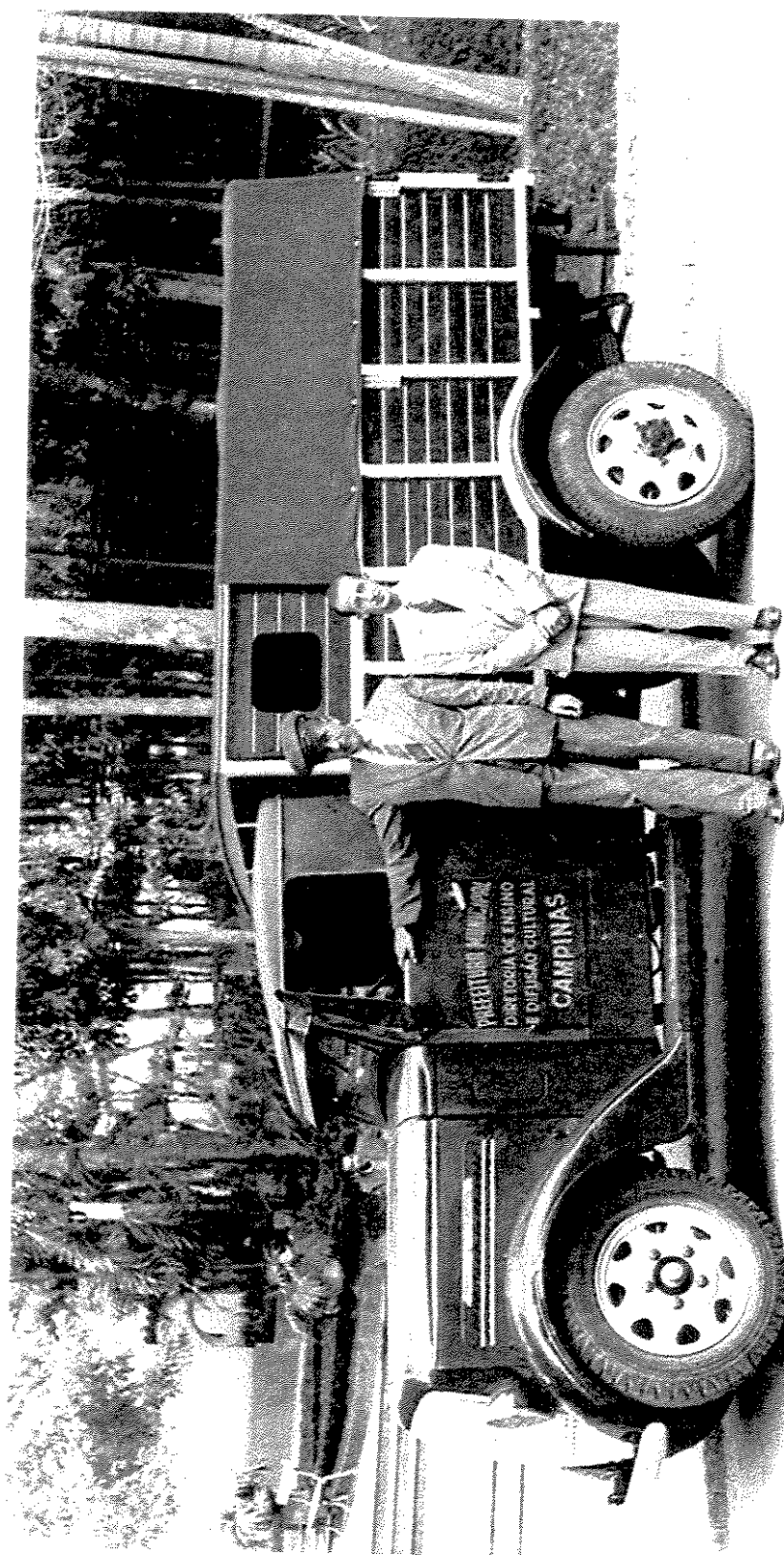
O mesmo não irá ocorrer com as imagens fotográficas. Na busca pelas fotografias do Cinema Educativo, a partir das informações sobre os locais, o dia e o horário das exibições, também as imagens não serão encontradas. E esse será o momento em que ocorre um conflito com o meu olhar, um olhar que buscava na fotografia a prova para a existência do tema pesquisado. Nesse momento a função de referente da fotografia estava predominando e, como não encontrava o registro dessas imagens, surge a sensação de que a realização do trabalho estava de alguma forma comprometida. Não estava procurando apenas as fotografias do Cinema Educativo, estava procurando uma prova, que faz com que aquilo que nos pareça duvidoso se torne certo a partir de sua presença. A única imagem encontrada sobre a existência do Cinema Educativo será produzida pelo fotógrafo Gilberto de Biasi com a finalidade de ser publicada em um jornal da cidade.⁶

Para entender este conflito com as fotografias não encontradas foi necessário recorrer a Dubois (1994), que ao discutir a questão do realismo fotográfico e de seu valor documental, destaca que é a fotografia, mais do que o

5. Ofício enviado pelo USIS/Consulado Americano, em 22 de maio de 1998. Para localizar os filmes exibidos foram contatadas, além do Consulado Americano, as seguintes instituições: Associação Alumni (São Paulo), Cinemateca Brasileira (São Paulo) e Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

6. Depoimento de Gilberto de Biasi, gravado em 19 de junho de 1998.

cinema, a representante do grau máximo de proximidade ao modelo fotografado, aumentando a dificuldade de se trabalhar com a idéia contrária, de que a fotografia é uma visão parcial ou particular do objeto fotografado. Recorri também a Gaskell (1992, p.264) que alerta para o fato de que o nosso passado recente é cada vez mais conhecido através de imagens parcialmente fortuitas e instantâneas. São imagens do passado realizadas principalmente através da fotografia, que é um dos aparatos que produzem com maior freqüência uma resposta emocional nostálgica, assegurando assim a docilidade política de uma determinada sociedade. É no movimento entre as imagens técnicas e as mentais que tomo a decisão de não utilizar as fotografias da cidade de Campinas como uma forma de reavivar a memória ou recolher novas informações no momento em que os depoimentos foram realizados. E que escolho as imagens apresentadas neste trabalho. São imagens escolhidas não para serem um olhar para o pitoresco ou para contar a história tal qual ela se passou. São ilustrações porque trazem “luz” ao texto escrito. E são texto no texto, considerando que o texto escrito foi sendo produzido junto com a seleção das imagens.



1. Caminhão adaptado para as projeções de cinema do Serviço de Cinema Educativo, da esquerda para a direita, Luis Malto (motorista) e Henrique de Oliveira Jr. (técnico). Bosque dos Jequitibás, Campinas-SP, 1949.

UM CINEMA PARA EDUCAR O CIDADÃO

No dia 22 de abril de 1949, no Teatro Municipal, às 19:30 horas, ocorre a primeira exibição de filmes realizada pelo Serviço de Cinema Educativo, da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural da Prefeitura de Campinas.¹ Na sua divulgação pelo jornal *Correio Popular* é destacado que as sessões de cinema irão ocorrer no Teatro Municipal, aos domingos, às 14 horas, com entrada franca. E que as exibições de cinema nos bairros e nas zonas rurais serão iniciadas quando o caminhão estiver equipado para levar

... o Cinema Educativo a todos os bairros, distritos e fazendas do Município num belo trabalho de penetração cultural, objetivando não só recrear as populações rurais como, ainda, ensina-las a melhor cuidar da terra através de filmes especializados sobre a necessidade de reflorestar, adubar e conservar o solo.²

O jornal *A Defesa* no artigo “Desvirtua-se o fim do Cinema Educativo e Rural”, atribui o crédito pelo funcionamento do Serviço de Cinema Educativo ao Consulado Americano, que colocou à disposição da Prefeitura uma máquina

-
1. A Diretoria de Ensino e Difusão Cultural criada em 1947 será transformada em Departamento através da Lei nº 758, de 3 de outubro de 1952.
 2. *Correio Popular*, “Marcado o início das atividades do cinema educativo da Prefeitura”, de 10 de abril de 1949.

de projeção e os filmes, e faz um apelo ao prefeito para que não deixe que ocorra o desvirtuamento da idéia original que inspirou a criação do cinema educativo e rural.

... o cinema educativo que já tem tudo para começar, inclusive técnico contratado, continua, por mercê das inefáveis contemporizações burocráticas, a esperar mínimas providências administrativas para entrar em funcionamento. E, quando todos esperavam que a Difusão Cultural teria maior empenho de estender a sua influência à zona rural e distrital, onde o cinema educativo será recebido com satisfação pelos moradores, heis que, persistindo em manter o caracter urbaníssimo de suas realizações, anuncia que fará funcionar aquele serviço no Teatro Municipal.

Seria preferível não começar ali esse novo trabalho da Difusão. É começar mal. O cinema educativo e rural tem que ir para os sítios, tem que chegar aos moradores dos subúrbios, dos bairros pobres, das fazendas, para ser coisa interessante. No Teatro Municipal ele vai começar com uma ducha de água fria que talvez mate a iniciativa. Muita (*sic*) pouca gente vai se lembrar de ir ao majestoso teatro para assistir filmes de 16 milímetros. Ademais o povo da cidade tem diversões já em quantidade mais ou menos satisfatória. O homem rurícola é que reclama e necessita de cinema.³

Recebe críticas da imprensa não só o local da primeira exibição do Cinema Educativo, no Teatro Municipal, mas a sua programação, que era composta por filmes cedidos pelo Consulado Americano. No dia seguinte à primeira exibição, o jornal *Correio Popular* elogia os serviços técnicos de Henrique de Oliveira Jr., relembra as finalidades do Serviço fazendo uma crítica ao não-início das exibições nos bairros e à programação apresentada.

3. *A Defesa*, "Desvirtua-se o fim do Cinema Educativo e Rural", de 20 de abril de 1949. O diretor de Ensino e Difusão Cultural, Ruyrillo de Magalhães, envia um ofício ao redator-chefe do jornal *A Defesa*, o vereador Nelson Omegna, esclarecendo a situação de organização do Cinema Educativo; este ofício será publicado pelo jornal no dia seguinte, 21 de abril de 1949.

A exibição de estréia, ontem, no Municipal, agradou a numerosa assistência, si bem que os filmes não fossem atualizados, girando mais sob temas guerreiros quando estamos em plena campanha pela Paz... Não faltou, todavia, um filme sobre o Museu de Belas Artes de Washington, magnífico documentário artístico. Para amenizar, foram projetados três desenhos que valeram a pena. O “Vida de Nazista” é uma obra prima de Disney.

Como estréia, o cinema educativo esteve bom. Urge uma programação mais condizente com a sua finalidade e com a época em que estamos vivendo e a observância da sua verdadeira finalidade, que é as projeções nos bairros e distritos.⁴

Na divulgação que a imprensa de Campinas faz do início das atividades do Serviço de Cinema Educativo estão questões relacionadas aos locais em que são realizadas as exhibições, aos filmes exibidos e ao tipo de público que esse Serviço tinha como objetivo atingir. São questões que estarão presentes durante todo o tempo em que esse Serviço irá funcionar na Prefeitura de Campinas, de 1949 a 1973.

4. *Correio Popular*, “O cinema educativo, ontem, no Municipal”, de 23 de abril de 1949.

O SERVIÇO DE CINEMA EDUCATIVO: UM PROJETO DE DIFERENTES INICIATIVAS

Na origem do Cinema Educativo estão algumas experiências com exibições de cinema realizadas pela Diretoria de Ensino e Difusão Cultural (DEDC). Nos Relatórios da Diretoria, referentes aos anos de 1947 e 1948, estão registradas as exibições de cinema educativo no Teatro Municipal e a intenção de intensificar essa atividade nos bairros, como uma forma de levar “... os benefícios dessa forma moderna de expansão cultural”.⁵ Essas exibições de cinema no Teatro Municipal contaram com a colaboração de pessoas da cidade, como o padre Casemiro Gomes de Abreu e o senhor Ruy Rodrigues, da Casa Eletro Rádio. O então diretor de Ensino e Difusão Cultural, Ruyrillo de Magalhães, registra em seu depoimento que procurava divulgar o projeto educacional e as atividades da Diretoria nos intervalos das exibições de cinema feitas pelo cinegrafista ambulante Germano Costa, que trabalhava no Largo do Rosário.

Ele viajava o Brasil inteiro e filmava, nos intervalos ele fazia mensagens dos comerciais exibindo umas plaquetas. Eu não sou técnico e não sei como era, eram umas plaquetas, por exemplo, onde ele escrevia “Use sabonete Gessy é o melhor sabonete para a pele”. Então ele punha lá o desenho do sabonete Gessy e projetava nos intervalos dos filmes, fazendo a propaganda daquilo. “Chapéus Cury, os chapéus dos 40 milhões.” E o comércio pagava. (...) consegui que ele gentilmente e naturalmente, subsidiado pelo comércio da cidade e pela indústria, fizesse algumas plaquetas de

5. Relatório da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, referente ao ano de 1947.

“Plante uma árvore frutífera no seu quintal”, “Leve o seu filho na escola municipal”, “A escola municipal foi aberta”, “Foi aberta a escola municipal no bairro da Boa Vista”. (...) aí foi a origem muito remota do que mais tarde seria o Cinema Educativo implantado.”⁶

A origem do Cinema Educativo estaria também na campanha política de 1947, quando o candidato a prefeito Mendonça de Barros, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), utiliza em seus comícios as exhibições de cinema feitas por Henrique de Oliveira Jr., como forma de reunir as pessoas para ouvi-lo.

Eu em cima de um caminhão, a gente levava o serviço de som e instalava. Eu trabalhava durante o dia como gerente da loja e às sete horas da noite eu saía para preparar os comícios. Diariamente isso foi feito. (...) Foi um sucesso porque segurava o povo, depois eram grandes oradores. O povo acreditava nos políticos. Políticos honestos na época. E aquilo foi vingando. Devido ao sucesso alcançado durante a campanha eleitoral o professor Nelson Omegna quis criar o cinema educativo. (...) Foi uma luta muito grande porque o José Spadaccia, que é de Valinhos, tinha cinema e ele foi contra. Ele “forçou a barra” contra a criação do cinema, contra o projeto. Depois foi aprovado o projeto.”⁷

Em 1948 o vereador Nelson Omegna ao apresentar o Projeto de Lei nº51, que criava o Serviço de Cinema Educativo, lembra que

... durante as nossas campanhas eleitorais vimos no centro e nos bairros um recurso interessantíssimo que é o cinema que foi muito bem acolhido pelo homem rural e pelo homem do bairro.”⁸

6. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

Não foram localizados os filmes ou “plaquetas” que foram exibidos pelo cinegrafista Germano Costa, no Largo do Rosário, e posteriormente pelo Serviço de Cinema Educativo.

7. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr., vide Anexo.

8. Ata da 8ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Campinas, realizada em 28 de fevereiro de 1948.

O Serviço de Cinema Educativo proposto pelo Projeto de Lei seria destinado “... a levar aos bairros e aos distritos os benefícios culturais proporcionados pela cinematografia”, atendendo às necessidades decorrentes das deficiências educacionais desses locais com a exibição gratuita de filmes apenas de caráter educativo e informativo. O projeto aprovado pela Câmara de Vereadores é encaminhado ao prefeito para sua promulgação em forma de lei. O então prefeito Miguel Vicente Cury veta o projeto com o argumento de ser este inconstitucional ao criar cargos, na época atribuição privativa do Poder Executivo. A Câmara acolhe o veto, após uma votação secreta que resulta em 21 votos a favor do veto e 6 votos contrários, e faz um apelo ao prefeito para que fizesse funcionar o Cinema Educativo com os recursos humanos e materiais já existentes na Prefeitura. E indica ainda a Diretoria de Ensino e Difusão Cultural como responsável para providenciar a organização da nova atividade, destacando que durante o episódio do veto ao projeto havia ficado claro que o Executivo não era contrário à idéia do Cinema Educativo.⁹

O prefeito Miguel Vicente Cury, do Partido Social Progressista (PSP), e uma Câmara Municipal composta por 31 vereadores foram eleitos em 9 de novembro de 1947. A filiação partidária não foi definidora da ideologia e da atuação política dos vereadores e prefeito eleitos. Na própria sessão de instalação da Câmara Municipal, em 1º de janeiro de 1948, ocorre um desentendimento entre dois vereadores do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) — Armando Ferreira dos Santos e José Alves Ferraz — e durante a discussão o primeiro declara que é vereador de Luís Carlos Prestes, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), destacando que apenas utilizou a legenda do PTB para

9. Processo nº 646. Indicação nº 28/49 do vereador Nelson Omegna, aprovada pela Câmara em 14 de janeiro de 1949.

participar das eleições.¹⁰ Na imprensa a atuação do prefeito Miguel Vicente Cury é definida como sendo a de um administrador.

O sr. Miguel Vicente Cury não tem o vício peculiar dos nossos políticos: prometer. Aliás, é necessário que se diga, S.Sa. não é um político. No cargo de Prefeito não aceita injunção partidária. Foi eleito por uma coligação de pessedistas, pessepistas, trabalhistas e comunistas e governa acima de todos eles, de acordo com o que afirmou por várias vezes antes de sua eleição. O Prefeito de Campinas é um administrador. Por sinal, um ótimo administrador, ponderado, justo e dinâmico. Teve lá os seus erros, não discutimos. Mas sempre agiu com a melhor das intenções. É o Prefeito que Campinas reclamava no momento. Mas, como íamos dizendo, S.Sa. prometeu um Cinema Educativo e cumpriu a promessa. Levou avante a iniciativa sem grandes despesas para o erário público.¹¹

Teremos um período de quase um ano entre a aprovação pela Câmara Municipal do Projeto de Lei de criação do Serviço de Cinema Educativo e o início da sua estruturação como uma iniciativa do prefeito. Através de um despacho do prefeito, em 23 de fevereiro de 1949, é contratado Henrique de Oliveira Jr. como encarregado do Serviço de Cinema Educativo. O despacho indicava que a contratação seria a título precário, com o pagamento de uma diária de Cr\$50,00, e cobrava as providências necessárias para equipar o caminhão, que ficaria à disposição do Serviço de Cinema Educativo.¹² Ficaram responsáveis pela implantação e pelo funcionamento do Serviço de Cinema Educativo o diretor de Ensino e Difusão Cultural, Ruyrillo de Magalhães, e o técnico Henrique de Oliveira Jr., que mesmo tendo trabalhado, exibindo

10. Ver *Anais da Câmara Municipal de Campinas*, 1948, p.11-38.

11. *Correio Popular*, "Exibição de filmes educativos nos bairros e distritos", de 19 de julho de 1949.

12. Ofício de Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, para o prefeito Miguel Vicente Cury, de 18 de fevereiro de 1949.

cinema, na campanha eleitoral do candidato Mendonça de Barros, adversário político do prefeito eleito Miguel Vicente Cury, será contratado.

*A minha formação é autodidata. Eu aprendi cinema acompanhando os amigos nas filmagens. Fotografia aprendi no laboratório que meu irmão tinha em casa. Eu gostava muito de cinema e observava muito. Depois eu ganhei muita experiência em fotografia e já foi meio caminho andado para fazer as filmagens, era só dar seqüência, dar movimentação e ter idéias. (...) Devido aos meus conhecimentos técnicos eles me contrataram. Era o prefeito Miguel Vicente Cury que ganhou a eleição, então o Dr. Mendonça falou com o prefeito Cury e eles me contrataram.*¹³

Os objetivos e a forma de funcionamento do Serviço de Cinema Educativo, de 1949 a 1955, estão registrados apenas na divulgação que a imprensa faz de suas atividades e nos relatórios anuais e ofícios da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural.

Há questão de um mês, essa Diretoria empreendeu uma importante iniciativa, criando o seu Serviço de Cinema Educativo, que consiste em proporcionar espetáculos cinematográficos ao ar livre, nas praças públicas da cidade, nos bairros e distritos, nos orfanatos, asilos, colégios e escolas do município, visando com isso um único objetivo: a educação popular, da qual o cinema é um dos mais poderosos e modernos veículos, desde que seja bem orientado. Levando a todos os recantos do município essa diversão sadia e instrutiva, a Diretoria de Ensino e Difusão Cultural está, certamente, cumprindo um dos pontos capitais de seu programa e realizando obra de acentuado cunho cívico-cultural.¹⁴

13. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr., vide Anexo.

14. Ofício de Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, para o diretor do Instituto de Cinema Educativo do Ministério da Educação e Saúde, de 7 de abril de 1949.

Na regulamentação do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, feita em 1955 através do Decreto nº 692, estão registradas as atribuições do Serviço de Cinema Educativo, em funcionamento desde 1949.

Ao Cinema Educativo compete:

1. exibir filmes de caráter educativo e recreativo em escolas, parques e recantos infantis, orfanatos, creches e bairros da cidade;
2. exibir filmes de caráter educativo e recreativo nas fazendas, sítios, granjas e distritos do município;
3. transmitir, por intermédio do seu aparelhamento de ampliação de som, espetáculos artísticos, conferências e cerimônias cívicas;
4. registrar, por intermédio de seu aparelhamento de gravação de som, discursos, conferências, audições musicais e festividades cívico-patrióticas, quando oportuno e necessário;
5. manter estreito contato com organizações cinematográficas, visando ao incremento das atividades do cinema educativo em Campinas;
6. encarregar-se da compra, aluguel e empréstimo de filmes, discos e demais materiais necessários às suas atividades;
7. realizar trabalhos de fotografia, cinematografia e gravações de som relativos a aspectos interessantes da vida social, econômica, educativa, cultural, política e histórica da cidade e do município;
8. zelar pela conservação do aparelhamento técnico e dos serviços a seu cargo, realizando os necessários trabalhos de retificação e reparos em geral;
9. realizar atividades e trabalhos de cooperação e colaboração com as demais Seções e Serviços do Departamento, que lhe forem determinados;
10. organizar e manter todas as demais atividades que possam concorrer para a perfeita execução das atribuições dos serviços a seu cargo;
11. apresentar mensal e anualmente relatório circunstanciado das atividades dos serviços a seu cargo.¹⁵

15. Decreto nº 692, *Dá regulamento ao Departamento de Ensino e Difusão Cultural (DEDC) e define as atribuições das suas seções, dos seus órgãos técnicos e administrativos e dos seus funcionários*, de 24 de setembro de 1955, Campinas, SP.

Como competência do Serviço de Cinema Educativo, nos itens 1 e 2, estão a exibição de filmes de caráter educativo e recreativo, os locais em que essas exibições serão realizadas, e a responsabilidade de manter contato com outras organizações com o objetivo de incrementar as atividades relacionadas ao cinema educativo, no item 5. São também competências desse Serviço as atividades de registro, através de fotografia, cinematografia e gravação de som, e o serviço de som. Do total das onze competências definidas acima, cinco são de ordem administrativa e/ou burocrática (os itens 6, 8, 9, 10 e 11).

Após a consulta ao *Livro de Protocolo* do Serviço de Cinema Educativo, com registros de 1950 a 1960, não há dúvida sobre o grande volume de trabalho que Henrique de Oliveira Jr., encarregado do Serviço de Cinema Educativo, tinha que realizar. Com conhecimentos técnicos nas áreas de cinema, sonoplastia e fotografia esse funcionário será solicitado para realizar trabalhos não só para a administração municipal mas também para as entidades educacionais e culturais da cidade, tendo que interromper, por diversas vezes, as exibições de cinema.

Este ano diminuiu o número de exibições de filmes, pois, contando o Cinema Educativo, deste Departamento, somente com um funcionário Encarregado, e tendo que atender a uma ordem verbal de V. Excia. no sentido de que fosse feito um documentário fotográfico completo da execução do novo Serviço de Águas, que vem sendo realizado pelo D.A.E., e, também dos Monumentos e Placas Comemorativas, para a monografia de Campinas, teve o mesmo que suspender por muito tempo as exibições a seu cargo.¹⁶

Nos arquivos administrativos da Prefeitura foram encontrados alguns ofícios em que o diretor Ruyrillo de Magalhães solicita ao prefeito a contratação de um técnico para auxiliar nas projeções de cinema. Essas solicitações não

16. Relatório do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, referente ao ano de 1952, p.41.

serão atendidas. E no *Livro de Protocolo* do Serviço, a partir de 1955, as solicitações para as projeções de cinema começam a diminuir, sendo substituídas pelos trabalhos de sonoplastia e filmagem.

*Por contingência política, acabou esse tipo de trabalho. Dificuldades, entende? (...) eu já não cuidava mais dessa projeção rural, projeção itinerante. A gente fazia a parte fotográfica, filmava as obras em demolição e fazia sonoplastia no Teatro Municipal.*¹⁷

O Serviço de Cinema Educativo irá existir no organograma da Prefeitura até 1973 quando, através da Lei nº 4.261, será transformado em Serviço de Som e Imagem, origem do atual Museu da Imagem e do Som de Campinas (MIS-Campinas).¹⁸ Castanho (1987, p.182) indica que, durante a definição do local em que estaria o Serviço de Cinema Educativo, surgiu a dificuldade da separação entre cultura e educação, isto é, a de se saber se o cinema educativo, como cinema, deveria estar na cultura ou, como educativo, ficaria melhor na educação.

... foi realizada uma reestruturação do quadro de funcionários e nessa ocasião eles aproveitaram e transformaram o Serviço de Som e Imagem para Museu da Imagem e do Som, abrangendo uma finalidade muito maior, muito mais importante para a cidade de Campinas. (...) Em 1976 foi inaugurado o MIS. E o MIS teve grandes atividades, foi muito importante na cidade, porque nós conseguimos, através do diretor Dr. José Alexandre dos Santos Ribeiro, a conservação dos projetores do Cine Castro Mendes, que era antigamente Cine Casa Blanca. Dois projetores ótimos que foram aproveitados no Cine Castro Mendes, e uma vez colocados esses projetores foi realizado um sistema de programação com filmes uma semana por mês, com a programação de filmes clássicos do cinema. O cinema em Campina, na época, estava decadente, a qualidade dos filmes não era boa. E eu consegui trazer a Dayse Peixoto Fonseca,

17. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr., vide Anexo.

18. Lei nº 4.261, *Reestrutura a Secretaria de Educação e Cultura e dá outras providências*, de 21 de fevereiro de 1973, Campinas, SP.

*que é cineasta, ligada ao cinema e conhece muito sobre cinema, e a gente fazia uma programação muito importante para o Castro Mendes e levamos um grande público para lá.*¹⁹

Para entender as mudanças que irão ocorrer nas atividades do Serviço de Cinema Educativo, principalmente a partir de 1955, é necessário saber quais serão os parceiros deste projeto e qual foi a sua capacidade de promover adesões.

No dia 10 de fevereiro de 1949 o jornal *A Defesa* informa sobre a vinda, no dia anterior e a convite da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, de uma “embaixada cultural” do Consulado Americano de São Paulo. Foi estabelecido um acordo de intercâmbio cultural, que compreendia as exhibições de cinema educativo e audições de música. No intercâmbio caberia ao Consulado Americano o fornecimento dos equipamentos (projetores e amplificadores de som), filmes educativos e recreativos e discos. E para a Prefeitura de Campinas ficou a contratação de um operador cinematográfico e disponibilização de um caminhão equipado para fazer as projeções de cinema.²⁰ O Consulado Americano, ao enviar os equipamentos, destaca que o equipamento deve ser bem aproveitado, sendo necessário fazer exhibições diárias em lugares diferentes e uma exhibição semanal, aos sábados, na União Cultural Brasil-Estados Unidos de Campinas.²¹ E solicita o envio de relatórios de acordo

19. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr., vide Anexo.

Henrique de Oliveira Jr. será diretor do Museu da Imagem e do Som de Campinas no período de 1976 a 1979, ano em que se aposenta.

20. *A Defesa*, “Uma embaixada cultural do Consulado Americano esteve em Campinas”, de 10 de fevereiro de 1949.

21. Os equipamentos emprestados ao Serviço de Cinema Educativo pelo Consulado Americano eram: um projetor cinematográfico para filmes de 16 mm sonoros, marca Victor (tipo 13, modelo 40) com respectivo alto-falante e amplificador de som embutidos, uma tela de marca Da-Lite, um carretel vazio para 1.600 pés de filme, um transformador

com um formulário-modelo anexado ao ofício. As exposições na União Cultural Brasil-Estados Unidos, combinadas para ocorrerem uma vez por semana, não serão realizadas porque não havia uma sala com o tamanho necessário, ficando estabelecido que a professora e seus alunos compareceriam às exposições realizadas no Teatro Municipal.²² Durante o ano de 1949 os relatórios são enviados para o Consulado Americano, junto com alguns recortes de jornais nos quais eram divulgadas as atividades do Cinema Educativo.

Como parte de um programa de intercâmbio, o Serviço de Informações dos Estados Unidos (USIS) organiza uma filmoteca com filmes de 16 mm, sobre os mais variados assuntos,²³ que serão emprestados através dos consulados e escritórios de representação diplomática americanos.

A finalidade de tal serviço, é tornar conhecidos os diversos aspectos da vida norte-americana, na indústria, nas ciências, nas artes, na agricultura, na economia, no trabalho etc., promovendo deste modo maiores possibilidades para o entendimento do sistema democrático dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, (...) visam contribuir para o desenvolvimento técnico e cultural do Brasil, quando se considera a natureza instrutiva que cada um de seus filmes contém.

Desde muitos anos, o Governo dos Estados Unidos executa programas de intercâmbio de conhecimentos e informações baseados

de 1 quilowatt de 220 x 110 volts Maloney Electric (tipo DF) e uma lâmpada sobressalente de 1.000 watts e 110 volts. Conforme o *Processo n.º 2675*, 1949, p.11.

22. Ofício de Joseph Privitera, adido cultural do Consulado Americano de São Paulo, para Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, em 20 de maio de 1949.

Ofício de Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, para Joseph Privitera, adido cultural do Consulado Americano de São Paulo, em 1 de junho de 1949.

23. No *Catálogo de Filmes de 16 mm*, publicado pelo USIS em 1958, os filmes estão relacionados de acordo com a seguinte classificação: agricultura (lavoura, pecuária e diversos), artes (música, pintura e diversos), aviação, bibliotecas e museus, ciências em geral, cooperação internacional, diversos, documentários noticiosos (Cine-Revistas e O Mundo em Foco), energia atômica, engenharia e técnica, ensino e educação, esportes, históricos, indústria, jornalismo e imprensa, medicina e cirurgia, panorâmicos, saúde e higiene, sindicatos e assuntos trabalhistas.

no princípio de que os povos quanto mais se conhecem mais amigos se tornam, porque mais se aproximam e mais se entendem.²⁴

RELATÓRIO DA EXIBIÇÃO CINEMATOGRAFICA
U.S.I.S. - Seção de Cinema
Rua Padre João Manoel, 20 - 1. andar
(Conjunto Nacional) - Fone: 32-2901

[illegible]

2. *Formulário para ser preenchido após cada exibição cinematográfica e enviado ao Consulado Americano.*

24. *Catálogo de Filmes de 16 mm*, USIS, 1958, p.3.

A utilização das imagens em movimento, do cinema, como uma eficiente forma para a divulgação de programas políticos e educativos não é pioneirismo da política americana do pós-guerra. Simson (1998, p.29) registra que o governo alemão patrocinou através da Representação do Serviço de Ferrovias do Império Alemão no Brasil um atuante serviço de cinema educativo como parte do programa de expansão da ideologia nacional socialista para as colônias germânicas. Com o objetivo de manter a tradição teuta entre os colonos, relatar as conquistas políticas, sociais e educacionais obtidas pela Alemanha e estabelecer uma religação entre as populações emigradas e a pátria de origem, através da produção de documentários produzidos no Brasil e divulgados na Alemanha, esse serviço de cinema educativo será organizado pela Associação Nacional dos Professores Teuto-Brasileiros. Com o nome de Serviço Teuto-Brasileiro de Filmes Culturais é iniciado, em 1933, no Rio Grande do Sul e rapidamente estendido para os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia.

Segundo Almeida (1931, p.174) outro projeto de utilização do cinema como meio de educação política ocorre na Itália em 1928, com a fundação do Instituto de Cinematografia Educativa. Na solenidade de abertura do Instituto, Mussolini faz um discurso no qual destaca que a grande vantagem do cinema em relação ao livro e ao jornal é falar uma língua compreensível a todos os povos da terra. “Falar aos olhos” seria a condição para as inúmeras possibilidades que o cinema oferece na realização de um projeto educativo de ordem internacional. No final dos anos 20 a Igreja Católica irá organizar, como parte do seu projeto de evangelização, os Congressos Católicos Internacionais de Cinema.

Nem sempre o cinema será utilizado como uma forma sedutora de “falar aos olhos” na realização de projetos políticos e educativos. A chinesa Jung Chang, no livro onde relata a vida de três gerações de mulheres da sua família, nos dá um exemplo de como o terror pode ser instalado na alma de uma pessoa através das imagens em movimento.

Como parte de sua educação, minha mãe e suas colegas tinham de ver noticiários cinematográficos do avanço dos japoneses na guerra. Longe de se envergonharem de sua brutalidade, os japoneses a exibiam como um meio de incutir o medo. Os filmes mostravam soldados japoneses cortando pessoas pela metade e prisioneiros amarrados a postes sendo despedaçados por cães. Os japoneses vigiavam as meninas de onze, doze anos, para assegurar-se de que elas não fechavam os olhos nem tentavam enfiar um lenço na boca para abafar os gritos. Minha mãe teve pesadelos durante vários anos por causa disso.²⁵

A parceria entre o Consulado Americano e o Serviço de Cinema Educativo será sempre divulgada pela imprensa como uma alternativa, para a falta de recursos do município, que possibilitou o funcionamento desse último.²⁶ E também nos depoimentos a participação do Consulado Americano é relatada apenas como uma opção para a obtenção dos filmes e equipamentos para as exposições, não significando o estabelecimento de nenhum tipo de vínculo político e/ou ideológico entre os parceiros.

25. Jung Chang, *Cisnes selvagens*, 1994, p.60.

26. Esta afirmação é decorrente da leitura dos artigos de jornais arquivados pela Diretoria de Ensino e Difusão Cultural durante o ano de 1949.

... nós conseguimos um empréstimo de uma máquina do Serviço Cultural do Consulado Americano de São Paulo e que nos enviava filmes geralmente sobre as façanhas americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Eram restos de guerra. E mandavam aquele material e no meio dele desenhos animados. Então isso naturalmente não estava no nosso escopo mas como nós estávamos querendo fazer e como diz o caboclo “cavalo dado não se olha a idade”, nós procuramos aproveitar aquela máquina e aqueles filmes. Para compensar essa falta de filmes nacionais e educativos nós passávamos esses filmes de guerra, passávamos esses desenhos animados, um ou outro filme natural que vinha dos Estados Unidos ou da Europa. Vinham algumas coisas interessantes.²⁷

A devolução dos equipamentos cedidos pelo Consulado Americano irá ocorrer em 1953, quando são solicitados pelo Consulado para que fossem substituídos por aparelhos novos que haviam chegado dos Estados Unidos. Não há registros sobre o envio dos novos aparelhos e a solução encontrada para a continuidade das exibições de cinema foi o empréstimo pelo prefeito Antônio Mendonça de Barros, de seu projetor de 16 mm (sonoro, marca Natco, modelo 139.1). Em março de 1954 a Prefeitura irá comprar um projetor de 16 mm.²⁸

É possível afirmar, através da documentação e dos depoimentos, que o Cinema Educativo foi uma atividade que não ficou restrita ao acordo com o Consulado Americano, envolvendo outras instituições e pessoas da cidade. A busca por filmes que não fossem apenas os enviados pelo Consulado Americano ocorre desde o seu primeiro ano de funcionamento, quando o Serviço de Cinema Educativo será inscrito no Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince) para o empréstimo de filmes, que serão transportados pela Central Aérea

27. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

28. *Processo n° 2675*, 1949, p.17-19.

Ltda., sem custo para a Prefeitura.²⁹ E ao Consulado da Inglaterra será solicitado o envio de filmes cinematográficos, que focalizassem a vida artística, cultural e socioeconômica da comunidade britânica.³⁰ Os filmes exibidos em 1949 foram cedidos pelo Consulado Americano, pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince), por Ruy Rodrigues da Casa Eletro Rádio, pelo jornal *Correio Popular*, pelo padre Casemiro Gomes de Abreu e por João Balan, da Foto Acadêmico. Henrique de Oliveira Jr. relata como a programação dos filmes era feita:

Eu tinha a relação de filmes do Consulado Americano e conforme a programação eu sempre tinha em mãos 10 a 15 filmes para selecionar. (...) Os filmes eram dublados, com legendas também. Eram narrados. Não tinha fita de enredo. A fita de enredo a gente alugava nas filmotecas, com legendas. Tinha um filme sobre o Grand Canyon que era uma beleza. Eles eram narrados em português. A narração já vinha pronta. Era importante o trabalho deles, eles tinham mais de 200 projetores espalhados pelo Brasil.

E a gente alugava de uma filmoteca em São Paulo, a Correia Souza Filmes, alugava um programa já montado, programa de 45 minutos com desenhos, comédias, shorts, musicais e educativos. (...) Os filmes brasileiros na ocasião eram difíceis, não tinham cópias em 16 mm e por isso nós tínhamos dificuldades de exhibir. Assim mesmo nós usávamos os documentários realizados pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo, do Rio de Janeiro.³¹

Eram exibidos também filmes documentários produzidos na cidade, como as filmagens da inauguração do barco *Carlos Gomes*, na Lagoa do

29. Ofício de Pedro Gouvêa Filho, diretor do Ince, para Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, em 10 de maio de 1949.

Ofício de Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, para Pedro Gouvêa Filho, diretor do Ince, em 22 de junho de 1949.

30. Ofício de Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, para o cônsul-geral da Inglaterra, em 26 de abril de 1949.

31. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr., vide Anexo.

Taquaral, e das festividades do dia 7 de setembro, com a missa campal, o desfile e a tarde turística no “prado” do Bonfim.³²

Na imprensa a divulgação das exibições do Cinema Educativo ocorria sempre na forma de um pequeno texto com o dia, o local e o horário, e a informação de que a programação era composta por “*filmes cinematográficos de caracter educativo e recreativo*”, não fazendo referência aos títulos dos filmes, que são definidos apenas como desenhos, comédias, musicais, *shorts*, educativos ou documentários.

ATIVIDADES ARTÍSTICAS

CINEMA EDUCATIVO NO TEATRO MUNICIPAL

Prosseguindo em suas atividades, a Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, por intermédio do seu Serviço de Cinema Educativo, exhibirá hoje, às 14 horas, no Teatro Municipal, um fino e bem selecionado programa de filmes cinematográficos, dedicado à garotada desta cidade. A entrada será franca.

3. Tipo de divulgação feita pelos jornais sobre as atividades do Cinema Educativo.

32. *Correio Popular*, “Exibições de filmes educativos pela D.E.D.C.”, de 19 de agosto de 1949. *Correio Popular*, “Um filme sobre as comemorações do 7 de setembro será exibido hoje no Municipal”, de 16 de setembro de 1949.

OS FILMES E AS LIÇÕES

Na sessão de estréia do Cinema Educativo, em 22 de abril de 1949, no Teatro Municipal, é exibido o desenho animado *Vida de Nazista (Der Fuehrer's Face)* produzido por Walt Disney em 1943. Esse filme, premiado com o Oscar, é resultado da participação dos Estúdios Disney, durante a Segunda Guerra, na realização de filmes de treinamento e reforço moral para o Exército e as agências do governo americano.¹ Nesse período a produção de filmes documentários sobre a América Latina era parte importante na estratégia do esforço de guerra americano. Os profissionais, diretores e equipes de técnicos, dos estúdios de cinema de Hollywood eram convidados a viajar para a América Latina, onde recolhiam material para a produção de seus filmes. No livro de Jagle e Cicloni (1943) é citada a visita que o diretor John Ford faz ao Brasil pela segunda vez, em junho de 1943, respondendo a um convite do governo brasileiro. Chefiando uma comissão de cinegrafistas, que foram incorporados ao *Office Strategic Service* da Marinha de Guerra norte-americana, o diretor percorre o país com o intuito de familiarizar-se com os diversos aspectos da cultura, indústria, comércio e agricultura, colhendo material para fazer a propaganda da nossa contribuição no esforço de guerra. Essa fusão de intenções e influências, que ocorre no contexto da Segunda Guerra, será conhecida como a “política de boa vizinhança”, conduzida através dos investimentos

1. Outros estúdios de cinema americanos produziram filmes com a temática antinazista nos anos 40 e 50. Como a Warner Bros que produz *Hitler Lives* em 1945 e a Metro-Goldwyn-Mayer que em 1952 produz *The Hoaxters*.

econômicos, da diplomacia e da glamourização da imagem da América Latina pelo cinema de Hollywood.²

Segundo Nazário (1996, p.56) essa política irá assegurar, no final da Segunda Guerra, um mercado mundial para a animação norte-americana, quando as suas produções irão chegar a todos os meios de comunicação: cinema, televisão, quadrinhos, livros etc. E o principal beneficiado com essas condições será Disney, que desenvolve diversas séries de desenhos com seus personagens mais populares, como Pato Donald (Donald Duck), Pateta (Goofy), Tico e Teco (Chip and Dale), Grilo Falante (Jiminy Cricket), Pluto e Minnie.

Outro filme de Walt Disney, que será bastante comentado pelos jornais em 1949, é o desenho animado *Rumo à América do Sul*:

... colorido e falado em português, com belíssimas cenas da capital do país e dos nossos costumes, apresentando também Argentina, Equador, Bolívia, México e Guatemala, com lindos trechos e lindas músicas.³

A produção desses filmes com temas latino-americanos é relatada por Walt Disney na entrevista em que “conta” a sua vida, publicada no livro de Jagle e Ciclioni (1943, p.145).

... durante minha última viagem aos países sul-americanos, inclusive ao Brasil, procurei fixar certos tipos para os meus futuros desenhos. No Brasil fiz observações em torno do papagaio. Para escolher as danças do “louro”, Jorge Murad e uma linda artista brasileira foram submetidos a testes coreográficos. Estudei atentamente os movimentos das pernas do par. Dei-lhes assim “Alô, amigos”, com o Zé Carioca e o Pato Donald. Na Argentina, colhi tipos locais interessantes e, na Bolívia e no Peru, observei a vida dos indígenas e

2. Sobre as relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial ver Gerson Moura, *Sucessos e ilusões*, 1991.

3. *Correio Popular*, “Exibições de filmes educativos”, de 31 de julho de 1949.

dos campônios. Nesse último país estudei também os hábitos das lhamas.

É necessário perguntar aqui qual foi a metamorfose efetuada pelo estúdio de Walt Disney nos seus amigos da América do Sul? E se é possível a realização de um documentário no formato de desenho animado ou se o resultado estaria necessariamente reduzido a uma caricatura? Só podemos considerar a possibilidade de um documentário no formato de desenho animado, considerando-se até mesmo uma das virtudes do desenho animado que é a de animar, dar vida às coisas inanimadas ou dar uma vida diferente a coisas vivas, se a ilusão documental for rompida. Todo documentário, mais do que falar de um objeto, fala fundamentalmente da relação entre o seu produtor e esse objeto. Um documentário articula uma visão sobre o objeto, não capta a sua realidade pura.⁴ Para Schwarcz (1995, p.58) o que irá ocorrer na produção desses filmes e personagens é uma “via de mão dupla” onde a identidade local surge no interior de um movimento e de um olhar que vêm de fora para dentro e de dentro para fora. O samba, a capoeira, a mulata e o malandro carioca serão transformados em ícones, produzidos e reproduzidos interna e externamente. Quando o Zé Carioca, personagem criado por Walt Disney em 1942 para o filme “Alô, amigos”, apresenta as terras brasileiras para o Pato Donald, o mais famoso pato americano, o sucesso será tão grande que três anos depois ele voltará às telas no filme “Você já foi à Bahia?”, filme que irá apresentar para o público norte-americano as belezas da terra de Carmen Miranda, através de um personagem que é a síntese local do “bom malandro”.

Na “via de mão dupla” é necessário lembrar a experiência do diretor Orson Welles que, no início dos anos 40, chega ao Brasil para filmar um

4. Sobre a produção de documentários ver Antonio Costa, *Compreender o cinema*, 1989, e Ana Cristina César, *Literatura não é documento*, 1980.

documentário sobre o Carnaval. Sem um roteiro estabelecido, Orson Welles será auxiliado nas filmagens por Grande Otelo e Herivelto Martins. E quando decide subir os morros do Rio de Janeiro para saber como nascia o samba e filmar a história dos jangadeiros do Ceará, no episódio “Quatro homens e uma jangada”, perderá o apoio financeiro do seu estúdio e do governo brasileiro. Nas palavras de Grande Otelo, os Estados Unidos tinham mandado o homem errado para fazer o filme que esperavam. Sem o apoio da *Paramount Pictures* e do governo brasileiro, sem poder contar com a “via de mão dupla”, o diretor Orson Welles consegue terminar as filmagens mas não consegue editar o seu filme. Filme esse que, na sua origem, foi para Orson Welles apenas uma encomenda da *Paramount Pictures*, o estúdio em que estava trabalhando.⁵

Nos anos 40 e 50, Hollywood será uma formidável máquina para as produções que nascem da “Guerra Fria”, mas que também irá sofrer as dúvidas e conflitos desse momento.⁶ O paradoxo vivido pelo cinema americano estaria na impossibilidade de uma produção homogênea, pois um filme é um produto que vai além do assunto que ele registra ou da forma como é construída a sua narrativa, um filme é também o olhar que seu autor lança sobre o mundo.

O jornalista Bráulio Mendes Nogueira como chefe da Seção de Difusão Cultural, da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, não terá uma atuação direta nas atividades do Cinema Educativo, talvez este distanciamento possa ser explicado pelo fato de que sendo militante comunista, teve algum tipo de reserva à exibição de determinados filmes cedidos pelo Consulado Americano.

5. *E' tutto vero* (It's all true). Produção de Régine Konckler e Jean-Luc Ornières. Lucky Red. documentário. (vídeo)

6. Sobre os filmes americanos produzidos entre 1945 e 1960 ver Olivier-René Veillon, *O cinema americano dos anos cinquenta*, 1993.

*Para o Serviço de Cinema Educativo o Consulado Americano fornecia os filmes. Durante a guerra, por exemplo, eles distribuíam filmes contra os alemães. Tinha até filmes de propaganda, um romance entre uma russa e um americano. Todos os filmes daquela época eram contra o nazismo e aquela euforia toda. E o Consulado Americano tinha muitos desenhos animados. Tinha uns desenhos muito bons. Então o Consulado Americano fazia um amplo trabalho antinazista e, depois da guerra, anticomunista também.*⁷

O tipo de filme e a sua origem, isto é, quem o produziu, aparecem nos depoimentos como questões sem importância para os organizadores do Cinema Educativo. Se são filmes cedidos pelo Consulado Americano ou pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo é uma questão relacionada apenas com a disponibilidade desses filmes. No quadro, anexado no final deste texto, está registrado que em diversas ocasiões um mesmo filme foi cedido para a exibição por diferentes instituições e/ou pessoas. Para o diretor de Ensino e Difusão Cultural, Ruyrillo de Magalhães, será através da forma como ocorriam as exibições de filmes que o Cinema Educativo realizou o seu projeto de educação, que transmitiu as suas lições.

... no começo nós organizamos aquilo mais ou menos como se fosse um auditório de rádio mas com cinema. Eu comparecia e falava: "Senhoras e Senhores a Prefeitura Municipal de Campinas, através do Serviço de Cinema Educativo e do seu Serviço de Som, tem o prazer de cumprimentar todos os presentes, principalmente as crianças das nossas escolas e parques infantis que aqui comparecem. Vamos a seguir assistir a alguns filmes que nos foram cedidos pelo Serviço Cultural do Consulado Norte-Americano, sediado em São

7. Depoimento de Bráulio Mendes Nogueira, vide Anexo.

Paulo. E em seguida vamos transmitir algumas mensagens através de filmes que serão exibidos. De forma geral nós queremos lembrar que aqui estamos num esforço para melhorar os índices de educação da população em geral e dos nossos alunos em particular. Vamos assistir aos filmes”. Não ficava muita falação. Por exemplo, se tinha um filme da Itália “As forças americanas invadem a Sicília”, estou me lembrando agora, e apareciam alguns templos italianos, olivais, plantações de olivas, se via o mar, se via montanhas. Então aquilo para nós é o que chamamos hoje de gancho em televisão, dizíamos: “Vocês acabaram de ver a Sicília. Quem aqui é neto de italiano?”. Muita gente era e então: “O seu nono, o seu avô deve ter nascido lá na Sicília. A Sicília é uma das terras mais belas da Itália, tem grandes plantações de olivas, tem plantações de limoeiros, laranjas. Olha isso é muito bonito, italiano faz isso. Nós aqui em Campinas moramos em casas e quase todas têm grandes quintais. Por que não vamos plantar uma árvore de laranja? É fácil. A gente pega uma semente de laranja e põe na terra e faz germinar. No Parque vocês já aprenderam?”. A criançada respondia: “Aprendemos”. Por que nós já tínhamos dado a aula no Parque através dos Clubes Agrícolas. “Você pega um caroço de abacate, põe dois preguinhos, um de cada lado e põe num copo com água e ele cria raízes. E quando ele estiver com raízes, tiver um brotinho, você faz um burquinho no fundo do quintal e planta o seu pé de abacate. O abacate é muito nutritivo além de ser gostoso.” Então fazíamos a Campanha de “Plante uma Árvore no seu Quintal”. Outra coisa: “Você quando andar na rua e verificar uma casca de banana — que era muito comum naquele

*tempo — pegue e tire da calçada. Você pode quebrar uma perna”.
Eram essas as lições.⁸*

Para uma aproximação maior com os filmes que serviram de “gancho” para as lições do Cinema Educativo, foram transcritas, no quadro a seguir, as informações sobre alguns filmes exibidos que estão no *Catálogo de filmes de 16 mm*, editado em 1958 pelo USIS, e no *Catálogo de filmes de 16 mm* do Instituto Nacional de Cinema Educativo. E a relação, anexada no final deste texto, que foi feita a partir dos ofícios encaminhados pelo encarregado do Serviço de Cinema Educativo, Henrique de Oliveira Jr., ao diretor de Ensino e Difusão Cultural, Ruyrillo de Magalhães, para informar sobre cada exibição que iria realizar. Esses ofícios eram então encaminhados, pelo diretor, ao prefeito para “tomar conhecimento”. Essa prática administrativa permitiu que fossem conhecidas algumas informações sobre os filmes, os seus títulos e sobre quem os cedia para as exibições realizadas em 1949. Este foi o único ano do qual foi encontrado esse tipo de documento.

8. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

Informações sobre alguns filmes exibidos pelo Cinema Educativo

-
- Alaska, terra da promessa** (Alaska's silver millions) P&B 33 min. - Descrição de uma das principais fontes de riqueza do Alaska: a pesca do salmão. Mostra os vários processos de pescá-lo e sua industrialização.
- Enfermeiras em formação** (Nurses in training) P&B 15 min. - Descreve o curso de formação profissional de uma enfermeira; seus estudos iniciais e suas observações; aulas práticas em laboratórios e hospitais; em trabalhos de responsabilidade, como auxiliar nas intervenções cirúrgicas; terminando o curso, recebe o seu diploma e inicia o exercício da profissão.
- Excursão ao longo do Rio Hudson** (Hudson river day line) P&B 10 min. - Passeio diurno de barco ao longo do Rio Hudson; partida de Nova York, rápida visão panorâmica das regiões ribeirinhas percorridas. Piquenique no parque de "Bear Mountain". Passagem por West Point. Escala em Hyde Park. Regresso a Nova York.
- Fronteiras universitárias** (Campus frontier) P&B 15 min. - O ensino profissional nas universidades americanas através do exemplo do Antioch College, de Yellow Spring, Ohio.
- Malária, guerra aos mosquitos** (Winged scourge) Colorido 10 min. - Desenho animado de Walt Disney, apresentando um estudo sucinto sobre o impaludismo: como é transmitido; males que acarreta; métodos diversos de combater o mosquito transmissor da moléstia. Os Sete Anões são os personagens centrais da história.
- Mundos invisíveis** (Unseen worlds) P&B 10 min. - Funcionamento e campo de aplicações do eletromicroscópio, importante auxiliar das pesquisas de caráter científico.
- O Imigrante** - Comédia de Charles Chaplin (2 partes).
- O nono estado da União** (Ninth state) Colorido 7 min. - Documentário colorido mostrando lugares e edifícios históricos, aspectos das atividades agrícolas, artes e indústrias deste atraente Estado, cuja denominação de "Nono Estado" provém do fato de ter sido o nono Estado a declarar sua independência.
- O vagabundo** - Comédia de Charles Chaplin (2 partes).
- O vaqueiro** (The cowboy) P&B 10 min. - Descreve a criação de gado em larga escala como uma fonte importante de suprimento de alimentos nos Estados Unidos. Narra a história de um menino inglês que visita uma fazenda da região ocidental dos Estados Unidos, encontrando o "Oeste Bravio" substituído por vaqueiros progressistas e trabalhadores. Cenas da vida de fazenda, da criação de gado e da conservação da terra por meios científicos.
- Penicilina** - Documentário sobre as principais fases da fabricação do conhecido e poderoso antibiótico.
- Ponteio** - 2º movimento do concerto para piano e orquestra de Hekel Tavares. Panoramas das praias do nordeste.
- Roma** - Aspectos da cidade com seus edifícios e esculturas mais imponentes. O Vaticano. Filmado em 1938, pelo sr. Humberto Mauro.
- Técnica da bola ao cesto** (Basketball technique) P&B 8 min. - Demonstração da técnica do jogo de basquete, filme interessante tanto para principiantes como para jogadores experimentados. Seqüências em câmera lenta.
-

Filmes citados nos ofícios emitidos pelo Serviço de Cinema Educativo em 1949

Nº de citação	Nome do filme	Informação sobre o filme registrada nos ofícios	filme cedido
12	Índios e invenções	desenho	Consulado Americano Ruy Rodrigues
12	Paradas esportivas	<i>short</i>	Ruy Rodrigues
9	Viagem pela América do Sul	colorido de W. Disney	Consulado Americano
8	Técnica da bola ao cesto	educativo	Consulado Americano
6	Guerra aos ratos	educativo	Consulado Americano
6	O rio Hudson	<i>short</i> - colorido	Consulado Americano
6	Rainha das abelhas		Consulado Americano
5	A história de Lincoln Tunnel		Consulado Americano
5	No mundo das plantas	colorido	Consulado Americano
5	O circo chegou	<i>short</i>	Correio Popular Ruy Rodrigues
5	O imigrante	com Charles Chaplin	Consulado Americano Ince
5	Plantação da borracha no Amazonas		Consulado Americano
4	Aspectos do Brasil	<i>short</i> , technicolor, de cotação ótima	Consulado Americano
4	Chamas entre cinzas		Consulado Americano
4	Diabruras de um chimpanzé	comédia, infantil	Correio Popular Consulado Americano
4	Melodias universais	<i>short</i>	Consulado Americano Ruy Rodrigues
4	O nono estado da União		Consulado Americano
4	O rastro das guerras		Consulado Americano
4	Paradas de aventuras		Padre Casemiro Consulado Americano Ruy Rodrigues
4	Rodeios no far-west	<i>short</i>	Ruy Rodrigues
4	Swing - ritmo	desenho animado	Correio Popular
3	Abelha mestra	educativo	Consulado Americano
3	Alaska, terra da promessa	<i>short</i> , documentário, educativo	Consulado Americano
3	Aviões de bombardeio		Consulado Americano
3	Mulheres na Marinha	educativo	Consulado Americano
3	Navios da vitória		Consulado Americano
3	Noroeste dos EEUU		Consulado Americano
3	O silêncio é de ouro	educativo	Consulado Americano
3	Os estudantes e a guerra		Consulado Americano
2	Caçadas na África	<i>short</i>	Ruy Rodrigues
2	Campeões do exército		Consulado Americano
2	Danúbio azul	<i>short</i> musicado	Correio Popular
2	General Eurico Gaspar Dutra	educativo	Consulado Americano
2	Mundos invisíveis	educativo, sobre microscópio eletrônico	Consulado Americano
2	O caloteiro	desenho animado	Ruy Rodrigues
2	Ponteio	educativo baseado em música folclórica brasileira	Consulado Americano Ince
2	O vagabundo	comédia de Carlitos	Ince
2	Pronto-socorro	educativo	Consulado Americano

A batalha do aço		Consulado Americano
A luta entre um tigre e um leão		Ruy Rodrigues
Alimentação do E. Americano		Consulado Americano
Brasil	filme colorido sobre o Rio de Janeiro e estados do Nordeste	Consulado Americano
Bud Abott e Costelo		Ruy Rodrigues
Diversões aquáticas		Ruy Rodrigues
Educação em uma democracia		Consulado Americano
Enfermeiras em formação		Consulado Americano
Enfermeiras para as Américas		Consulado Americano
Ensinando enfermeiras		Consulado Americano
Esportes em marcha		Ruy Rodrigues
Fronteiras	pequeno faroeste	Ruy Rodrigues
Fronteiras universitárias	educativo	Consulado Americano
Hora da vitória		Consulado Americano
Melodias mexicanas	comédia	Ruy Rodrigues
Modelos Anatômicos		Consulado Americano
O dia 7 de setembro em Campinas	reportagem de João Balan	F. Acadêmico
O ensino secundário nos EEUU		Consulado Americano
O espírito de Nobel	short sobre o inventor da dinamite	Consulado Americano
O Estudo Sec. nos E. Unidos	educativo	Consulado Americano
O Oeste Americano		Ruy Rodrigues
O petróleo		Consulado Americano
O vaqueiro	cenários interessantes do oeste americano	Consulado Americano
Os agricultores e a guerra		Consulado Americano
Papai Noel	short alegre	Ruy Rodrigues
Penicilina	educativo	Ince
Roma, cidade eterna	short	Ruy Rodrigues
Tecnologia - o alumínio	educativo	Ince
Transportes	instantâneos de comboios	Consulado Americano
Uma caçada na África		Ruy Rodrigues

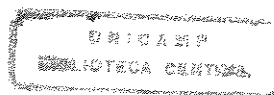
Fonte: Ofícios emitidos pelo Serviço de Cinema Educativo durante o ano de 1949.

O TEATRO E O BAIRRO: LUGARES DE CINEMA

Durante o seu primeiro ano de funcionamento o Serviço de Cinema Educativo realiza 70 exhibiões em diversos locais do município. Do total de exhibiões metade, mais especificamente 31, acontece no Teatro Municipal, com uma programação que ocorria às sextas-feiras, à tarde e à noite, e aos domingos pela manhã. Até ter à disposição um veículo adaptado para realizar as exhibiões nos bairros e distritos, suas atividades ficaram restritas ao Teatro Municipal e às entidades que solicitaram exhibiões de cinema: Asilo dos Inválidos, Sindicato dos Ferroviários da Zona Paulista e Centro Israelita Beth Jacob. O Asilo dos Inválidos dirigido pelo Dr. Manoel Alexandre Marcondes Machado, com a orientação do padre Casemiro Gomes de Abreu, solicita as exhibiões de cinema com o objetivo de tornar mais agradável a vida dos asilados. Na divulgação dessa exhibião está a informação de que, em breve, a Diretoria de Ensino e Difusão Cultural iria realizar exhibiões de filmes em todos os abrigos, creches, orfanatos e escolas da cidade e estender a sua ação até a zona rural do município.¹

Com um caminhão devidamente adaptado, as projeções foram iniciadas nos bairros no dia 18 de julho de 1949; será a 27ª exhibião do Cinema Educativo e que irá ocorrer na Vila Industrial. Iniciada às 19:30 horas, com um tempo da exhibião de 90 minutos, a programação era composta pelos filmes

1. *Correio Popular*, "Exibiões de filmes educativos nas escolas e estabelecimentos de benemerência da cidade. Uma oportuna e simpática iniciativa da D.E.D.C.", de 25 de maio de 1949.



Rainha das abelhas, *Paradas esportivas*, *Técnica de bola ao cesto*, *Melodias universais* e *Índios e invenções*. O Consulado Americano cedeu quatro dos cinco filmes exibidos, sendo que o filme *Paradas esportivas* foi cedido por Ruy Rodrigues, proprietário da Casa Eletro Rádio.²

A primeira exibição que ocorria em um bairro ou distrito era divulgada pela imprensa com destaque e sempre antecipada por uma solenidade com a presença de autoridades da administração municipal.

Ao ato inaugural das atividades do Serviço de Cinema Educativo, da D.E.D.C., estiveram presentes pessoas de representação social naquele Distrito, inclusive os Srs. Ruyrillo de Magalhães, Diretor da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, e Thomas Didona, subprefeito de Sumaré. (...) que exaltou, em nome do povo de Sumaré, a Prefeitura de Campinas pela feliz iniciativa de propiciar às populações da zona rural os benefícios decorrentes das exibições de filmes educativos.³

O mesmo irá ocorrer em Sousas na sua primeira exibição de Cinema Educativo, às 19:30 h no Largo de São Sebastião com a presença do subprefeito Ismael Carlos. E em Valinhos com o subprefeito Luiz Antoniazzi, em Barão Geraldo, na Vila Marieta etc.

Na avaliação das atividades do Cinema Educativo em 1949, são citadas as dificuldades encontradas: falta de aparelhos, caminhão obsoleto e antieconômico e falta absoluta de verbas próprias. Mas é destacado que, mesmo assim, o Cinema Educativo pode realizar a contento suas atividades graças aos esforços pessoais da Diretoria junto ao Consulado Geral Americano de São Paulo e ao Instituto Nacional de Cinema Educativo. Esforços pessoais que

2. Ofício de Henrique de Oliveira Jr., encarregado do Cinema Educativo, para Ruyrillo de Magalhães, diretor de Ensino e Difusão Cultural, em 18 de julho de 1949.

3. *A Defesa*, "Inauguradas ontem em Sumaré as atividades do Cinema Educativo da DEDC", de 21 de julho de 1949.

resultaram em exibições de cinema duas vezes por semana no Teatro Municipal e quando possível nos bairros e distritos do município, pois o caminhão necessário para essas exibições permaneceu, em média, 20 dias por mês sendo consertado na oficina municipal. Como não pôde percorrer a zona rural, a solução encontrada foi a de intensificar as exibições em recintos fechados e em locais considerados “de maior penetração cultural” como asilos, orfanatos, escolas, parques infantis, sociedades profissionais e sindicatos operários.⁴

Locais e total de exibições do Serviço de Cinema Educativo - 1949

Locais	Exibições
Teatro Municipal	31
Asilo dos Inválidos	4
Sumaré	3
Paulínia	3
Sousas	2
Vila Marieta	2
Bonfim	2
Joaquim Egídio	2
Vila Estanislau	2
Valinhos	2
Sindicato dos Ferroviários da Zona Paulista	1
Centro Israelita Beth Jacob	1
Vila Nova	1
Vila Industrial	1
Barão Geraldo	1
Grupo Escolar Prof. Antônio Vilela Jr. (Vila Industrial)	1
São Bernardo	1
Chácara Eglantina	1
Sede do Clube da Ponte Preta	1
Fazenda São João da Boa Vista	1
Associação dos Cirurgiões-Dentistas	1
8º D.C. da Força Pública	1
Sem informação do local	5
TOTAL	70

Fonte: Ofícios emitidos pelo Serviço de Cinema Educativo durante o ano de 1949.

4. Relatório da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, referente ao ano de 1949.

Uma aproximação maior com dois tipos de espaços onde ocorreram as exibições do Cinema Educativo, o Teatro Municipal e o bairro, será feita como forma de saber se a constituição desses espaços irá definir ou não o surgimento de diferenças entre o público que vai ao Teatro Municipal assistir à exibição do Cinema Educativo e o público que está no bairro onde o Cinema Educativo vai realizar a sua exibição.

O Teatro Municipal, criado por lei municipal em 1922, será inaugurado em 10 de setembro de 1930, no mesmo local do então demolido Teatro São Carlos, em frente da praça Rui Barbosa, entre as ruas Treze de Maio e Costa Aguiar. Após seis anos de funcionamento, com a vinda para Campinas de Henrique José Pereira, empresário artístico do Rio Grande do Sul, irá ocorrer um processo de popularização de seus espetáculos e do seu público.⁵

O Teatro Municipal, no começo de suas atividades, era considerado um “tanto elitista”, não atraindo o “povão”, que não se sentia bem naquele ambiente de requinte e luxo. Surgiu em Campinas, todavia, um empresário dinâmico e empreendedor, por volta de 1936, que “quebrou o encanto” do Teatro, promovendo espetáculos populares, que se iniciaram com a Companhia Norma de Andrade e da qual fazia parte o humorista João Rios, vivendo o papel muito engraçado de um turco.

Henrique José Pereira “dosava” com inteligência e habilidade suas atividades empresariais, trazendo para a cidade grandes companhias teatrais, como a de Dulcina Odilon, na representação da peça *Chuva*, Jaime Costa na *Morte de um caixeiro viajante*, Procópio Ferreira em *Deus lhe pague* e peças clássicas de Molière. Pianistas notáveis como Guiomar Novais, cantores do nível de um Tito Schipa e, ao mesmo tempo, companhias de um teatro mais popularesco, como o de Dercy Gonçalves, “shows” de artistas de rádio, com Carmem Miranda,

5. A popularização do público do Teatro Municipal, através da atuação do empresário Henrique José Pereira, está registrada em todos os depoimentos que foram gravados no Projeto de História Oral da Cidade de Campinas (MIS-Campinas).

Almirante, Vassourinha, Orlando Silva. Sem descuidar do teatro amador, que prestigiou intensamente, mormente na Semana Santa, com a representação de peça sacra *Nascimento e morte de N. S. Jesus Cristo*, com Carlos Maia e Vicente Ghilardi se revezando no papel do Nazareno. Também apoiou o teatro infantil, mormente os espetáculos dos alunos da escola da professora Noemia Asbahr. Em suma: Henrique José Pereira deu com o seu talento, sua dedicação ao teatro, sua experiência, uma inestimável contribuição à vida artística do Teatro de Campinas durante o tempo que aqui morou e viveu, estando sepultado no Cemitério da Saudade.⁶

A forma utilizada pelo empresário Henrique José Pereira para popularizar o público do Teatro Municipal estava baseada em dois “truques”: na venda antecipada de ingressos para as empresas, que os distribuíam aos seus funcionários; e nas apresentações de teatro amador que terminavam sempre com um coral, pois, tendo o coral cerca de 30 a 40 pessoas, apenas os seus familiares lotavam o Teatro.

Mesmo sendo freqüentado também por um público considerado popular, o Teatro Municipal continuará a ser considerado um local de distinção social. A marca de distinção social será mantida através de algumas práticas como, por exemplo, a existência de “frisas cativas” para os freqüentadores mais assíduos, o que significa dizer, para as famílias tradicionais da sociedade campineira. Através da realização de espetáculos destinados a um público “mais refinado”:

Em algumas apresentações o público popular não estava, por exemplo, na apresentação da pianista Guiomar, que apesar do Teatro lotado o público foi considerado mais refinado e o motivo seria o preço do ingresso. A presença popular era mais freqüente nas comédias, nesses dramas que levavam (...) porque os amadores levavam umas comédias e de vez em quando uns dramas. “Os

6. Bráulio Mendes Nogueira, *Campinas, as artes e seus valores*, 1993, p.60. Henrique José Pereira, além de ser empresário artístico, participa da campanha em favor da construção do aeroporto de Viracopos e será gerente da empresa Central Aérea, a primeira a realizar vôos diretos entre Campinas e Rio de Janeiro.

transviados”, por exemplo, uma peça que teve muito sucesso durante muito tempo aqui, de Amaral Gurgel.⁷

E mesmo nos espetáculos populares, quando o seu público procurava ser visto com “bons olhos”

... a gente tinha aquele capricho de sempre se apresentar bem vestido quando ia ao Teatro, para você ser visto com bons olhos. O Francisco Alves, por exemplo, ele esteve várias vezes em Campinas, naquela época a voz dele era imbatível, a Emilinha Borba, o Procópio Ferreira. A gente tinha até um grupo de teatro formado na própria Vila Industrial (...) E tinha também muitas atrações artísticas que vinham de outros estados para Campinas, querendo se projetar de alguma maneira, eles achavam que Campinas era terra da maior cultura que podia ter dentro do Brasil e nós nos orgulhávamos disso.⁸

O Teatro Municipal considerado, por todos os depoentes, como o “cartão de visita da cidade”, era também um local que “servia para tudo”, de bailes de formatura a Congressos Eucarísticos...⁹

... importante para a cultura popular de Campinas, por exemplo, o “Pérola Negra”¹⁰, um baile realizado no Teatro onde foi preciso cobrir todas as poltronas com madeira, mas era muito bem arrumado e organizado. Não havia problema e toda a sociedade campineira participava. Uma época muito boa!¹¹

Muita gente não aceitava o Teatro como popular. De fato era um Teatro finíssimo, até certo ponto eu concordo com isso, mas o povo

7. Depoimento de Bráulio Mendes Nogueira, gravado em 17 de julho de 1998.

8. Depoimento de Amadeu Teixeira, gravado em 11 de novembro de 1998.

9. O Teatro Municipal será demolido em 1965, durante a administração do prefeito Ruy Hellmeister Novaes.

10. Baile de Debutantes organizado pela comunidade negra da cidade nos anos 50.

11. Depoimento de Fernando Catani, gravado em 10 de novembro de 1998.

*estava acostumado com o Teatro, era a nossa casa, era o Teatro Municipal e acabou!!!*¹²

*É que o Teatro servia pra tudo, por que a cidade não tinha uma produção artística assim que pudesse comportar. Depois é que foram tirando as formaturas, que realmente não têm nada a ver com o Teatro, tem que ser noutro espaço.*¹³

O Grupo Vanguarda realiza sua primeira exposição no saguão do Teatro Municipal em setembro de 1957, causando um estranhamento no público acostumado apenas aos salões acadêmicos patrocinados pelo poder público, através da Seção de Difusão Cultural. Esse Grupo surge como uma proposta inovadora no campo das artes plásticas, mais especificamente na pintura. E segundo Campos (1996, p.37) as “inovações estéticas” foram mal recebidas por um público que talvez não tivesse conhecimento do que se produzia em outros lugares, que não conhecia ou não reconhecia a Arte Moderna como valor, como apreciação.¹⁴

Não há dúvidas de que o acesso de diferentes segmentos da população ao Teatro Municipal estava assegurado, mesmo considerando que isso significava apenas o acesso a determinados espetáculos, aos espetáculos definidos como “populares”. E de que o Teatro Municipal não era um espaço muito privilegiado em termos culturais, pois em seu ambiente predominava a produção e apreciação de uma arte comercial e acadêmica. Mas aqui não está sendo buscado o público dos projetos culturais de vanguarda que ocorreram nos anos 50, e que, de acordo com Lapa, estará em outros locais, como a Pontifícia

12. Depoimento de Durval Getúlio Vargas Biondi, gravado em 24 de setembro de 1998.

13. Depoimento de Léa Maselli Ziggiatti Monteiro, gravado em 28 de setembro de 1998.

14. Sobre o Grupo Vanguarda em Campinas nos anos 50 ver Crispim Antônio Campos, *Um olhar sobre o Grupo Vanguarda: uma trajetória de luta, paixão e trabalho*, Campinas, 1996.

Universidade Católica de Campinas (Pucamp), a Associação Campineira de Imprensa (ACI) e o Centro de Ciências, Letras e Artes (CCLA).¹⁵

Na relação de exhibições de cinema realizadas em 1950 e 1951, e que foi anexada no final deste texto, estão presentes 16 bairros que tiveram exhibições de cinema nestes anos. O Cinema Educativo irá encontrar nesses bairros os moradores de uma cidade que passa por grandes transformações, os quais serão os mesmos que compõem o público popular do Teatro Municipal.

Semeghini (1991, p.107-108) indica que no final dos anos 40, desencadeia-se um intenso processo especulativo imobiliário na cidade, com a formação de inúmeros novos loteamentos, localizados principalmente na zona sudoeste do município, próxima à via Anhangüera e ao Aeroporto de Viracopos, área de pequenas propriedades que sofriam o declínio dos preços do algodão. Para o autor esse é o momento em que começa a configurar-se a chamada *periferia* da cidade.¹⁶ Também nessa época, conforme indica Carpintero (1996, p.44-48), ocorrem a extensão e o adensamento da população dos bairros do Cambuí, da Ponte Preta, da Vila Industrial, do Taquaral, do Botafogo e do Guanabara, e a abertura do Jardim Chapadão, com a ultrapassagem da linha férrea da Mogiana. Na condição de bairros industriais e proletários desenvolvem-se a Vila Nova, o São Bernardo, a Vila Teixeira e a Vila Marieta. São construídos conjuntos para habitação operária: o IAPI, na Vila Industrial; o da Fundação da Casa Popular, no São Bernardo; e o da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Mogiana, no Bonfim.

15. Depoimento de José Roberto do Amaral Lapa, gravado em novembro de 1999.

16. Sobre a crise urbana e seus aspectos sociais ver Ricardo de Souza C. Badaró, *Campinas, o despontar da modernidade*, 1996; e Edemir de Carvalho, *Crise urbana e habitação popular em Campinas 1870-1956*, 1991.

Francisco Alfredo, morador do bairro São Bernardo desde 1949, lembra em seu depoimento o momento em que a sua família muda-se para o conjunto de casas populares construído pela Fundação da Casa Popular, e destaca que essa mudança foi a pior coisa que poderia ter acontecido para um jovem de 23 anos que morava a dois quarteirões do Largo do Rosário, área central da cidade. O bairro não tinha transporte, bonde ou ônibus, para o centro da cidade. Era necessário atravessar a pé o Matadouro para pegar o bonde da Vila Industrial ou descer a Av. das Amoreiras, na época apenas uma estrada de terra. A escola estadual do bairro, que funcionava num prédio cedido pela Prefeitura, não comportou o aumento dos alunos que vieram morar nas casas populares. Para este “morador de bairro” as exposições de cinema educativo no Teatro Municipal serão lembradas apenas quando chamadas de “cineminha do senhor Henrique”. E as exposições de cinema no seu bairro, São Bernardo, serão confundidas ou estarão juntas, em diversos momentos, com as lembranças das festas que aconteciam em torno da Igreja Católica do bairro. Grande parte de suas lembranças é sobre as brigas que ocorriam nos fins de semana, e que segundo o depoente eram resultado da não-existência, na época, de locais para diversão e trabalho no bairro São Bernardo, que tinha apenas duas vendas e os únicos locais próximos para se trabalhar eram o Matadouro e a Sericultura. O bairro fica então conhecido pelo nome de *Paralelo 38*, nome que foi inspirado

*... na guerra das duas Coréias, por causa das brigas nos fins de semana, com a turma do Bucheiro e a do Cerca Bode, que é o Bonfim. Lá no Bonfim existia muito bode e aqui [Vila Industrial] era o Bucheiro porque tinha o Matadouro.*¹⁷

O transporte coletivo na cidade era feito essencialmente por bondes elétricos até 1949, quando foi iniciada a circulação dos ônibus urbanos. Estes

17. Depoimento de Francisco Alfredo, gravado em 10 de julho de 1998.

atendiam os bairros Cambuí, Taquaral, Vila Nova, Bonfim, São Bernardo, Vila Marieta, Ponte Preta e Palheiro (Swift).



Bondes servem a população. A partir das 17 horas, o eterno problema de ir para o lar. Por todas as partes as filas.

After 5 o'clock p. m. the everlasting problem of going home. All over center lines waiting for transportation.

Cominciando dalle 17 ore, l'eterno problema per la conduzione di ritorno a casa. In tutti i punti centrali della città, esistono vere file indiane per prendere la conduzione.

4. Na Delegacia de Trânsito, anexa à Delegacia Regional de Polícia, foram licenciados, até 31 de agosto de 1949, os seguintes veículos de condução e transporte:

Automóveis: Particulares, 1.511; Aluguel, 249; Caminhões, 1.279; Ônibus, 45; Experiência, 13; Reboque, 2; e Carros Oficiais, 86.

Motocicletas: 53. Bicicletas: 1.133.

Carroças, de tração animal: 577.

Os veículos a motores somam, assim, em Campinas, 3.268.¹⁸

18. *Monografia Histórica do Município de Campinas*, 1952, p.540-541.

O centro da cidade irá ser modificado, ocorrendo o crescimento das atividades ligadas ao comércio de consumo imediato. A rua Treze de Maio tornara-se o centro comercial da cidade, com lojas de tecidos, moda feminina ou masculina, calçados, móveis, utensílios domésticos, discos, ferragens, bicicletas, óticas, armarinhos e toda a espécie de artigo de primeira necessidade. E os locais de moradia e trabalho sendo verticalizados nos novos prédios, anunciados como arranha-céus.



Modernos arranha-céus comerciais dão novo aspecto à cidade

Modern commercial Skyscrapers give to the city a new aspect.

Moderni grattacieli commerciali e residenziali danno un nuovo aspetto alla Città.

5. *Já bastante em voga na cidade o uso de construções do tipo arranha-céus, vivem os campineiros uma vida confortável, no centro da cidade, usufruindo dos benefícios da luz elétrica, água corrente, telefone e toda espécie de reunião social.*¹⁹

19. Alaôr Malta Guimarães, *Campinas em 1954*, 1954, p.38.

Concebido em Chicago na década de 1880, o arranha-céu é o resultado de um modelo de valorização dos terrenos pelo aumento de espaço para escritórios. Em nenhum momento da sua evolução o arranha-céu terá como elemento controlador do projeto a execução eficiente de negócios em condições favoráveis de saúde e capacidade de trabalho. Os estudos feitos pelo arquiteto George Ninnons, por volta de 1924, indicam que o aumento da altura dos prédios provoca dois tipos de problemas, o primeiro é que o aumento da densidade da população de ocupação dos prédios provoca o congestionamento do tráfego. E o segundo é a transformação da área próxima aos terminais ferroviários e de ônibus, que de zona residencial natural de visitantes passa a ser ocupada por prédios de escritórios.²⁰

20. Sobre o impacto dos projetos arquitetônicos modernistas nas cidades ver Lewis Mumford, *Arquitetura, construção e urbanismo*, 1965.

Locais, horário, público e número de exhibições realizadas pelo Cinema Educativo

Locais	1950			1951		
	Horário	Exibição	Público	Horário	Exibição	Público
Teatro Municipal	vesperais	24	14.068	vesperais	25	13.255
	à noite	35	32.545	à noite	36	29.230
	<i>total</i>	59	46.613	<i>total</i>	61	42.485
ACI	à noite	2	425	à noite	2	600
Aeroporto de Viracopos	--	--	--	à noite	1	190
Asilo dos Inválidos	à noite	2	415	--	--	--
Assoc. da FEB	--	--	--	à noite	1	260
Bairro Ponte Preta	à noite	3	885	--	--	--
Bonfim	à noite	10	6.570	à noite	10	6.015
Bosque	--	--	--	à noite	2	920
Botafogo	à noite	2	680	à noite	3	1.150
Cambuí	à noite	6	5.060	à noite	2	885
Chácara Eglantina	--	--	--	à noite	1	210
Chácara São Miguel	--	--	--	à noite	1	180
Clube dos Agrônomos	à noite	5	838	à noite	1	400
Clube Semanal Cultura	--	--	--	à noite	1	560
Colégio Culto à Ciência	--	--	--	à noite	6	897
E. C. Mogiana	--	--	--	à noite	1	480
F.C. Clube	à noite	1	195	--	--	--
Escola N. Carlos Gomes	--	--	--	vesperal	1	415
Faculdade de Filosofia	à noite	1	350	à noite	1	440
Fazenda Monte D'Este	--	--	--	à noite	3	2.955
Fazenda Pau D'Alho	--	--	--	à noite	1	270
Fazenda São Francisco	à noite	1	260	--	--	--
Foto Cine Clube	--	--	--	à noite	1	1.285
Grupo E. Arthur Segurado	--	--	--	à noite	1	160
Grupo Correa de Melo	à noite	2	425	vesperal	4	725
				à noite	3	605
Instituto Agrônômico	--	--	--	vesperal	1	84
Largo do Rosário	à noite	1	850	--	--	--
Palheiro (Swift)	à noite	7	2.460	à noite	3	725
Paulínia	--	--	--	à noite	1	610
São Bernardo	à noite	7	4.400	à noite	7	3.980
Soc. Luís de Camões	à noite	1	415	--	--	--
Soc. dos Mormons	--	--	--	à noite	1	360
Sociedade Reunidas	--	--	--	à noite	1	210
Taquaral	--	--	--	à noite	5	2.390
Vila Almeida	--	--	--	à noite	1	680
Vila C. Dutra	--	--	--	à noite	1	340
Vila Elza	--	--	--	à noite	5	2.710
Vila Estanislau	à noite	9	5.260	à noite	11	5.435
Vila Industrial	à noite	9	5.715	à noite	10	5.869
Vila Marieta	à noite	9	6.160	à noite	10	5.575
Vila Nova	à noite	5	2.430	à noite	7	2.650
Vila Teixeira	--	--	--	à noite	1	360
	<i>Total</i>	142	90.406	<i>Total</i>	173	94.065

Fonte: Relatórios Anuais de Atividades da Diretoria de Ensino e Difusão Cultura de 1950 e 1951.

O PÚBLICO: ESPECTADORES DE CINEMA

Quando perguntamos sobre qual era o público que o Serviço de Cinema Educativo tinha como objetivo, encontramos uma resposta no texto legal, no Decreto n° 692, que define que este público estará nas escolas, parques e recantos infantis, orfanatos, creches, nos bairros, nas fazendas, sítios, granjas e distritos do município de Campinas. É um público que os jornais irão definir, com mais precisão, como sendo composto por crianças e adultos da classe menos favorecida da cidade.

A D.E.D.C. por nosso intermédio, convida a todas as crianças das instituições de caridade, creches, orfanatos e escolas para assistirem aos ótimos filmes, de caráter educacional, que serão exibidos amanhã no vespéral.¹

Em virtude de estar ocupado o Teatro, não haverá vespéral no domingo próximo. Esclarece a D.E.D.C., desfazendo certas dúvidas que ainda persistem, que o cinema educativo do Municipal não é somente dedicado às crianças mas também aos adultos. O programa é organizado de maneira a satisfazer a todos, nunca fugindo ao seu objetivo cultural.²

... na próxima segunda-feira a D.E.D.C. continuará com suas atividades exibindo os seus programas educacionais e recreativos nos bairros da cidade e distritos do Município. O Serviço de Cinema Educativo conta com o apoio do Consulado Americano, podendo

1. *Diário do Povo*, "Atividades artísticas em Campinas", de 11 de maio de 1949.

2. *Correio Popular*, "Exibições de filmes educativos, hoje, no Municipal", de 13 de maio de 1949.

assim levar avante essa grande iniciativa, que muito beneficiará a classe menos favorecida desta cidade.³

Ao buscar o público, os espectadores, do Cinema Educativo, é necessário trazer para este texto a compreensão do que seja cinema, uma definição que esteve presente em todos os momentos desta pesquisa, e que considera o cinema uma

... produção da indústria e da cultura não acadêmica, produção complexa para o consumo e entretenimento de qualquer pessoa, de qualquer grupo social, para a qual basta levar o próprio corpo à sala de exibição, sentar e permanecer com os olhos abertos. Junto a todos os outros, permanecerá em quase imobilidade e absolutamente só. Talvez, por isso, o cinema seja a arte que melhor expressa e faz com que se expresse o viver contemporâneo urbano: estar só, estando junto. Uma solidão compartilhada com os personagens na tela.⁴

Sobre os espectadores do Cinema Educativo é divulgada a sua quantidade algumas vezes, nos jornais ou na correspondência da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural. É nos Relatórios Anuais da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural de 1950 e 1951, que são encontradas as informações mais completas, com o registro do local, da data e do público de cada exibição do Cinema Educativo. Com um total de 90.406 espectadores em 1950 e de 94.065 em 1951, as exibições do Cinema Educativo serão um pequeno sucesso de público se comparadas com o público que freqüentava as salas comerciais de cinema de Campinas.

3. *Correio Popular*, "Diretoria de Ensino e Difusão Cultural - Exibições de filmes educativos", de 3 de setembro de 1949.

4. Milton José de Almeida, *Cinema. Arte da memória*, 1999, p.xi

... a predileção popular é para os cinemas em número de sete, e dois em construção. Dos existentes, três deles têm telas panorâmicas e dos em construção, um terá cinemascôpe. Pode-se estimar em mais de 3 milhões o número de pessoas que passaram pelas bilheterias dos cinemas locais, em 1953.⁵

Esta comparação, entre o público do Cinema Educativo e das salas de cinema comerciais, não possui a força de indicar uma concorrência entre esses dois espaços de cinema, pois o público do Cinema Educativo, crianças e adultos da classe menos favorecida da cidade, é nesse momento também os espectadores das salas de cinema comerciais.

É necessário registrar também que nos depoimentos dos espectadores e organizadores do Cinema Educativo, as lembranças das exhibições de cinema não surgiram de forma espontânea, elas foram no decorrer dos depoimentos surgindo associadas às outras lembranças. As exhibições do Cinema Educativo foram associadas às lembranças relacionadas à atuação profissional do depoente ou à programação do Teatro Municipal.

... fui coroinha da Catedral — eu tenho que dizer isso — terminadas as rezas nas quintas-feiras, eu vinha correndo para o Teatro Municipal, porque nas quintas-feiras o Henrique de Oliveira Jr., muito conhecido em Campinas, passava o cineminha para a criançada. Lotava a platéia. A criançada não podia subir nas frisas e camarotes, mas a platéia ficava lotada. Era a alegria da criançada. Eram filmes de Carlitos, filmes do Gordo e o Magro, dos Três Patetas, desenhos animados, até propaganda ele punha ali. E no fim da programação, o Henrique dizia sempre a mesma frase, mais ou menos assim: — O Departamento de Ensino e Difusão Cultural da Prefeitura Municipal de Campinas agradece a presença de todos e os convida para a próxima quinta-feira. Era uma alegria danada!⁶

5. Alaôr Malta Guimarães, *Campinas em 1954*, 1954, p.58.

6. Francisco Mamoni, depoimento gravado em 22 de setembro de 1998.

Eu tinha uma equipe pequena, eu e mais um auxiliar, saíamos para fazer exibição de filmes nos bairros; também fizemos exibições no Teatro durante 5 anos, aos domingos das 10 às 12 horas, a Sessão Gazetinha, com entrada franca, para 1.100, 1.200 crianças. Foi um sucesso. Tem pessoas que até hoje encontram comigo e falam: — Que tempo bom era aquele que a gente assistia o cineminha no Teatro Municipal! E assim, fiquei trabalhando, depois fiz o trabalho de fotografar, filmar as demolições da cidade, os alargamentos de rua em 1955. (...) o Dr. Ruyrillo de Magalhães, que era o diretor, era vaidoso com aquele trabalho que ele fazia, era muito organizado, tinha um arquivo fabuloso e gostava que o trabalho aparecesse, me cobrava por isso. Eu fazia a locução e ele dizia: — Você vai ter que ir no palco e falar o prefixo do Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Que era assim: “Este é o Serviço de Som do Departamento de Ensino e Difusão Cultural da Prefeitura Municipal de Campinas, falando diretamente do palco do Teatro. Senhoras e senhores, boa noite!”.⁷

... no Teatro Municipal também teve um período de cinema, a gente saía do Instituto de Educação e ia assistir cinema. Tinha umas audições de música comentadas pelo Bráulio Mendes Nogueira, ele comentava à noite, a gente ia assistir também. Primeiro ele fazia uma preleção sobre o compositor, depois da música em si e depois a gente assistia às gravações ou à Sinfônica. (...) Eu acho que tudo que eu pude assistir no Teatro eu assisti.⁸

O público do Cinema Educativo é composto pelos espectadores de cinema. A cidade de Campinas, desde o final do século XIX, conhece as exibições cinematográficas, e freqüentar os locais onde elas ocorriam era parte da vida social da cidade. Eram locais onde as pessoas buscavam uma distinção social, norteadas pelos valores das sociedades européia e norte-americana. Irão contribuir para tornar o cinema acessível, não só a um grande número de

7. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr., vide Anexo.

8. Maria Luiza Silveira Pinto de Moura, depoimento gravado em 8 de outubro de 1998.

espectadores mas, principalmente, a todas às classes sociais, primeiro a abertura de locais construídos exclusivamente para as exibições cinematográficas. Os primeiros cinemas são o *Cine Bijou* e o *Cine Recreio* inaugurados em 1909. O *Cine Bijou* funcionava na rua Barão de Jaguará, nº 23. E *Cine Recreio* foi instalado, primeiramente e por pouco tempo, na rua Conceição e depois na rua Dr. Quirino com rua César Bierrenbach, desabando em 1911.⁹ Segundo, a realização de exibições de cinema, comum na cidade de Campinas, em locais que não estavam destinados à atividades consideradas culturais (teatro, livraria etc.), por exemplo as exibições realizadas à noite, pelo comerciante Alfredo Bonato em seu armazém.¹⁰ E terceiro, a Igreja Católica, que irá utilizar-se do cinema para realizar seu projeto apostólico, com as exibições no Salão Caritas e no Externato São João, local em que as exibições de cinema eram acompanhadas de uma orquestra dirigida pelo padre José dos Santos. A Igreja será proprietária de salas de cinema comerciais: o *Cine Santa Maria* inaugurado em 15 de dezembro de 1949 na rua Regente Feijó, de propriedade das “Filhas de Maria” e dirigido pelo monsenhor Moura. E o *Cine Santo Antônio*, instalado na Sociedade Italiana de Sousas, que funcionou de 1939 a 1942 e era de propriedade do padre Casemiro Gomes de Abreu.

O cinema desde a primeira década do séc. XX torna-se um lazer acessível economicamente, através do preço de seu ingresso, a vários setores da população, mas a diferenciação social de seus espectadores irá ocorrer na frequência aos espaços de exibição. Em Campinas os frequentadores do *Cine São Carlos* não serão os mesmos do *Cine Coliseu* ou frequentarão esses lugares de forma diferente.

9. As informações sobre as salas de cinema comerciais foram encontradas nas obras sobre Campinas, relacionadas na bibliografia deste trabalho.

10. Depoimento de Ana Lúcia Maia Bonato, em 30 de julho de 1998.

*No meu tempo a sociedade de Campinas tinha que freqüentar aos sábados o cinema São Carlos, a elite de Campinas ia para lá. Havia o desfile, exibição de chapéus, de vestidos etc. na entrada do cinema. Era no São Carlos aos sábados. Ai de quem deixasse de ir ao São Carlos, ao cinema São Carlos, aos sábados. Perdia prestígio na sociedade. Quem não fosse aos sábados no São Carlos estava fora da sociedade.*¹¹

*Coliseu era no formato de um circo, igual ao Rink. Eu não freqüentei porque o meu pai e a minha mãe não deixavam eu ir. Devo ter ido umas duas ou três vezes. Quando você voltava para a casa, você vinha coberto de pulga e percevejo. Era uma imundície. (...) Eu me lembro bem que nas portas, isso a minha mãe também não deixava eu comprar, ficavam uns tabuleiros de doces, brevidades, doce de batata etc. Eu nunca tive o prazer de matar a minha vontade de comer aqueles doces.*¹²

Nesse momento, início dos anos 50, os cinemas *Coliseu*, *Cine São Carlos* e *Cine Rink* já não estavam funcionando, mas são esses três cinemas que estão em todos os depoimentos, pois de alguma forma marcaram presença na vida dessas pessoas. O *Cine-Teatro Coliseu* inaugurado em 1905, em um rústico barracão em formato de circo sustentado por um poste no centro, na rua César Bierrenbach esquina com rua Irmã Serafina, teve uma programação composta principalmente de corrida de touros, artistas de variedades, companhias de revistas e comédias. Em 1916 são iniciadas as exibições com o cinematógrafo. E em 1944 ele é demolido e atualmente no seu local está a sede social do Clube Semanal de Cultura Artística. O *Cine São Carlos* inaugurado em 1924, em um sobrado da rua César Bierrenbach próximo à esquina do beco do Rodovalho, além das exibições de cinema apresentava espetáculos teatrais com artistas avulsos e companhias de vários gêneros. Em 1951 é interditado para reformas e não mais reabriu, sendo finalmente demolido. E o *Cine Rink* inaugurado em 31

11. Depoimento de Francisco Alves Correia, gravado em 13 de julho de 1998.

12. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, gravado em 22 de maio de 1998.

de julho de 1940, em uma esquina da rua Conceição com rua Barão de Jaguará, com o desabamento de seu teto em 16 de setembro de 1951 irá marcar profundamente a cidade. O desabamento ocorrido no *Cine Rink* é citado em vários depoimentos¹³ como um dos motivos pelos quais a cidade não se mobilizou, em 1965, contra a demolição do Teatro Municipal.

*O Teatro infelizmente foi derrubado pelo prefeito Ruy Hellmeister Novaes e a culpa também cabe a nós, campineiros, que não brigamos. Mas aí vai uma coisa interessante. Em 1951 teve o desabamento do Cine Rink, causando muitas mortes, causando muitos ferimentos. Foi uma tragédia. Era uma coisa que ninguém esperava. De repente, num domingo, ruiu metade do teto do Cine Rink. (...) a gente tinha vontade de brigar com o prefeito, de fazer um levante, de brigar com ele para que não derrubasse. Mas aí ficava aquele acidente, aquele desastre de há pouco tempo: “Será que não pode acontecer de cair e a gente vai ficar com dor na consciência?”.*¹⁴

Durante os anos 50 estarão em funcionamento ou serão abertas as seguintes salas comerciais de cinema:

- *Cine Carlos Gomes*, inaugurado em 1910, posteriormente foi transformado em *Cassino Carlos Gomes*;
- *Cine Voga*, inaugurado em 28 de fevereiro de 1941 na esquina da av. Anchieta com a rua General Osório e de propriedade da Empresa Campineira de Cinema, e que em 1956 inicia as projeções em cinemascope;

13. A referência aqui é aos depoimentos gravados pelo Projeto de História Oral da Cidade de Campinas (MIS-Campinas).

14. Depoimento de Francisco Mamoni, gravado em 22 de setembro de 1998.

- *Cine Santa Maria* inaugurado em 15 de dezembro de 1949 na rua Regente Feijó, de propriedade da organização católica “Filhas de Maria” e dirigido pelo monsenhor Moura;
- *Cine Casablanca*, inaugurado em 30 de janeiro de 1953, na praça Corrêa de Lemos, na Vila Industrial. E que será em 1970 vendido à Prefeitura, no governo do prefeito Orestes Quércia, que o transformará no Teatro Municipal José de Castro Mendes;
- *Cine Real*, inaugurado em 30 de setembro de 1953, na av. Governador Pedro de Toledo, no bairro Bonfim;
- *Cine Rex*, inaugurado em 29 de dezembro de 1953, na av. Sales de Oliveira, no bairro Vila Industrial, e de propriedade da Empresa Campineira de Cinemas e Diversões. O Cine Rex será o primeiro cinema de bairro a ser fechado;
- *Cine São Jorge*, inaugurado em 9 de outubro de 1954 na av. das Amoreiras, no bairro São Bernardo, com 600 lugares;
- *Cine Ouro Verde*, inaugurado em 15 de junho de 1955, na rua Conceição;
- *Cine São José*, inaugurado em 5 de dezembro de 1958, no bairro Taquaral. O Cine São José será o último cinema de bairro a ser fechado;
- *Cine Danúbio*, inaugurado no dia 1º de maio de 1959, no Distrito de Sousas, de propriedade de Abigail Mingato e com a capacidade para 730 espectadores.

A influência do cinema nos modos e na linguagem dos cidadãos campineiros é o assunto do artigo “Cinemanía”, publicado na seção “O Ferrão Normalista” do jornal dos alunos da Escola Normal Carlos Gomes, em 1948.

Influência cinemática. Uma briga é “film de detetive”, um bom murro... um “knock out”, um beijo, lição de “Boyer”. O mundo está cheio de cinemantias... românticos, passadistas, caricatos... Jovem que perdeu a noção de tudo... brincadeiras ingênuas... mocinhos assobiando “fiu, fiu, fiu”... O cinema é a religião universal para adultos e crianças, assola toda a humanidade.¹⁵

O jornalista João Lanaro publica em 1954, o livro *Tipos populares: fisionomias de uma cidade*, em que são apresentados os “personagens” das ruas de Campinas, entre eles a *Gilda* e o *Coronel Receba*, que foram inspirados nas imagens das telas de cinema.

A relação que é estabelecida entre os espectadores e o cinema não está sendo considerada aqui de uma forma polarizada, não são duas instâncias num embate entre dominante (cinema americano) e dominado (espectador brasileiro). Negar esta relação não significa dizer que entre o público e a tela não existe uma relação de poder, pois os temas que são específicos ao cinema americano e à constituição de seus modos de vida, efetivamente produziram seus espectadores. É necessário entender a mensagem veiculada junto com a sua capacidade de promover adesão.

O cinema, ao mesmo tempo, cria ficção e realidades históricas, em imagens agentes e potentes, e produz memória. Uma arte (no sentido atual) ao mesmo tempo um artifício. Artifício que produz conhecimento real e práticas de vida. Grande parte do que as pessoas conhecem hoje e entendem como verdadeiro, só o conhecem por imagens visuais e verbais.¹⁶

15. *O Normalista*, Escola Normal Carlos Gomes de Campinas, São Paulo, n° 6, 1948, p.4.

16. Milton José de Almeida, *Cinema. Arte da memória*, 1999, p.56.

FISIONOMIAS DE UMA CIDADE

"GILDA"



6. Assim é nossa "Gilda" que, à moda de sua rival, sabe também dizer: — "Good bye", "So long", "Good Night", "Please" e ... tão doce como a outra, a norte-americana: — "My love"!

Ninguém a lançou às telas das ruas. Não teve "descobridor", apesar de ser também uma "Gilda"! Ela mesma foi se impondo cada vez mais à simpatia do povo, alcançando o "estrelato" por si mesma. (Lanaro, 1954, p.18)

O DEPARTAMENTO DE ENSINO E DIFUSÃO CULTURAL: A BUSCA PELA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO E DA CULTURA

Durante as primeiras três décadas deste século a responsabilidade do município pelo ensino foi muito pequena. Em 1901 temos apenas duas escolas municipais que juntas possuíam 253 alunos nos períodos diurno e noturno: a Escola Corrêa de Melo, com aulas durante o dia para os meninos e aulas noturnas para os operários, e a Escola Ferreira Penteado, destinada ao ensino primário para as meninas. Apesar de na Câmara Municipal existir um consenso de que o ônus da instrução pública deveria ser do governo estadual, mostrando-se favorável à eliminação gradativa das escolas municipais e do cargo de Inspetor Municipal de Instrução Pública, o número de alunos do ensino municipal será ampliado com a criação de escolas isoladas localizadas principalmente nas regiões rurais da periferia da cidade onde estava ocorrendo um processo de urbanização. Em 1929 na rede de ensino municipal estavam matriculados 453 alunos.¹

Em 1946 na administração do prefeito Joaquim de Castro Tibiriçá será criada a Diretoria de Educação e Assistência, responsável pelos serviços de Instrução e Assistência, pela Assistência Médica, pela Inspetoria de Alimentação e pelos cemitérios. Assumiu como seu diretor o advogado Ruyrillo

1. Sobre a educação em Campinas ver Rosa Fátima de Souza, *O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas*, 1998; e Terezinha Aparecida Q. R. do Nascimento [et al.], *Memórias da educação: Campinas (1850-1960)*, 1999.

de Magalhães, consultor jurídico do Sindicato dos Professores e que atuava profissionalmente também como jornalista e professor de vários estabelecimentos de ensino. Essa Diretoria será desmembrada quando são criadas a Diretoria de Assistência e Alimentação Pública e a Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, que ficou com a responsabilidade pelo ensino municipal e por "... procurar, por todos os meios, difundir a arte e cultura, visando à efetiva assistência socioeducacional".² Na Diretoria de Ensino e Difusão Cultural ficará como diretor o advogado Ruyrillo de Magalhães³ que explica a sua atuação e os projetos na área do ensino a partir de suas experiências como aluno das escolas de Campinas e da *Scuola Municipale San Justo*. Com a participação de seu pai na Revolução de 24 e a sua condenação, sua família é obrigada a ir morar na Itália.

*Nós ficamos na mais plena miséria, perdemos tudo. Então eu tinha uma avó italiana rica, que tinha uma mansão, e eu aqui, menino de classe média, fui dar de costado numa casa fidalga lá em Trieste. E lá estava em pleno regime fascista. Embora esse regime fascista depois tenha se deturpado através da história contemporânea pela junção de Mussolini e Hitler; a realidade é que o fascismo não tem nada com o nazismo. O povo chama integralismo, fascismo e nazismo a mesma coisa. Mas não é. Filosoficamente é completamente diferente. O fascismo na parte que interessa à senhora e a mim foi muito interessante.*⁴

A parte de interesse mútuo a que se refere seria a educação com a qual teve contato na escola italiana.

2. Conforme os Decretos-Lei nº 379 e nº 383 de 1947. E o Decreto nº 214 de 7 de agosto de 1947, que define a estrutura e o regulamento da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural e as atribuições de suas dependências e seus funcionários.

3. Ruyrillo de Magalhães será diretor de carreira na Prefeitura durante o período de 1949 a 1967, participando das administrações dos prefeitos Joaquim de Castro Tibiriçá, Manoel Marcondes Machado, Miguel Vicente Cury, Antônio Mendonça de Barros e Ruy Hellmeister Novaes.

4. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

Eu era um menino analfabeto. Analfabeto porque eu estava aqui no Grupo Escolar no 1º ano e não sabia ler. (...) Eu saio daqui, desse Grupo Francisco Glicério e vou para a Scuola Municipale San Justo. Primeiro aqui eram as professoras, mulheres, e quando chego já vem um professor, um italianão, como um “bafete”, um bigode: — Brasileiro, questo secunda classe. Não me mandou para o primeiro ano e eu era analfabeto. Lá era pela idade e imediatamente eu peguei o mosqueteiro e fui marchar (...) eu não sei qual o fenômeno pedagógico que aconteceu, que eu que não sabia escrever em português (...) depois de dois ou três meses na escola, o professor fala: — Scrivi. E eu escrevi: i mio babo rimana in Brasile. Eu estava alfabetizado e em italiano (...) na Scuola Municipale de San Justo os banheiros eram mais limpos que as salas de cirurgia dos hospitais de Campinas de hoje, mármore branco, regime fascista, você não via um cisco no chão da escola. Tudo de mármore branco, parede branca, não tinha uma mão de aluno. Tudo branco, branco, branco e limpo. Agora eu chego lá, num país saído da guerra, arrebitado, eles tinham feito a guerra com a Áustria. Chego lá vem um bedel: — Bambino que cosa volete? Té, cafe ou chocolata? Perguntando se queria café, chá ou chocolate (...) Na sala de aula em vez de uma professora era diferente, era só menino. Vinha um professor todo camisa nero e dizia: — Bambino é re, é re, é re. Bambino é duche, é duche. Bambino el canto de oggi: la bandeira é tricolore... e noi voliamo a libertà [canta a música]. Quer dizer nacionalismo puro, lanche perfeito e aulas dadas com amor. As aulas eram de amor pela pátria.⁵

A escola pública da Itália fascista é comparada com a escola que deixou em Campinas e que irá reencontrar, após 11 meses, quando volta para o Brasil.

... a minha mãe pegava um pedaço de pão, um filãozinho, passava manteiga, punha canela e açúcar ou então pegava uma goiabada e colocava e eu levava o meu lanche. Eu lembro que era um lanche para comer na escola, no Grupo Escolar aqui na rua Moraes Sales. (...) todos os alunos, quase todos eram banguelas, os que tinham dentes eram verdes, verdes de sujeira porque ninguém escovava. Os

5. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

meus coleguinhas não escovavam os dentes. Eu escovava porque era classe média, meu pai era advogado, minha mãe tinha estudado em colégio de freiras, era muito boa dona de casa, muito boa mãe. Então eu tinha que tomar banho todo dia, escovar os dentes, sob protestos mas escovava. Agora o pessoal não tomava banho, isso em 1925 que não é tão longe. O pessoal era malcheiroso mesmo, cabelos sujos. Piolhos todo mundo tinha na escola. Eu peguei piolho diversas vezes dos alunos. Tinha que raspar a cabeça e passar querosene. O pessoal era piolhento mesmo. Agora em 1925, Campinas no auge do café, não tinha crise, e quando você chegava na escola os alunos falavam assim: “Uma esmolinha para São Serafim, quem não dá fica assim” [faz os gestos com que os alunos pediam o lanche]. Então nós, os meninos que levávamos o lanche, pegávamos aquele pedacinho de pão, como para passarinho porque eram muitos, senão apanhava na rua, e dava para matar a fome dos coitadinhos. Isso em Campinas, em 1925.⁶

Segundo Ruyrillo de Magalhães serão essas experiências de infância que irão inspirar seus projetos como diretor de Ensino e Difusão Cultural, cujos objetivos seriam a implantação de

... um projeto global para que difundisse a cultura e o ensino em toda a cidade e em todo o município, inclusive na zona rural. Então todas as escolas foram remodeladas. Primeiro nós tivemos um cuidado especial pelo ambiente escolar porque passamos a idéia de que o ambiente escolar era fundamental na formação do futuro cidadão. Então escola branca, escola limpa, escola bem organizada, professor bem vestido, aluno bem uniformizado. Aluno banhado, de dentes escovados, unhas limpas e cabelo bem penteado e bem cortado. Era o ambiente ideal para desenvolver uma pedagogia integral. Então o nosso objetivo foi criar o ensino e a assistência socioeducacional, quer dizer, a instrução pública não só para instruir mas para educar.⁷

6. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

7. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

O projeto de assistência socioeducacional será incorporado à estrutura do Departamento, que no Relatório de 1952 é apresentada na forma de organograma. Este organograma é uma representação gráfica das relações internas com as linhas de autoridade e de responsabilidade e os dispositivos de controle, mas com a ausência de ligações horizontais entre os diferentes órgãos e de estruturas como conselhos e assessorias.

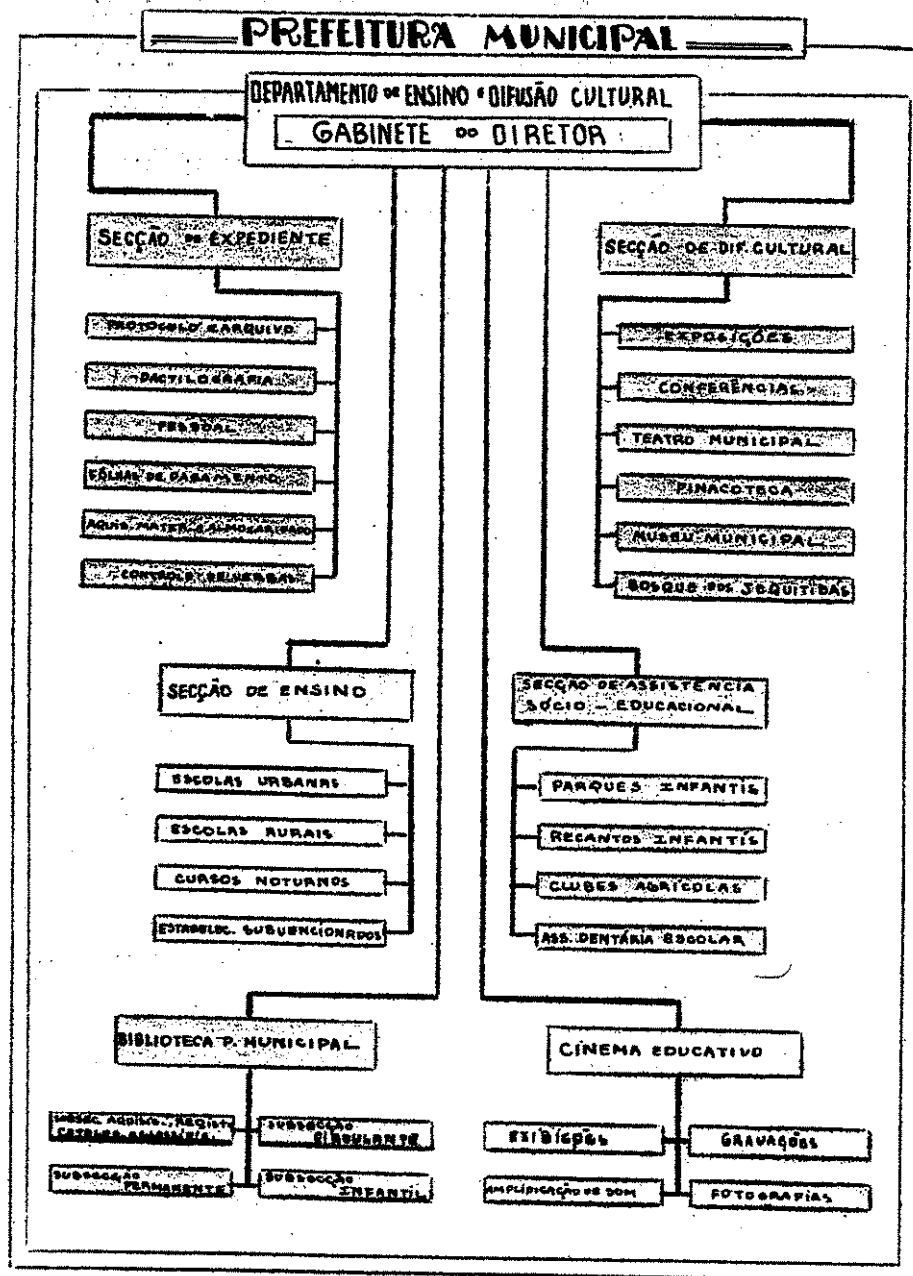


PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

DEPARTAMENTO DE ENSINO E DIFUSÃO CULTURAL



O organograma abaixo, sintetiza a atual organização deste Departamento.



7. Organograma do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, regulamentado pela Lei n° 758 de 3 de outubro de 1952.

A Seção de Ensino, onde estavam localizadas as escolas urbanas e rurais e os cursos noturnos do município, em 1949 tinha sobre a sua responsabilidade 6 escolas urbanas, 8 escolas rurais e 10 cursos noturnos. Em 1954 serão 17 escolas urbanas, 16 escolas rurais e 10 cursos noturnos. O universo de atuação do município no ensino era de 56 classes, sendo 40 classes na zona urbana e 16 classes na zona rural. Mas estes números serão alterados se considerarmos os estabelecimentos de ensino subvencionados, a ampliação ocorre não só no número de atendimento mas, principalmente, nos níveis de ensino: 9 unidades de ensino primário, 1 unidade de ensino secundário, 4 unidades de ensino superior, 4 unidades de ensino artístico e 5 unidades de ensino profissional.⁸

Os dados sobre matrícula e aprovação nas escolas municipais, de 1949 a 1952, revelam que o acesso ao ensino público, a conquista de uma vaga, não significava a garantia de permanência na escola. Temos assim, nas escolas municipais, a continuidade de uma situação que, descrita por Souza (1998, p.141), ocorre desde as primeiras décadas do séc. XX.

Matrícula e Aprovação nas Escolas Municipais de 1949 a 1952

Tipo de Escola	1949		1950		1951		1952	
	Matric.	Aprov.	Matric.	Aprov.	Matric.	Aprov.	Matric.	Aprov.
Cursos Noturnos	500	193	562	179	566	169	565	318
Escolas Urbanas	387	236	396	235	381	226	470	374
Escolas Rurais	249	101	237	127	295	129	293	189
Total	1.136	530	1.195	538	1.242	524	1.328	881

Fonte: Relatórios da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural.

8. Relatórios da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, de 1949 a 1954.

A Seção de Assistência Socioeducacional será responsável pelo funcionamento dos Parques e Recantos Infantis, pelo projeto de Clubes Agrícolas e pela Assistência Dentária Escolar.

Nos Parques Infantis, definidos como “lares supletivos”, as crianças recebiam atendimento médico — através de consultas, exames biométricos, vacinações e encaminhamentos para especialistas — mas, principalmente, esses serão os locais onde

os filhos de famílias cujos responsáveis necessitam trabalhar fora de casa encontram nesses estabelecimentos o abrigo necessário e o amparo amigo, onde podem permanecer sem sofrer as más influências, que cercam e envolvem as crianças deixadas, por força das necessidades, sem a assistência maternal ou familiar.⁹

Os dois Parques existentes estavam instalados nos bairros do Cambuí (Parque Infantil Violeta Dória Lins) e na Vila Industrial (Parque Infantil Celisa Cardoso do Amaral).

Atendimento nos Parques Infantis Municipais de 1949 a 1952

ANO	TOTAL	Parque Infantil Celisa Cardoso do Amaral - Vila Industrial			Parque Infantil Violeta Dória Lins - Cambuí		
		Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
1949	740	218	115	333	280	127	407
1950	705	178	112	290	282	133	415
1951	624	149	192	251	240	133	373
1952	602	178	95	273	205	124	329

Fonte: Relatórios da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural.

9. Relatório da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural referente ao ano de 1949.

O projeto de Recanto Infantil é iniciado em 30 de outubro de 1950, com a instalação do Recanto Infantil n° 1 no Bosque Municipal do Chapadão, que nesse primeiro ano de funcionamento irá atender a 50 crianças. Em 1952 Campinas já conta com quatro Recantos Infantis, atendendo 859 crianças.

Atendimento nos Recantos Infantis Municipais em 1952

	Matrícula		
	Masc.	Fem.	Total
Recanto Infantil Municipal n° 1	122	82	204
Recanto Infantil Municipal n° 2	150	144	294
Recanto Infantil Municipal n° 3	135	117	252
Recanto Infantil Municipal n° 4	50	59	109

Fonte: Relatório do Departamento de Ensino e Difusão Cultural de 1952.



Modelares clubes agrícolas ensinam a garotada campineira a querer bem o solo pátrio

Modern Childhood Farming Clubs teach the young boys of the city how to love their own Country soil

Esemplari club agricoli infantili insegnano ai ragazzi a voler bene al suolo patrio.

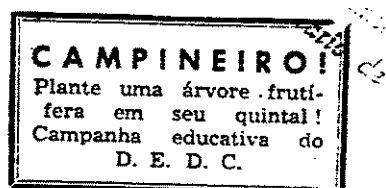


8. A documentação fotográfica, feita pelo encarregado do Serviço de Cinema Educativo Henrique de Oliveira Jr., das atividades do Departamento de Ensino e Difusão Cultural será utilizada para a divulgação, em vários tipos de publicações, dos projetos realizados pelo município.

Os Clubes Agrícolas foram instalados, a partir de 1947, nos Parques Infantis com a proposta de serem espaços onde as crianças, orientadas por professores especializados, iriam receber ensinamentos sobre o trabalho agrícola, de horticultura, estimulando os seus sentimentos de amor à terra. Em 1953 esse projeto será defendido em um artigo assinado por Mário L. Erbolato, no jornal *Diário do Povo*.

Os Parques Infantis de Campinas primam pela excelente orientação que recebem. Há poucos dias assistimos um documentário cinematográfico nacional que fixava aspectos das escolas primárias de Santa Catarina. O celulóide apresentava como novidade o fato de os grupos escolares do Estado terem hortas em anexos, com a finalidade de incrementar nos educandos o gosto pela terra. A Prefeitura de Campinas há vários anos que reconhece o alcance dessa prática educativa, tanto que mantém os Clubes Agrícolas, onde meninas e meninos aprendem a lançar a semente ao solo para depois receber dele o produto de seu trabalho.¹⁰

A assistência socioeducacional era realizada através da alimentação, da distribuição de merenda escolar e da assistência médica e odontológica às crianças que freqüentavam os equipamentos da incipiente rede municipal, composta então pelos Parques e Recantos Infantis, e das escolas urbanas e rurais. E através de campanhas educativas que procuravam atingir outros setores da população campineira, como a campanha “Plante uma Árvore Frutífera”.



9. *Tipo de anúncio da campanha educativa do Departamento de Ensino e Difusão Cultural publicado nos jornais de Campinas.*

10. *Correio Popular*, “Parques Infantis”, de 7 de junho de 1953.

Entre as atividades que a Seção de Difusão Cultural tinha como responsabilidade estavam as exposições, em grande parte de pinturas e no saguão do Teatro Municipal, as conferências, a administração do prédio e das atividades do Teatro Municipal, a Pinacoteca, o Museu Municipal e o Bosque dos Jequitibás. Segundo Castanho (1987, p.182-185), nesse momento a cultura era considerada em termos de difusão cultural, o que pressupunha a existência de uma cultura pronta que necessitava de um meio difusor e de alguém para recebê-la. O autor indica que a rede escolar seria o meio difusor e o aluno, o receptor dessa cultura. Não foram encontrados registros da existência de uma relação entre a atuação da Seção de Difusão Cultural e a da Seção de Ensino, e até mesmo, uma relação da Difusão Cultural com outras estruturas mais afins, como a Biblioteca e o Cinema Educativo. Apesar do Departamento de Ensino e Difusão Cultural unir sob uma mesma estrutura administrativa as atividades de cultura e de educação, estas não se confundiam e/ou não se complementavam. As atividades relacionadas com a educação tinham um caráter assistencial e as culturais eram, em sua grande parte, a divulgação da produção artística local ou externa, esta última trazida na maior parte das vezes por empresários que tinham o mercado, o público popular, como a sua principal motivação e objetivo.¹¹

Em 1966 no projeto de criação da Secretaria de Educação e Cultura estão incluídos os Departamentos de Ensino e de Cultura e Recreação. Nessa nova estrutura a cultura deixa de ser difusão cultural, ganhando um departamento próprio, onde será alocado o Serviço de Cinema Educativo. E em 1968 o Departamento de Cultura e Recreação torna-se apenas Departamento de Cultura, eliminando-se o Centro de Educação Física e a Recreação, que irão

11. Estas afirmativas estão baseadas nas atividades da Seção de Difusão Cultural, que estão registradas nos Relatórios da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, de 1949 a 1955.

formar o Centro de Educação Física e Recreação.¹² A próxima mudança ocorre em 1973, quando a Secretaria de Educação e Cultura transforma-se em Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo. E o Serviço de Cinema Educativo será transformado em Serviço de Som e Imagem, que posteriormente passa a ser Museu da Imagem e do Som de Campinas (MIS-Campinas). E em fins de 1975 é criada a Secretaria Municipal de Cultura.¹³

A partir dos depoimentos e de alguns documentos encontrados, podemos afirmar a existência de três momentos em que determinadas práticas políticas revelaram qual era a correlação de forças existentes na administração municipal. Nesses momentos o diretor de Ensino e Difusão Cultural, Ruyrillo de Magalhães, irá ter uma posição conflituosa em relação ao que estava sendo proposto ou realizado pelo executivo municipal. Esses momentos estão relacionados com a prática de cooperação financeira que o município presta às entidades assistenciais e culturais, com a criação das Secretarias Municipais e com a busca das instalações definitivas para o Departamento de Ensino e Difusão Cultural.

12. Lei nº 3.533, de 12 de dezembro de 1966, e Lei nº 3.707, de 13 de novembro de 1968.

13. Lei nº 4.261, de 21 de fevereiro de 1973, e Lei nº 4.576, de 30 de dezembro de 1975.

1.

A cooperação financeira que o município presta às entidades assistenciais ou culturais, através da concessão de verbas de subvenção¹⁴, encontrará resistência por parte do diretor de Ensino e Difusão Cultural, que em diversas ocasiões se posiciona de forma contrária a esta prática, com os seguintes argumentos:

Do que temos observado sobre o assunto, chegamos à conclusão de que o Município deve empregar diretamente as verbas votadas ao ensino.

Convênios, ajustes e auxílios devem, em tese, ser repelidos.

Os Municípios devem possuir o seu próprio aparelhamento educacional, agindo supletivamente ao Estado e nunca de modo passivo, isto é, entregando ao Estado, ou a particulares, os recursos destinados ao ensino.

É grave ofensa aos princípios municipalistas consagrados na Carta Magna, essa abdicação administrativa de parte do Município, isto é, a entrega dos seus recursos destinados ao ensino para serem consumidos pelo Estado em forma de convênios, ou por entidades particulares, em forma de auxílios e subvenções.

Os dinheiros municipais se diluem, desaparecem, somem, e nada, ou quase nada, é realizado, quando esses dinheiros não são diretamente empregados pelo Município.

Quando, porém, esse emprego é feito pelo próprio Município, a obra realizada fica evidenciada, concretizada em realizações.

Quantos milhares, quantos milhões de cruzeiros não tem o Município de Campinas malbaratado, fornecendo auxílios e subvenções a estabelecimentos de ensino mantidos por instituições particulares?

Quantos milhares, quantos milhões de cruzeiros não tem o Município de Campinas despendido para alugar prédio, reformar prédios e adquirir terrenos destinados a escolas estaduais?

14. Ver Decreto-Lei n° 239, de 31 de março de 1944, que regula a cooperação financeira do município com entidades destinadas à assistência social ou cultural e suas modificações pela Lei n° 138, de 10 de dezembro de 1948.

E desse dilúvio de cruzeiros despendidos, quais foram as vantagens advindas ao nosso povo em matéria de ensino?

A resposta é, evidente, não nos cabe dar.

Os que receberam esses milhares e esses milhões de cruzeiros é que devem dar, querendo, respostas às perguntas acima reformuladas.¹⁵

Em 1949 os auxílios financeiros concedidos pela Prefeitura de Campinas irão para as seguintes atividades e instituições:

Atividades e Instituições	Valor (Cr\$)
1. Ensino Pré-Primário	
Educandário Santa Teresinha	3.000,00
Jardim de Infância Noêmia Asbahr	3.000,00
2. Ensino Primário	
Escola do Instituto São José de Educação e Instrução	37.500,00
Escola do Externato São João	30.000,00
Escola do Patronato São Francisco	15.000,00
Escola do Orfanato da Santa Casa	11.000,00
Escola do Orfanato Nossa Senhora do Calvário	10.000,00
Escola de Pintura Pedro Alexandrino	6.000,00
Escola do Abrigo Dom Neri	5.500,00
Grupo Escolar do Taquaral (aluguel do prédio)	4.200,00
Escola do Asilo Santana	2.500,00
Grupo Escolar de Joaquim Egídio (aluguel do prédio)	1.800,00
Grupo Noturno do Cambuí (aluguel do prédio)	1.680,00
Escola do Externato São Domingos	1.500,00
Caixa Escolar do Grupo Correia de Melo	1.200,00
Instituto Popular Humberto de Campos	1.000,00
Caixa Escolar do Grupo Modelo da Escola Normal	1.000,00
Caixa Escolar do Grupo do Taquaral	600,00
3. Ensino Secundário	
Prêmios aos estudantes dos colégios	10.250,00
Associação de Pais e Mestres da Escola Normal Carlos Gomes	2.400,00
Associação dos Ex-Alunos da Escola Normal Carlos Gomes	500,00
4. Ensino Superior	
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Faculdade de Ciências Econômicas de Campinas	30.000,00
5. Segurança Pública	
Guarda Noturna de Campinas	12.000,00
6. Órgão Culturais	
Centro de Ciências, Letras e Artes	20.000,00
Conservatório Musical Carlos Gomes	3.600,00
Instituto Musical Gomes Cardin	3.600,00

15. *Plano Municipal de Ensino, Educação, Cultura e Recreação*. Campinas, SP, Prefeitura Municipal de Campinas, 1955, p.30.

7. Assistência Pública	
Santa Casa de Misericórdia	60.000,00
Sanatório Dr. Cândido Ferreira	24.000,00
Caixa Beneficente do Asilo Colônia de Pirapitingui	10.000,00
Sanatório São Vicente de Paulo de Campos do Jordão	5.000,00
8. Assistência Social	
Construção e organização de Postos de Puericultura	100.000,00
Sopa Escolar	60.000,00
Asilo para meninas da Santa Casa de Misericórdia	40.000,00
Abrigo Dom Neri	34.000,00
Asilo de Inválidos	30.000,00
Associação Nossa Senhora das Dores	24.000,00
Inspeção do Serviço de Assistência Social	18.000,00
Maternidade de Campinas	16.000,00
Hospital Infantil Álvaro Ribeiro	16.000,00
Orfanato Nossa Senhora do Calvário	16.000,00
Asilo Santana	14.000,00
Associação São Vicente de Paulo de Campinas	14.000,00
Lactário Bento Quirino	12.600,00
Creche Bento Quirino	12.600,00
Serviço de Fiscalização do Juiz de Menores	10.800,00
Sociedade Amiga dos Pobres	10.000,00
Colégio Estadual	10.000,00
Escola Normal Carlos Gomes	10.000,00
Instituto Campineiro dos Cegos Trabalhadores	4.500,00
Dispensário Dom Barreto	4.500,00
Para sepultamento de indigentes	4.000,00
Ambulatório São Roque	2.000,00
Círculo Operário Campineiro	1.200,00
Liga dos Pequenos Jornaleiros	450,00
9. Diversões Públicas	
Banda Musical Carlos Gomes	50.000,00
Corporação Musical Campineira dos Homens de Cor	11.200,00
10. Auxílios Diversos	
Jogos Abertos (realizado em 1948)	83.500,00
Auxílio à Comissão Central de Esportes	35.000,00
Auxílio ao Teatro	30.000,00
Auxílio ao Teatro Amador	30.000,00
Secretaria do Congresso das Municipalidades	12.000,00
Pavilhão para exposição de frutas de Valinhos	10.000,00
Prêmio para o Salão de Arte	10.000,00
Auxílios para os festejos carnavalescos	10.000,00
Associação Campineira de Imprensa	4.200,00

Fonte: Lei nº 168, de 23 de maio de 1949, que concede auxílios em 1949. Os tipos de atividades e a classificação das entidades segundo essas atividades estão no texto da Lei.

Os valores que são concedidos revelam não só a abrangência do trabalho desenvolvido por essas instituições, mas principalmente a atuação de

seus dirigentes junto ao poder municipal e qual a correlação das forças políticas existentes no executivo e no legislativo municipal. É importante lembrar que 1949 é o ano de criação do Serviço de Cinema Educativo, que durante a sua implantação e seu funcionamento, segundo os seus organizadores, não terá disponíveis os recursos financeiros e técnicos necessários.

2.

As Secretarias Municipais são criadas pelo prefeito Ruy Hellmeister Novaes, em 1955, às quais serão subordinados os Departamentos já existentes na Prefeitura:

- Secretaria dos Negócios Internos e Jurídicos - Departamento de Expediente, Departamento Legal e Departamento de Serviços Internos;
- Secretaria das Finanças - Departamento da Fazenda e Departamento de Vigilância e Fiscalização;
- Secretaria de Obras e Serviços Públicos - Departamento de Água e Esgotos e Departamento de Obras e Viação;
- Secretaria de Cultura e Higiene - Departamento de Ensino e Difusão Cultural e Departamento de Assistência e Alimentação Pública.

Cada uma dessas Secretarias será dirigida por um secretário da confiança do prefeito, em cargo de comissão, podendo ele ser do quadro de

funcionalismo ou de fora dele.¹⁶ O impacto que a criação dessas Secretarias terá na administração municipal, nesse momento, não será aqui analisado. Mas este assunto esteve presente em todos os depoimentos através de duas formas, na forma de silêncio, quando o depoente optou por não falar sobre o assunto ou pediu que o gravador fosse desligado. E como uma oportunidade para que o depoente deixasse registrada a sua opinião.

Essas Secretarias foram entregues a pessoas de confiança dos respectivos prefeitos (...) E criaram uma estúpida vaidade de achar que sendo Secretários eram muito importantes e queriam massacrar os diretores que eram todos doutores, todos engenheiros formados, advogados formados ou então funcionários de alta categoria que tinham ascendido pelo trabalho de anos de dedicação, de capacidade, às Diretorias.(...) O que eu sempre defendi na Prefeitura naquele tempo é o seguinte: o prefeito quer ter gente de confiança, nomeie uma assessoria, quatro, cinco, seis, dez assessores da confiança dele e que vão rever todos os processos. Agora, não pegar e neutralizar o diretor e botar um secretário que não entende "bulufas" daquilo. (...) Outra coisa que na Prefeitura não havia: corrupção. Após a criação das Secretarias houve. Quanta gente começou a se corromper!¹⁷

Durante a realização de outros depoimentos surgiu a informação de que um dos motivos para que as exhibições de cinema terminassem, em 1955, no Teatro Municipal era o fato de que o padre Ismael, então secretário de Educação e Cultura, queria que as crianças no domingo, pela manhã, freqüentassem o catecismo. E as exhibições do Serviço de Cinema Educativo, o Cineminha do Teatro Municipal, eram um forte concorrente.

16. Lei nº 1.441, de 2 de janeiro de 1956.

17. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

3.

O Departamento de Ensino e Difusão Cultural ficará instalado nas dependências do Teatro Municipal durante o período de 1947 a 1959, quando se muda para um prédio existente na esquina da rua Marechal Deodoro com a rua Dr. Quirino, o antigo palacete de propriedade de Alexandre de Barros. Durante o período que esteve instalado no Teatro Municipal, o diretor de Ensino e Difusão Cultural Ruyrillo de Magalhães, inicia a busca de uma sede definitiva através de várias propostas de construção ou adaptação de edifícios. Ao propor a construção do *Centro Municipal de Cultura e Assistência Socioeducacional*, indicará o crescimento da cidade como um dos argumentos para a sua construção, destacando que apesar desse crescimento ocorrer em todos os setores, é principalmente a área de ensino — com o aumento do número de colégios, conservatórios, faculdades — que caracteriza e projeta Campinas como o maior e mais importante centro de educação do interior do estado, cabendo ao poder público preparar a cidade para o seu crescimento futuro. Ruyrillo de Magalhães se posicionará contrário à instalação desse Centro no futuro edifício do Paço Municipal, pois considerava que o *Centro Municipal de Cultura e Assistência Socioeducacional* seria procurado por um público diferente daquele que normalmente frequenta as repartições públicas municipais “...para pagar impostos, para reclamar, para pedir aprovação de plantas, para exigir mais água, para solicitar colocações, para procurar conseguir relevação de multas”.¹⁸

Em dezembro de 1949 é apresentado ao prefeito Miguel Vicente Cury um esboço do projeto da futura sede da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural.

18. *Plano Municipal de Ensino, Educação, Cultura e Recreação*, Prefeitura Municipal de Campinas, 1955, p.26

O prédio seria situado na avenida Orosimbo Maia, ao lado do Centro de Saúde, no terreno que estava destinado à instalação do Hospital de Isolamento. No final desse processo, o terreno proposto para a construção foi cedido, pela Câmara Municipal, para a construção de uma maternidade. O vereador Ludgero Maseli aponta o edifício do velho Fórum, situado à rua Dr. Quirino, como possível local para instalação da sede do Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Mas, apesar de toda a argumentação apresentada ao prefeito, esse edifício não será desocupado pelas organizações ali instaladas: a Liga Campineira de Futebol e a Junta de Alistamento Militar.¹⁹ Outras alternativas para a sede serão sugeridas pelo diretor Ruyrillo de Magalhães, como a aquisição pela Prefeitura do terreno pertencente à Santa Casa de Misericórdia, situado entre as ruas Barreto Leme, Benjamin Constant e avenida Anchieta, ou

... uma reforma completa e fundamental do velho e muito necessitado de melhoramentos edifício do Teatro Municipal, tudo de molde a, sem quebra de suas linhas arquitetônicas e da sua principal finalidade, construir-se mais um ou dois andares sobre o mesmo, andares esses apoiados em colunas de cimento armado, ou da forma que a técnica indicasse. Desse modo, sem mesmo ser necessária a desocupação prévia do Teatro pelo D.E.D.C., construiríamos os compartimentos necessários ao regular funcionamento do referido Departamento, podendo os mesmos ficarem, com entrada independente, pela rua 13 de Maio, ou pela rua Costa Aguiar.²⁰

Outra proposta feita era a de aproveitamento do terreno pertencente à Prefeitura, situado ao lado do Bosque dos Jequitibás, na rua Coronel Quirino.

Não se argumente sequer com o fato de ser o terreno indicado distante do centro da cidade.

19. *Correio Popular*, "Transferência do Departamento de Ensino e Difusão Cultural para o antigo prédio do Fórum", de 14 de maio de 1953.

20. *Plano Municipal de Ensino, Educação, Cultura e Recreação*, Prefeitura Municipal de Campinas, 1955, p.28.

Hoje, ainda hoje, talvez seja dessa forma considerado, dentro de, no máximo, cinco anos já não se poderá pensar desse modo!

E mesmo hoje não é assim tão distante, o terreno apontado, do centro da cidade.

De fato, se levarmos em conta que o referido terreno situa-se em zona provida de fartos meios populares e econômicos de condução como sejam bondes e ônibus, veremos que o acesso ao local é fácil, cômodo, normal.²¹

Na busca por uma sede definitiva para o seu Departamento, Ruyrillo de Magalhães não só elaborou várias propostas como também buscou alternativas, mas não encontrou dentro da administração municipal o apoio necessário para viabilizá-las.

21. *Plano Municipal de Ensino, Educação, Cultura e Recreação*, Prefeitura Municipal de Campinas, 1955, p.28.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESTACANDO ALGUMAS QUESTÕES NA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E EDUCAÇÃO

... na vida moderna o cinema é o que a maioria das outras formas de arte deixaram de ser, não um enfeite e sim uma necessidade.

Erwin Panofsky, *Estilo e meio no filme*, p.339.

A afirmação acima de Panofsky em 1947 — tempo histórico do Serviço de Cinema Educativo — não será acaso ou vidência se considerarmos que o cinema é um produto cultural para um grande número de pessoas, consumido no espaço urbano, ou melhor, na cidade.

No Brasil o uso do cinema com fins educacionais ganha destaque em 1929, com a determinação de Fernando de Azevedo, diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal — situado então na cidade do Rio de Janeiro —, de utilizar o cinema em todas as suas escolas primárias. Mas será a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince), dentro do Ministério da Educação e Saúde Pública e através da Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937, considerada a iniciativa mais abrangente para concretizar a atuação do Estado na relação entre cinema e educação.¹ O ministro Gustavo Capanema nomeia Edgard Roquette Pinto para a direção do Ince e o cineasta Humberto Mauro assume a chefia dos seus Serviços Técnicos, iniciando a realização de uma série

1. Sobre a história do cinema educativo no Brasil, entre outras obras relacionadas na bibliografia deste trabalho, ver Anita Simis, *Estado e cinema no Brasil*, 1996.

de filmes curtos e educativos em colaboração com Pedro Calmon, Portinari, Santa Rosa, Villa-Lobos e Roquette Pinto, entre outros nomes ligados à vida artística e cultural brasileira. Na atuação do Ince o cinema educativo é visto como um facilitador da tarefa pedagógica, um colaborador do ensino e, mais do que motivação, ele seria uma forma de propiciar um alívio para o aprendizado penoso.

A criação de instituições responsáveis pela relação entre o cinema e a educação no Brasil ocorre junto com um debate em que o cinema educativo possui duas funções principais: a de ser um instrumento ou metodologia de ensino que alivia o aprendizado penoso, que registra e reproduz as atividades de ensino praticadas, e de que o cinema educativo é uma forma de combater e atenuar os maus efeitos causados pelo cinema “comum”. Este debate estará presente em algumas publicações, como o livro *Cinema e educação* de Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, que foram uns dos organizadores da Exposição de Cinematografia Educativa realizada em 1929, no Rio de Janeiro. No prefácio do livro, datado de 1930, os autores afirmam que o cinema ainda não encontra entre os professores toda a simpatia que merece, estes o olham com indiferença e alguns com desconfiança, e indicam que um dos motivos para este comportamento de reserva por parte dos professores seria a própria exageração de alguns apologistas do cinema educativo.

No livro de Joaquim Canuto Mendes de Almeida, promotor público na cidade de Tatuí-SP, e que foi publicado em 1931 será defendida a tese de que o cinema deve curar-se com o próprio cinema. Às exhibições de “mau efeito” sobre as crianças e adolescentes, devem contrapor-se as exhibições de cinema educativo. O autor inspirado no Instituto Luce, organização italiana dedicada à cinematografia escolar e educativa mantida pelo Estado, propõe a criação de um órgão do Estado, dependente da Secretaria de Educação, para ser responsável

pela produção oficial de cinema educativo. O prefácio do livro, assinado pelo educador Lourenço Filho,² explica o significado do seu título *Cinema contra Cinema*: bases gerais para um esboço de organização do Cinema Educativo no Brasil.

... o cinema escolar muito poderá fazer para contrabalançar os maus efeitos do cinema comum, já diretamente, dando às crianças a distração que, sem ele, procurariam noutra parte, já indiretamente, cooperando para criar uma opinião pública esclarecida a respeito do importante assunto. Bem escolhidas, mesmo as películas comuns, exibidas no ambiente escolar, com explicações adequadas, poderão dar sugestões morais e estéticas, assim como servir para apurar o gosto pelo arranjo das habitações, do vestuário, e correção das maneiras; poderão tornar conhecidas novas formas de trabalho, despertando tendências profissionais ainda mal suspeitadas, ou excitando iniciativas para maior e melhor forma de produção.³

No mesmo ano e como parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira será publicado o livro de Francisco Venâncio Filho, *A educação e seu aparelhamento moderno*, onde são tratados os aspectos técnicos do cinema para sua utilização como novo recurso de ensino, que, segundo o autor, além de ser uma forma de divulgar informações mais precisas sobre geografia poderá ser utilizado até mesmo na alfabetização.

A conferência publicada com o título *Cinema educativo*, que foi realizada pelo diretor do Ince, Roquette Pinto, no Instituto de Estudos Brasileiros em 1938, começa com as perguntas sobre qual a situação atual do

2. Lourenço Filho, fundador e diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), e para quem educação é um instrumento de integração e adaptação dos indivíduos à sociedade e à sua organização política, terá como principal preocupação a questão da organização da educação.

Sobre a influência do pensamento de Augusto Comte na formação e atuação de Lourenço Filho, ver Raquel Pereira C. Gandini, *Intelectuais, Estado e Educação*: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1944-1952, 1995.

3. Lourenço Filho, prefácio de *Cinema contra Cinema*, 1931, p.8.

cinema brasileiro e quais as medidas necessárias para impedir ou reduzir os males que ele é capaz de produzir na educação do povo brasileiro. Para o diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo a questão era de como se combate no Brasil o mau cinema e de como se estimula o bom cinema; questões que irá discutir através da apresentação de estatísticas sobre as salas de cinemas comerciais existentes, do plano de atuação do Ince e dos principais filmes produzidos pelo Instituto.⁴

A apresentação de algumas propostas sobre a relação entre cinema e educação procura apontar para um movimento com o objetivo de tornar possível e viável o acesso a bens e valores culturais. No Brasil primeiro foram os livros e mais tarde o cinema os eleitos para representarem a realização deste acesso.

Apesar de propor a escola como um dos locais para sua atuação, as exibições de cinema do Serviço de Cinema Educativo nesse espaço não marcarão a atuação desse Serviço. Esta afirmação é feita tendo como base o conjunto de depoimentos e documentos encontrados. Ao citar as exibições de cinema feitas durante a “Hora do Conto” promovida pela Biblioteca Municipal no palco do Teatro Municipal, a bibliotecária Ana Lúcia Maia Bonato revela ser esta atividade, a exibição de filmes, mais uma entre outras...

Ela [a “Hora do Conto”] funcionava no palco do Teatro Municipal, quando a gente estabelecia o que ia ser realizado, mandava uns convitezinhos para as escolas mais próximas. Era a entrada para eles poderem freqüentá-la. E então tinha brincadeiras no palco, tinha cinema educativo. O senhor Henrique de Oliveira Jr. fazia as

4. Roquette Pinto, “Cinema educativo”, separata da *Revista de Estudos Brasileiros*, 1938.

*apresentações de filmes, de Carlitos, filmes assim daquela época. E tinha discos de estórias infantis.*⁵

Não havia uma preocupação específica, por parte dos organizadores do Cinema Educativo, com o tipo de programação que era exibida, sobre os tipos de filmes e a sua origem e sobre quem os produziu. No depoimento de um dos organizadores do Cinema Educativo, fica claro que os filmes exibidos foram apenas “ganchos” para as lições

*... dentro do programa de educação básica e integral que se queria fazer, do ensino e assistência socioeducacional, foi inserido o Serviço de Cinema Educativo. E ao mesmo tempo acoplado a esse Serviço o serviço de som do Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Então em todas as atividades escolares, em todas as atividades para escolares e até nas atividades político-partidárias da época, não propriamente político-partidário, mas naquelas atividades políticas dos prefeitos, nós entrávamos e aproveitávamos aquilo para fazer o programa educacional do município. (...) o Cinema Educativo ficou educativo porque ele tinha um Serviço de Som acoplado e nós dávamos aulas então sobre ecologia, defesa do meio ambiente, integração escolar e até aulas de culinária no sentido de fazer a alimentação que fosse realmente saudável (...) no Cinema Educativo, embora não tivesse filmes educativos próprios, nós procurávamos fazer as orientações.*⁶

E as lições e orientações feitas durante as exibições do Cinema Educativo foram para um público específico:

A minha formação gravitou por estes locais [PUC, CCLA e ACI]. Cinema Educativo, Departamento de Ensino e Difusão Cultural ninguém tomava conhecimento. E naturalmente nós não éramos o

5. Depoimento de Ana Lúcia Maia Bonato, gravado em 26 de outubro de 1998.

6. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães, vide Anexo.

*público alvo. O público alvo, suponho, estaria na rede escolar ou no pessoal da periferia.*⁷

São lições para um público que, composto por crianças e adultos da classe menos favorecida da cidade, já era espectador de cinema e freqüentava os locais que foram privilegiados para essas exhibições: o Teatro Municipal e o bairro.

A justificativa e o entendimento para o surgimento e atuação do Serviço de Cinema Educativo devem ser buscados também no momento vivido pela cidade de Campinas. Quando para viver na cidade é preciso a geração de novas necessidades e desejos, expressados através de comportamentos e práticas sociais. Quando o futuro surge como um “mundo urbano” e ninguém gostaria de ser visto como o caipira sentado na soleira da porta picando fumo, do quadro de Almeida Júnior, ou “um tipo incapaz de evolução e impenetrável ao progresso” como o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. Não significa afirmar aqui a ocorrência da passagem do mundo rural para o urbano; o rural irá permanecer e o que ocorre pode ser considerado como um deslocamento. Um deslocamento em que o rural irá permanecer quando as pessoas buscarem as suas origens aristocráticas, nas quais os barões do café ocuparão o imaginário da genealogia das famílias campineiras. Um deslocamento em que o rural irá permanecer nos rodeios, povoados de caricaturas que lembram os personagens sul-americanos de Walt Disney, onde o matuto da fazenda está vestido de chapelão de *cowboy*, com bota e fivelão no cinturão, e o seu lugar agora é a arena.

7. Depoimento de José Roberto do Amaral Lapa, gravado em 24 de novembro de 1999. As instituições a que faz referência são a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o Centro de Ciências, Letras e Artes e a Associação Campineira de Imprensa.

DEPOIMENTOS

1. Depoimento de Bráulio Mendes Nogueira
2. Depoimento de Henrique de Oliveira Jr.
3. Depoimento de Ruyrillo de Magalhães

BRÁULIO MENDES NOGUEIRA, nasceu em 22 de outubro de 1914, na cidade de Campinas, São Paulo. Jornalista, foi chefe da Seção de Difusão Cultural do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, da Prefeitura Municipal de Campinas.

Você sabe que eu participei da Segunda Guerra? Eu fui do Batalhão do Nordeste. Eu voltei quando a guerra não tinha terminado ainda, então eu assisti à queda da ditadura e aquela euforia toda. Eu estranhei muito a comida de lá. O Batalhão do Norte guarnecia as costas, porque os Estados Unidos e o Brasil fizeram um acordo do Brasil guarnecer as costas diante de uma ameaça de uma invasão nazista. Então foi instalada em Natal uma grande base com americanos, ingleses e brasileiros. Em Natal eu passei apenas uma vez, que foi para levar um preso. A base era toda subterrânea, espantosa de grande. Coisa de americano mesmo. Em Pernambuco também tinha muitos soldados americanos, tinha brigas porque à noite a cidade ficava às escuras para evitar um bombardeio. Então todas as lâmpadas ficavam pichadas. Era bobagem porque eles sabiam onde a cidade estava e se quisessem jogar uma bomba seria fácil. Então a cidade ficava às escuras e naqueles cabarés havia muitas brigas entre brasileiros e americanos por causa do dinheiro, do dólar. Fui também para Maceió. Em Maceió eu permaneci mais tempo e foi quando eu escrevi o meu livro. Então eu vim para Campinas antes do fim da guerra e assisti àquela euforia toda.

Antes de ir para o Nordeste eu já trabalhava no jornal. Então quando eu voltei eu tinha um lugar no jornal. Era o Correio Popular. Voltei e assisti a todo aquele processo da queda do Getúlio e ascensão do Partido Comunista. O Partido Comunista foi instalado no Teatro Municipal em uma grande solenidade. Depois também eu vou dar para você a história do Partido Comunista que eu escrevi. Havia o conflito com os trabalhadores getulistas, porque Getúlio de fato foi um grande benfeitor dos trabalhadores. Isso ninguém pode negar, ele criou a Consolidação das Leis do Trabalho, o salário mínimo, férias. (...) o Getúlio tinha muita força com a classe operária. Ele tinha muita força. Nessa época houve greves esporádicas, da Mogiana (...) mas a grande greve foi a de 17. Foi uma greve que paralisou São Paulo inteira. Uma greve que teve repercussão em Campinas mas em São Paulo foi uma coisa impressionante, isso em 1917.

O meu avô, Castro Mendes, que tinha uma grande casa comercial e gráfica em Campinas antes das leis trabalhistas na casa comercial dele, a Livro Azul, já estava praticando. Ele foi um homem que antecipou a sua época, ele já tinha todos os empregados registrados e tudo isso. Ele foi um homem avançado para sua época. (...) No cinema também, ele foi a Paris em 1900 e trouxe uma máquina, que nós, seus netos, brincávamos muito com essa máquina no porão. Ele trouxe a máquina e vários filmes, inclusive um chamado "Os Sete Pecados Capitais". O filme tinha umas cenas de luxúria em que apareciam umas mulheres dançando, mas coisa muito leve. E o bispo Dom Neri, que era também um homem esclarecido, manifestou o desejo de assistir ao filme. E meu avô ficou incomodado em levar esse filme para o bispo assistir e tentou contemporizar pensando que o bispo ia desistir de assistir ao filme. Mas o bispo disse: Não, eu quero assistir ao filme. E meu avô teve que levar a máquina lá no Palácio Episcopal e exibir o filme lá. O Dom Neri era um homem de teatro, escreveu peças de teatro, incentivou o teatro amador, era um bispo esclarecido e avançado.

Mas como eu disse a você na época da queda do Getúlio houve uma ebulição muito grande. Esteve aqui em Campinas aquele escritor Juracir Camargo, autor de "Deus lhe Pague". Ele esteve por aqui fazendo propaganda do Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato à Presidência da República. Ele competiu com o General Dutra. E houve aquela efervescência toda, reuniões que chegavam a acabar em violência até. Agora o apoio do Getúlio ao Dutra foi decisivo para a eleição do Dutra. Quando o Getúlio deu o apoio a classe operária toda apoiou o Dutra e o Brigadeiro foi derrotado. Ele era o candidato mais da "grã-finagem", diziam que ele era inimigo da classe operária, inventaram toda uma série de calúnias contra o Brigadeiro.

Eu vivi toda essa época participante com os companheiros da Associação Campineira de Imprensa, neste processo de mudança que ocorreu. A anistia do Luís Carlos Prestes, por exemplo, teve uma repercussão imensa. O Prestes era considerado um santo. Ele veio a Campinas fazer um comício e por sinal eu fui designado para fazer a cobertura. Eu fui fazer a cobertura em nome do jornal Correio Popular e quando eu estava fazendo, o redator-chefe me procurou, o Rubens Ventura, que já faleceu, e disse: — Bráulio, escreva aí que o comício foi um fracasso, não tinha ninguém. O Rubens Ventura queria entrar na sala onde estava o Prestes e foi barrado porque ninguém sabia quem ele era e ficou com raiva. — Eu não posso dizer, eu vou contar a verdade, relatar sem exagero, sem nada. — Ou você faça o que eu estou mandando ou eu suspendo

você por 15 dias. E eu fui suspenso por 15 dias, por boca, e fiquei aqueles dias sem fazer nada. Ele não pôde aplicar a lei porque não tinha nada concreto.

Campinas tinha uma vida de boêmia muita intensa, porque aqui havia muito jogo de baralho. Na Ponte Preta, por exemplo, tinha jogo. Tinha grupos organizados como a gente vê no cinema de Hollywood, de Al Capone, aqui também tinha os grupos. Inclusive houve uma cena de assassinato, mataram um delegado de polícia aqui. O crime do Bar Madri, que ficava no largo da Catedral. A polícia invadiu, apagaram-se as luzes e mataram o delegado e uma prostituta. Foi uma tragédia. E o criminoso era capanga de político. Então o julgamento foi muito rumoroso porque ele era protegido pelos políticos da época. O famoso crime do Bar Madri, depois a história eu vou dar para você. (...) Campinas chegou a ter três cabarés. Tinha o cabaré da Bem-Vinda, na rua General Osório, depois tinha o cabaré da Sofia. A Sofia se dava ao luxo de ter duas orquestras, uma orquestra típica argentina e uma que tocava jazz. Naquele tempo o samba não tinha. E tinha o cabaré da Lola, esse era o cabaré mais grã-fino. Esse era no largo do Teatro, no largo Carlos Gomes, onde hoje é um edifício na esquina da rua Boaventura do Amaral. Era uma mulher toda requintada. Essa Sofia era também uma mulher vistosa, polaca. Tem uma cena pirambolesca: quando ela estava morrendo o pessoal começou a saquear o quarto dela. Isso eu assisti. A mulher estava morrendo e estavam devastando o quarto da mulher. (...) Então Campinas tinha uma atividade noturna muito intensa, porque havia jogo. Havia jogo no Jôquei Clube, havia jogo na Ponte Preta, no Concórdia e no Cultura. E tinha restaurantes. Os jornalistas sempre tinham boca livre, eles telefonavam: — Hoje temos aqui um prato bom, bacalhau. Então a turma do jornal apressava o jornal para terminar logo e ir. O Restaurante Cristofani foi um restaurante famoso, ali na rua Barão de Jaguara esquina com a General Osório, depois foi transformado no Restaurante Columbia. Mas depois não foi adiante porque a fábrica Columbia foi comprada, desapareceu, e não foi adiante, fechou. O prédio foi demolido. (...) Surgiu então o Bar Ideal, na rua Barão de Jaguara, esquina com Conceição, eu freqüentei muito lá. Tinha a Orquestra do Julinho que tocava lá. E todo o domingo tinha vespéral dançante no Tênis Clube promovido pelos estudantes da Faculdade de Farmácia. (...) o Teatro São Carlos, ali na rua César Bierrenbach, era o teatro do pessoal mais fino. Tinha o Cine República, esse cinema se celebrizou pela sessão das moças, às sextas-feiras as moças pagavam 60 réis, uma ninharia. Interessante que ali deu muito casamento, porque naquele tempo os pais prendiam muito as filhas, então era uma oportunidade de

se encontrarem. Essas sessões das moças do Cine República tiveram uma importância social muito grande, porque ali os conhecimentos eram travados, os namoros e surgiram muitos casamentos dessas sessões das moças.

Campinas naquele tempo era muito restrita, a cidade era muito pequena. Essa região aqui era uma fazenda [está se referindo ao bairro de Nova Campinas, onde mora]. Campinas ia até o Guanabara, até o cemitério e depois tinha algumas casas onde moravam os pobres (...) Aqui não existia favelas. Existia cortiços, velhos prédios, às vezes, prédios daqueles campineiros antigos que transformavam em habitações populares. Então eu escrevi muito sobre os cortiços, porque não existia as favelas. As favelas vieram mais tarde.

O bonde que ia para o cemitério era o bonde 11. Em torno desse bonde existiam muitas lendas, inclusive uma vez o bonde parou lá perto e entraram duas mulheres e quando o cobrador foi cobrar as mulheres sumiram. Então o bonde já não ia mais até a porta do cemitério, parava antes porque ficou aquela lenda das mulheres. Mas, como eu disse para você, houve naquela época de mudança, na queda do Estado Novo, a queda do Getúlio provocou muita controvérsia porque muita gente ficou aborrecida, pelo menos os operários, a classe operária gostava do Getúlio. Agora a classe média era contra, então criou-se um reboliço na cidade. Depois de terminada a guerra houve aquela patriotada, desfiles (...) Então a Rússia, que naquela época era União Soviética, participava dos desfiles. Foi quando então houve condição para surgir o Partido Comunista, o Partido vivia na clandestinidade com a predominância de elementos anarquistas. Campinas era um reduto anarquista, eles tinham sede ali na Regente Feijó perto da Catedral, isso era 34. Chamava-se Liga Anticlerical e eu tive a oportunidade de participar de algumas sessões, por curiosidade, onde apareciam cenas de anjos e padres tudo ridicularizando a Igreja. Era um reduto, vinham anarquistas famosos fazerem palestras aqui em Campinas nessa Liga Anticlerical. Mas depois muitos desses anarquistas aderiram ao Partido Comunista. Foram morrendo e desaparecendo os anarquistas. Mas chegaram a ter um jornal aqui, A Lanterna. Campinas foi um grande centro anarquista. Aqui teve um famoso Conde Flora, de fama internacional, que veio fazer uma palestra (...) Ele era italiano, de fama internacional. O Edgar Leuenroth, por exemplo, freqüentemente vinha a Campinas fazer umas conferências. (...) as condições favorecerem a criação do Partido Comunista. Teve a sede onde hoje é o edifício Guarnelli, na rua General Osório esquina com a rua Francisco Glicério, era um sobrado. Ali o Partido tinha a sede. Mas tinha também para disfarçar um comitê chamado

Comitê Popular, era na José Paulino, e realizava quermesse para fazer finanças para o Partido. O Partido não aparecia, era partido disfarçado, era para fazer finanças. Tanto que no dia em que o Partido foi fechado a polícia baixou lá, foi num sábado, eu era caixa. Deu-se um conflito na porta. Defronte morava um vereador, José Villagelim Neto, ele estava na janela e viu que o delegado que estava chefiando era amigo dele. E esse vereador foi conversar lá com o delegado e o convenceu de que a polícia não invadisse o Comitê e de que o pessoal que estava lá deveria sair. Então nós saímos cantando "A Internacional". A Dona Quitéria na frente cantando "A Internacional" e nós todos atrás. Ainda provocamos a polícia. Porque o Partido foi fechado por decisão do Tribunal. Primeiro fecharam a sede e depois foram fechar o Comitê.

Depois da guerra o Partido Comunista chegou a eleger um senador, o Luís Carlos Prestes, e muitos deputados, inclusive o próprio Jorge Amado, Pedro Pomar, o Marighela, todos eles foram deputados comunistas. Depois da guerra houve uma euforia comunista mas depois que começou a repressão quem era vacilante acabou saindo, ficaram mesmo só os crentes, inclusive o Bráulio ficou lá. Eu nunca renunciei às minhas convicções, viu.

O primeiro prefeito eleito depois da ditadura foi o Miguel Vicente Cury, porque durante a ditadura os prefeitos eram nomeados. Inclusive um primo meu que foi prefeito e criou o Departamento de Ensino e Difusão Cultural e nomeou o Dr. Ruyrillo de Magalhães como diretor e eu como subdiretor. A ele eu devo tudo, se bem que eu já tinha uma atuação cultural aqui no teatro. Porque a minha primeira esposa era muito ligada ao teatro, a mãe dela tinha um conservatório musical. Eu tinha uma atuação muito intensa na vida cultural de Campinas. Nós estamos falando do teatro, mas tinha também no cinema, nas atividades culturais. (...) Joaquim de Castro Tibiriçá, ele foi prefeito nomeado. Esse foi o único prefeito que entendeu de cultura. Ele cuidou muito dessa parte cultural, ele que criou o Departamento de Ensino que mais tarde se transformou em Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. (...) Para o Serviço de Cinema Educativo o Consulado Americano fornecia os filmes. Durante a guerra, por exemplo, eles distribuíam filmes contra os alemães. Tinha até filmes de propaganda, um romance entre uma russa e um americano. Todos os filmes daquela época eram contra o nazismo e aquela euforia toda. E o Consulado Americano tinha muitos desenhos animados. Tinha uns desenhos muito bons. Então o Consulado Americano fazia um amplo trabalho antinazista e, depois da guerra, anticomunista também. (...) Com a democratização entrou o Miguel Vicente Cury com uma votação imensa, ele era um industrial muito rico mas

muito esclarecido. Ele tinha a fábrica de Chapéus Cury, ele foi eleito e depois reeleito, por sinal ele é muito meu amigo. Ele me prestigiou muito. Eu sempre trabalhei com esses prefeitos também, sempre na assessoria de gabinete. Sempre fui muito prestigiado. Às vezes eu fico admirado: — Puxa, Bráulio, você não parava, era teatro, era cinema, era jornal. A minha vida não foi inútil, não!

HENRIQUE DE OLIVEIRA JR., nasceu em 13 de setembro de 1920, na cidade de Valinhos, São Paulo. Fotógrafo, cinegrafista e técnico de som, foi encarregado do Serviço de Cinema Educativo do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, da Prefeitura Municipal de Campinas.

Eu nasci no dia 13 de setembro de 1920, no distrito de Valinhos, na Fazenda Espírito Santo. Nessa ocasião Valinhos pertencia ao município de Campinas. O meu pai era administrador de fazenda e minha mãe era doméstica. Eu vivi lá até 1925. Mudei para Campinas em 1926 e fui morar ali perto do largo do Mercado. (...) Eu primeiro freqüentei o 4º Grupo Escolar, hoje Orosimbo Maia. (...) em 1930 na Revolução, eu consegui o prêmio "Esperança de Campinas", fui o melhor aluno da classe. Um prêmio instituído pela Casa Genoud, que era uma livraria muito importante aqui na cidade. (...) Trabalhava durante o dia e entrei na Escola de Comércio Pedro II, fiz até o 4º ano. Trabalhava na casa comercial Loja Soberana, que era de um cunhado meu. Fazia entrega de pacotes. (...) Não cheguei a concluir o curso comercial. Depois me dediquei à eletrônica e à profissão de protético. Eu trabalhei como protético desde 1934 até 1943. E nesse intervalo eu aprendi eletrônica, me dedicava à eletrônica também. Trabalhava em cinema à noite, na cabine do Cine Coliseu, como praticante e ajudante de cabine.

Com cinco anos de idade eu fui pela primeira vez ao cinema no Cine Coliseu, juntamente com os meus irmãos Antônio e Carlos. E lá eu presenciei um fato muito interessante, um fato pitoresco: a fita era muda e a orquestra acompanhava, no intervalo dos filmes, cada três, quatro partes que exibiam, vinha uma pessoa com um esguicho e espirrava água na tela. Tem muita gente que pensa, até hoje, inclusive um operador deu uma entrevista e disse que era para não pegar fogo na tela, porque a projeção era muito perto. Mas não era nada disso, era para evitar que aparecesse no foco o centro da objetiva, a tela ficava opaca e não deixava aparecer o foco. (...) Nós fomos numa matinê e o cinema era interessante, era todo fechado de madeira, tinha uma aparência de circo. E antigamente ele foi utilizado como corrida de touros e depois foi transformado em cinema. Os filmes ainda eram mudos, com orquestra tocando.

Em 1933 eu procurei o gerente do Cine Coliseu, porque eu tinha uma paixão por cinema desde criança, e eu queria praticar na cabine. Naquele tempo a cabine tinha operador, ajudante e o praticante, para ajudar. Hoje

suprimiram todos esses artifícios de trabalho, mas eu acho que é muito necessário ter um ajudante-praticante para qualquer eventualidade. Então eu era protético dentário, trabalhava com o meu irmão durante o dia, e à noite eu comecei a trabalhar como praticante de cabine do Cine Coliseu. Ajudar a limpar as máquinas, enrolar o filme, carregar o filme e outros trabalhos até aprender a ser ajudante de operador, que colocava o filme, colocava o carvão e ajudava o operador a exhibir o filme. (...) em 1939 o padre Casemiro Gomes de Abreu, ele gostava muito de cinema e tinha o cinema no Diocesano, que projetava filmes aos domingos e sábados, e nós abrimos o cinema em Sousas. E lá eu bancava o operador, gerente e tomava conta do cinema. Exploramos o cinema até 1942. (...) o prédio era da Sociedade Italiana. O equipamento era do padre Casemiro. Aproveitávamos os filmes do Colégio Diocesano para exhibir em Sousas no sábado e no domingo. Terminava a sessão no Diocesano o carro de aluguel levava. Naquele tempo eram cinco cruzeiros para transportar, de Campinas a Sousas, os filmes. E eram exibidos os filmes de longa-metragem, seriados, documentários, filmes educativos.

Eu trabalhei também no Teatro Municipal que teve cinema em 1936. Teve dois anos de cinema no Teatro Municipal. O Teatro Municipal foi arrendado pela Empresa Campineira de Cinema, que depois construiu o Cine Voga, localizado na avenida Anchieta esquina com General Osório. Em seguida para fazer concorrência ao Voga, que era um cinema novo, foi construído o Rink. E o Rink foi construído com muita economia de material e foi o que aconteceu: desabou.

A minha formação é autodidata. Eu aprendi cinema acompanhando os amigos nas filmagens. Fotografia aprendi no laboratório que meu irmão tinha em casa. Eu gostava muito de cinema e observava muito. Depois eu ganhei muita experiência em fotografia e já foi meio caminho andado para fazer as filmagens, era só dar seqüência, dar movimentação e ter idéias. (...) comecei a fazer filmes de casamento, nos aniversários, para ganhar dinheiro, para melhorar um pouco a situação. Depois começou o movimento de cinema em Campinas, com "Fernão Dias", "Os Falsários", "Sós e Abandonados" e eu então achei interessante fazer o trabalho. E eu fui procurado pelo cônego Bruno Nardini e o padre Francisco Machado, que tinham uns coroinhas em Valinhos e queriam realizar um filme que tinha uma estória escrita pelo padre Machado. E o título era "Castigo e Arrependimento" e eu resolvi mudar para "Lição Merecida". E assim foi. Depois eu participei com o Cineclube Universitário, realizando uns trabalhos conjuntos.

... realizei em 69 o filme "Ser", um curta-metragem exibido pelo Festival Jornal do Brasil, com a duração de 90 segundos. O tema era a vida e eu fiz o contraste da vida através dos pés humanos. Pés do nascimento e que caminham até a morte. A trilha sonora baseada no tic-tac do relógio e o filme é circundado pelo buraco de uma fechadura, que se abre e se fecha no início e no final do filme. (...) participei de muitos outros filmes em super-8. "Tabela" fiz juntamente com Bernardo Caro e Berenice Toledo. Nesse filme fizemos tudo. Depois eu realizei o filme "Bailado", baseado na vida do artista plástico Eduardo Belgrado. Esse filme eu fiz sozinho.

Entusiasmados com a evolução do cinema campineiro, com a produção de diversos filmes, os elementos diretores do Cineclube Universitário de Campinas resolveram realizar um filme para o Festival Jornal do Brasil, em 1968. Em 1967, Dayse Peixoto foi diretora do filme "O Pedreiro" que contou com a colaboração de Luís Carlos Borges, Rolf de Luna Fonseca e da minha humilde pessoa, Henrique de Oliveira Júnior. Eu fiz o trabalho de câmara, fiz a montagem do filme, participei da preparação de algumas cenas com equipamentos de boa qualidade. (...) Eu filmei até 1983 depois eu parei porque era um movimento de filme super-8 e o filme super-8 foi suplantado pelo vídeo, abafaram a sua fabricação e o vídeo dominou. E eu então me desinteressei de filmagem.

... em março de 1947 eu deixei o emprego da Casa Ari e fui trabalhar por conta em casa. Eu montava equipamentos, equipamentos de som, eu montava aparelho de rádio. Eu começava o rádio às 7 horas da manhã e quando eram umas 10 horas da noite eu estava com o rádio pronto. Eu tinha duas pessoas que compravam os meus rádios e vendia a prazo. E com isso eu consegui ganhar e viver dois anos, até entrar na Prefeitura. (...) E nesse intervalo eu fazia projeções de filmes, por exemplo, na campanha eleitoral do Dr. Mendonça de Barros, que foi prefeito municipal. (...) ele era meu amigo, me procurou e disse se eu queria projetar filmes durante os comícios. Ele participou de uma campanha em que era adversário político do Miguel Vicente Cury. (...) Eu em cima de um caminhão, a gente levava o serviço de som e instalava. Eu trabalhava durante o dia como gerente da loja e às sete horas da noite eu saía para preparar os comícios. Diariamente isso foi feito. (...) Foi um sucesso porque segurava o povo, depois eram grandes oradores. O povo acreditava nos políticos. Políticos honestos na época. E aquilo foi vingando. Devido ao sucesso alcançado durante a campanha eleitoral o professor Nelson Omegna quis criar o cinema educativo. (...) Foi uma luta muito grande porque

o José Spadaccia, que é de Valinhos, tinha cinema e ele foi contra. Ele “forçou a barra” contra a criação do cinema, contra o projeto. Depois foi aprovado o projeto. Devido aos meus conhecimentos técnicos eles me contrataram. Era o prefeito Miguel Vicente Cury que ganhou a eleição, então o Dr. Mendonça falou com o prefeito Cury e eles me contrataram (...) fizemos um convênio com o Consulado Americano, fui contratado e foi adaptado um caminhão (...) Eu tinha uma equipe pequena, eu e mais um auxiliar, saíamos para fazer exibição de filmes nos bairros; também fizemos exibições no Teatro durante 5 anos, aos domingos das 10 às 12 horas, a Sessão Gazetinha, com entrada franca, para 1.100, 1.200 crianças. Foi um sucesso. Tem pessoas que até hoje encontram comigo e falam: — Que tempo bom era aquele em que a gente assistia o cineminha no Teatro Municipal! E assim fiquei trabalhando, depois fiz o trabalho de fotografar, filmar as demolições da cidade, os alargamentos de rua em 1955. (...) o Dr. Ruyrillo de Magalhães, que era o diretor, era vaidoso com aquele trabalho que ele fazia, era muito organizado, tinha um arquivo fabuloso e gostava que o trabalho aparecesse, me cobrava por isso. Eu fazia a locução e ele dizia: — Você vai ter que ir no palco e falar o prefixo do Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Que era assim: “Este é o Serviço de Som do Departamento de Ensino e Difusão Cultural da Prefeitura Municipal de Campinas, falando diretamente do palco do Teatro. Senhoras e senhores, boa noite!”.

Eu tinha a relação de filmes do Consulado Americano e conforme a programação eu sempre tinha em mãos 10 a 15 filmes para selecionar. (...) Um dos filme foi “A Malária”, com os anões da Branca de Neve. (...) Os filmes eram dublados, com legenda também. Eram narrados. Não tinha fita de enredo. A fita de enredo a gente alugava nas filmotecas, com legendas. Tinha um filme sobre o Grand Canyon que era uma beleza. Eles eram narrados em português. A narração já vinha pronta. Era importante o trabalho deles, eles tinham mais de 200 projetores espalhados pelo Brasil.

E a gente alugava de uma filmoteca em São Paulo, a Correia Souza Filmes, alugava um programa já montado, programa de 45 minutos com desenhos, comédias, shorts, musicais e educativos. (...) Os filmes brasileiros na ocasião eram difíceis, não tinham cópias em 16 mm e por isso nós tínhamos dificuldades de exhibir. Assim mesmo nós usávamos os documentários realizados pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo, do Rio de Janeiro. (...) Na divulgação, a imprensa de Campinas era muito camarada, e a gente conseguia

um bom espaço nos jornais. Divulgavam muito bem toda a programação diária do cinema, quer nos bairros, quer no Teatro Municipal.

Por contingência política, acabou esse tipo de trabalho. Dificuldades, entende? (...) já não cuidava mais dessa projeção rural, projeção itinerante. A gente fazia a parte fotográfica, filmava as obras em demolição e fazia sonoplastia no Teatro Municipal. (...) O Serviço de Som e Imagem estava fugindo da finalidade, não estava atendendo as necessidades. (...) foi realizada uma reestruturação do quadro de funcionários e nessa ocasião eles aproveitaram e transformaram o Serviço de Som e Imagem para Museu da Imagem e do Som, abrangendo uma finalidade muito maior, muito mais importante para a cidade de Campinas. Uma vez feita essa transformação na Câmara Municipal, foi feito um projeto para o Centro de Convivência Cultural. O Centro estava em construção. Foi feito um projeto, desenho das cabines de som para audição de música, foi feito o desenho da cabine de projeção, tudo isso no governo do Dr. Lauro Péricles Gonçalves. Em 1976 foi inaugurado o MIS. E o MIS teve grandes atividades, foi muito importante na cidade, porque nós conseguimos, através do diretor Dr. José Alexandre dos Santos Ribeiro, a conservação dos projetores do Cine Castro Mendes, que era antigamente Cine Casa Blanca. Dois projetores ótimos que foram aproveitados no Cine Castro Mendes, e uma vez colocados esses projetores foi realizado um sistema de programação com filmes uma semana por mês, com a programação de filmes clássicos do cinema. O cinema em Campinas, na época, estava decadente, a qualidade dos filmes não era boa. E eu consegui trazer a Dayse Peixoto Fonseca, que é cineasta, ligada ao cinema e conhece muito sobre cinema, e a gente fazia uma programação muito importante para o Castro Mendes e levamos um grande público para lá.

Eu dirigi o Museu da Imagem e do Som desde a sua fundação em 1976 até o final de 79. Eu me afastei por motivos de saúde, eu me aposentei porque estava com problema cardiovascular e necessitava de descanso, uma vez que eu já tinha trabalhado 35 anos na Prefeitura. (...) Eu sempre fui uma pessoa de muito trabalho, pouco tempo eu tive para a diversão, mas a minha diversão era o cinema, o teatro, onde eu estava localizado.

RUYRILLO DE MAGALHÃES, nasceu em 7 de julho de 1917, na cidade de Campinas, São Paulo. Advogado e professor universitário, foi diretor do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, da Prefeitura Municipal de Campinas.

Sou advogado mas sempre tive uma grande tendência para o ensino, para a educação. Essa história é decorrência da Revolução de 24, porque por causa da condenação do meu pai, eu fui obrigado a ir para a Itália. Nós ficamos na mais plena miséria, perdemos tudo. Então eu tinha uma avó italiana rica, que tinha uma mansão, e eu aqui menino de classe média, fui dar de costado numa casa fidalga lá em Trieste. E lá estava em pleno regime fascista. Embora esse regime fascista depois tenha se deturpado através da história contemporânea pela junção de Mussolini e Hitler, a realidade é que o fascismo não tem nada com o nazismo. O povo chama integralismo, fascismo e nazismo da mesma coisa. Mas não é. Filosoficamente é completamente diferente. O fascismo na parte que interessa à senhora e a mim foi muito interessante. (...) Eu era um menino analfabeto. Analfabeto porque eu estava aqui no Grupo Escolar no 1º ano e não sabia ler. Naquele tempo parece que o ensino chamava-se analítico, era um negócio assim: “Paulo corre atrás da bola”, “Lili era irmã de Paulo”. Eu sabia ler isso porque sabia que “Paulo corre atrás da bola” e que “Lili era irmã de Paulo”. Eu sabia copiar e sabia ler aquilo mas não sabia ler um jornal, e eu estava no primeiro ano. Eu era um analfabeto que sabia escrever com letra vertical. De repente eu saio analfabeto do Brasil, sabendo que “Paulo corre atrás da bola” e que “Lili é irmã de Paulo”. E outras coisas do tipo “... já não tem sabiá ... meu prazer é ver agora a dança do tangará”, que eu cantava (...) Saio daqui deste Grupo Francisco Glicério, que é o mais antigo, que era uma verdadeira pocilga, uma sujeira, os banheiros eram horrorosos. Hoje são, mas naquele tempo era uma coisa inenarrável. É inenarrável a sujeira que havia nas escolas, embora fossem muito bem equipadas. Saio daqui e vou para a Itália. A minha avó me põe em uma escola italiana chamada Scuola Municipale San Justo. Eu saio daqui, desse Grupo Francisco Glicério e vou para a Scuola Municipale San Justo. Primeiro aqui eram as professoras, mulheres, e quando chego lá vem um professor, um italianão, com um “bafete”, um bigode: — Brasiliano, questo secunda classe.

Não me mandou para o primeiro ano e eu era analfabeto. Lá era pela idade e imediatamente eu peguei o mosqueteiro e fui marchar. Então eu tenho uma formação militar rigorosa, uma primeiríssima formação militar, de ordem unida, de formação, de hierarquia, de quando eu era menino naquele tempo. Agora, eu não sei qual era o fenômeno pedagógico que aconteceu, que eu que não sabia escrever em português, sabia escrever "Paulo corria atrás da bola" com letra vertical, lá a letra era inclinada, já começa diferente. Aqui o "que" é q-u-e lá é c-h-e. Tudo diferente. Eu sei é que depois que eu estava dois meses ou três meses na escola, o professor fala: — Scrivi. E eu escrevi: i mio babo rimana in Brasile. Eu estava alfabetizado e em italiano: i mio babo rimana in Brasile. Quer dizer: meu pai estava no Brasil. (...) Então aí eu vi o que era a escola italiana. Eu estive na Itália onze meses, fiz nove meses de escola. Voltei alfabetizado, sabendo uma outra língua, sei fazer uma contabilidade mercantil simplificada, que uso até hoje, e aprendi isso em nove meses de escola italiana. (...) quando eu vim aqui no Grupo Escolar, em 1925, o Brasil estava no auge do café, não tinha havido a crise e Campinas era uma cidade rica, estava no auge, cercada de fazendas etc. O Cambuí estava começando a surgir. O Botafogo onde é o Ginásio do Estado, o Culto à Ciência, naquela rua Culto à Ciência, que era a rua "grã-fina" de Campinas, as boas casas estavam lá. E já estavam começando a fazer a avenida Júlio de Mesquita. Então eu ia para o Grupo Escolar, eu menino da classe média média, não vou chamar alta porque meu pai era advogado, ganhava muito bem na profissão, mas não era fazendeiro, era um liberal e vivia como nós vivemos. Vivia bem porque ganhava bem na profissão mas não tinha bens de fortuna, de herança. Meu avó também foi um ótimo advogado e ganhava bem, mas nós nunca vivemos do trabalho alheio, de uma fazenda, de uma indústria. Vivíamos do trabalho profissional do dia-a-dia. (...) a minha mãe pegava um pedaço de pão, um filãozinho, passava manteiga, punha canela e açúcar ou então pegava uma goiabada e colocava e eu levava o meu lanche. Eu lembro que era um lanche para comer na escola, no Grupo Escolar aqui na rua Moraes Sales. (...) Primeiro todos os alunos, quase todos eram banguelas, os que tinham dentes, os dentes eram verdes, verdes de sujeira porque ninguém escovava. Os meus coleguinhas não escovavam os dentes. Eu escova porque era classe média, meu pai era advogado, minha mãe tinha estudado em colégio de freiras, era muito boa dona de casa, muito boa mãe. Então eu tinha que tomar banho todo dia, escovar os dentes, sob protestos mas escovava. Agora o pessoal não tomava banho, isso em 1925 que não é tão longe. O pessoal era malcheiroso mesmo. Cabelos sujos. Piolhos todo mundo tinha na escola. Eu peguei piolho diversas vezes dos

alunos. Tinha que raspar a cabeça e passar querosene. O pessoal era piolhento mesmo. Agora em 1925, Campinas no auge do café, não tinha crise, e quando você chegava na escola os alunos falavam assim: “Uma esmolinha para São Serafim, quem não dá fica assim” [faz os gestos com que os alunos pediam o lanche]. Então nós, os meninos que levávamos o lanche, pegávamos aquele pedacinho de pão, como para passarinho porque eram muitos, senão apanhava na rua, e dava para matar a fome dos coitadinhos. Isso em Campinas, em 1925. O açougue usava uns negócios de madeira para partir a carne e era só mosquito, uma sujeira. Eu saio daqui em 1924 e vou para Trieste, Venezia-Giulia, Itália, na cidade de Trieste. Eu chego na escola, na Scuola Municipale de San Justo os banheiros da escola eram mais limpos que as salas de cirurgia dos hospitais de Campinas de hoje, mármore branco, regime fascista, você não via um cisco no chão da escola. Tudo de mármore branco, parede branca, não tinha uma mão de aluno. Tudo branco, branco, branco e limpo. Agora eu chego lá, num país saído da guerra, arreventado, eles tinham feito a guerra com a Áustria. Chego lá vem um bedel: — Bambino que cosa volete? Té, café ou chocolata? Perguntando se queria café, chá ou chocolate. (...) Na sala de aula em vez de uma professora era diferente, era só menino. Vinha um professor todo camisa nero e dizia: — Bambino e re, e re, e re. Bambino é duce, é duce. Bambino el canto del oggi: La bandeira é tricolore... e noi voliamo a libertà [canta a música]. Quer dizer, nacionalismo puro, lanche perfeito, aulas dadas com amor. As aulas eram de amor pela pátria. (...) Nunca deixei de ser brasileiro mas aquela influência toda que recebi na escola italiana e o amor pela educação isso ficou. Com nove meses de escola lá eu fiz praticamente o ginásio todo aqui sem estudar, porque eu sabia tudo. Em nove meses, segundo ano, eu redijo até hoje com a maior facilidade, analfabeto e aprendi a escrever, a fazer escrituração.

A minha formação básica foi jurídica. O meu avô foi advogado, meu pai foi advogado e eu na época, por causa de revolução essa coisa e tal, eu queria ir para a Escola do Realengo que hoje é a Academia. Mas meu pai e avô disseram que eu tinha que ser advogado. Eu sou advogado porque nasci e meu pai queria que eu fosse advogado. Depois eu fiquei locutor, jornalista porque eu não me pautava por aquilo. Mas o escritório era muito bom, o meu pai tinha um escritório muito bom, e então eu fui advogado com o meu pai. E eu gosto de advocacia, gosto muito de advocacia e sou advogado, mas sempre tive um amor muito grande pelo ensino. Um amor enorme, sempre achei que o ensino é a salvação do país. (...) Eu gostava de dar aula. Como meu pai não queria que

eu continuasse no rádio e eu queria falar, explicar e escrever para jornal, daí eu ingressei no magistério. Como a cidade era pequena e as escolas davam oportunidades para a gente se expandir muito, havia uma alta publicidade das atividades escolares e em tudo quanto era festa cívica eu falava. Acho que eu fui o professor que dei mais aulas em colégios particulares ao mesmo tempo. Eu cheguei a dar 68 aulas por semana, a pé. Sessenta e oito aulas por semana a pé, advogando e sendo diretor da guarda noturna. Eu levantava às quatro horas da manhã e deitava meia-noite, meia-noite e meia. E graças a Deus eu tinha físico suficiente para isso, a minha ascendência é italiana, a alimentação da minha casa, talvez uma das coisas boas era isso, eu tinha uma alimentação muito boa, muito bem balanceada. Então eu era um homem muito forte e tinha muito boa saúde.

Em 1946 era prefeito de Campinas do Dr. Joaquim de Castro Tibiriçá, que tinha sido indicado para esse posto, naquele tempo o prefeito era nomeado, ele foi nomeado por indicação do PSD — Partido Social Democrático, que era o partido que dominava a política. Era o partido fundado juntamente com o Partido Trabalhista Brasileiro. E aqui é interessante fazer-se um parêntese: o Getúlio Vargas criou dois partidos o Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro. Esses dois partidos pretendiam ser um meio-termo entre o liberalismo total e completo que vinha da Revolução Francesa e o socialismo que se transformou no comunismo na Rússia e outros países socialistas. Tinha sido o fim da guerra e também do nacional-socialismo do Hitler, o corporativismo de Mussolini, que eram extremos de direita, de esquerda e de liberais. Então Getúlio quis dar um meio-termo e criou o que hoje erroneamente estão chamando de social-democracia aqui no Brasil. Isso que está se fazendo aqui o Brasil não tem nada de social-democracia. A social-democracia é a terceira escola, é entre o liberalismo chamado escola do estado jurídico e as doutrinas genericamente chamadas de socialista. O meio-termo entre as duas seria a social-democracia e o Getúlio quis exatamente fazer um meio termo. Então criou o Partido Social Democrático e o PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. Ambos de um modo geral caminhavam para a social-democracia, isto é, equilíbrio entre o capitalista e os trabalhadores.

No dia 4 de junho de 1946, o prefeito Joaquim de Castro Tibiriçá, numa antevisão do progresso de Campinas, pediu-me e me encarregou de organizar o ensino municipal em bases modernas e que fosse realmente um ensino à altura de Campinas na época e visando à Campinas do futuro. Inicialmente formou-se a Diretoria de Assistência e Alimentação que mais tarde

passou a denominar-se Educação e Assistência, depois Diretoria de Ensino e Difusão Cultural e finalmente Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Essas Diretorias de Assistência e Alimentação, de Educação e Assistência e de Ensino e Difusão Cultural e mais tarde Departamento de Ensino e Difusão Cultural foram a célula "mater" das atuais Secretarias Municipais de Educação, Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria Municipal de Assistência Social, Secretaria Municipal de Saúde e Secretaria Municipal de Esportes e Turismo. Era a célula "mater". (...) Em face desse desejo, dessa idéia, desse plano de formar, de concorrer para a elevação cívica e educacional do povo de Campinas, pretendia-se através da Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, do Departamento de Ensino e Difusão Cultural mais tarde, fazer das escolas núcleos de difusão não só do ensino propriamente dito mas, através dos alunos e dos professores, fazer um amplo trabalho educacional que ia desde o ambiente escolar sadio, o ambiente escolar perfeito, o ambiente escolar acolhedor, difundindo essas idéias entre os professores, através de reciclagem, dos alunos através da educação básica e integral e através da assistência sócio-educacional chegar a suas famílias. Então dentro desse contexto havia uma aproximação muito grande das populações que moravam ao redor das escolas, nas festas escolares, nos trabalhos escolares, tudo dentro desse aspecto de educação básica e integral dos alunos e ensino e assistência sócio-educacional para os professores, os alunos e suas famílias. (...) Na época eu estava despontando na advocacia com um escritório de advocacia, que a senhora vai conhecer, de 1885. Eu tive um atrito violento, que me magoa até hoje, com o meu pai, por que meu pai queria que eu continuasse com o escritório. E eu teria hoje pelo menos dez vezes o que tenho. Naquele tempo o meu pai tinha um escritório muito bom, um ótimo escritório. E eu peguei e me dediquei de corpo e alma para a educação. (...) Eu cometi a maior estupidez em matéria de paixão. Eu me apaixonei pela Prefeitura. Me apaixonei literalmente, larguei tudo para me entregar. Essa coitada da minha mulher que está aqui é uma coitada porque passou a mocidade e eu nunca olhei para a cara dela o tempo todo, nunca tive tempo para ver os meus filhos crescerem. Eu me apaixonei tremendamente pela Prefeitura. É tudo fruto desse amor desesperado. (...) sob a minha direção, nós iniciamos na Prefeitura algumas coisas pioneiras no Brasil. Por exemplo, a racionalidade administrativa. (...) As pastas eram todas com cores simbólicas, porque eu sou professor de Direito Administrativo e Ciência da Administração, então tudo o que ensinava aos meus alunos na faculdade eu punha em prática. Então a minha cadeira tinha tanto de altura por tanto, a minha mesa foi desenhada como mesa de diretor, o chefe de seção

tinha mesa de acordo com a sua posição, a poltrona do chefe era diferente da poltrona do diretor. (...) Eu estabeleci que nós, homens, usássemos calça azul-marinho, sapato preto, meia preta, camisa branca, gravata azul-marinho, paletó azul-marinho. Mulher toda de azul-marinho e branco. Para evitar o desfile de moda, que isso sim é anti-social. Porque você tem uma roupa bonita, e a coitadinha da professorinha que não tem? E aí o pessoal começou: — Você é fascista. E eu estava querendo fazer de Campinas um exemplo de pioneirismo. Tinha uma professora que vinha fazer ginástica de sapato alto, ela não queria usar tênis...

Como meu pai era na época um advogado que tinha ótimos relacionamentos e eu também já estava advogando, ao invés de tirar proveito da Prefeitura eu levava as coisas para a Prefeitura. Tem um parque aqui, que eu vou visitar com a senhora, é todo construído de graça. Eu ia nas olarias em que meu pai era advogado e pedia tijolos para a Prefeitura. Ia nas construtoras e pedia dias de serviço de pedreiros. Tinha déficit escolar como tem até hoje. Fizeram depois até um inquérito e eu saí absolvido. Era o seguinte, naquele tempo a nomeação do professor não era por concurso, era livre nomeação. Então no tempo do PRP, que eu estava falando, a filha do fulano de tal era nomeada professora e quem era filha do “zebedeu” jamais seria professora. Entendeu? Então era livre nomeação e isso era uma prática normal: quem não tem padrinho morre pagão. (...) Então o que aconteceu, precisava de escolas e começaram os loteamentos, então eu ia no loteamento, chamava o loteador e falava: — Escuta, o senhor não quer me dar um terreno de 5 mil metros ou 3 mil metros para uma escola? — Dou. Aí ia para o prefeito e falava: — O senhor pode nomear quem quiser? — Posso. — Tá bom, então nomeia a filha de fulano que ele dá a escola. Ele podia nomear qualquer um. (...) naquela angústia de ver a cidade crescendo, explodindo, os bairros novos e com a população aumentando e não tinha escola, eu parti para a criação de escola isolada porque grupo é escola isolada. Em cada bairro eu fazia uma escola, ia com o loteador e conseguia a doação do terreno para a Prefeitura e ia com outro cidadão e falava quando ele vinha à Prefeitura pedir emprego para a filha que tinha se formado: — Perfeitamente, você pode fazer uma sala de 6x8, com dois banheiros, masculino e feminino, e uma cozinha para a merenda escolar? Eu mesmo desenhava porque a engenharia da Prefeitura na época não estava interessada, eles queriam era fazer a licitação, arranjar o prédio pronto, contratar um camarada para fazer a planta. Eu mesmo fazia a planta com a luz lateral esquerda, quadro verde e opaco, todas essas coisas eu tinha aprendido

lá na Itália, menino. Então o cidadão me fazia a escola. Vinha outro e pedia e então eu dizia: — Você mobília a escola, compra as carteiras? E assim eu fiz trinta ou quarenta escolas. Exatamente foram 79 professores que eu nomeei, corresponde a mais ou menos umas vinte e poucas escolas. (...) Ai veio um camarada e disse: — Indecência administrativa, inquérito administrativo. Para provar o quê? O prefeito podia nomear quem quisesse e de graça, agora o sujeito dá a escola, o terreno, a carteira, tá mais do que justo que a moça seja nomeada. Não é o modo ideal mas nas circunstâncias resolveu.

O importante é o pioneirismo de Campinas no campo educacional. Através do Departamento de Educação e Difusão Cultural nós fizemos o pioneirismo, fizemos esse ensino e assistência socioeducacional. Nós formamos coisas que na época ninguém pensava: Biblioteca Pública Municipal Circulante e Infantil, (...) o Museu Municipal, (...) a Pinacoteca Municipal (...) a assistência dentária escolar, que erradamente passa para a Secretaria de Saúde, porque o dentista escolar não deve ser em tese, a meu ver, da Secretaria de Saúde. Ele deve ser um dentista ou médico com formação científica, evidentemente, mas um dentista escolar integrado à escola. Ele tem que se integrar, tem que ser um pedagogo, um dentista-pedagogo. Como também eu tinha o médico escolar. Mas aí os médicos disseram: — Nós temos que ir para a Secretaria de Saúde, não temos que obedecer a um advogado.

As estantes que estão hoje na biblioteca foi eu que desenhei e mandei fazer. Inclusive a mapoteca na época não existia no comércio. Eu planejei e fiz. Então houve uma luta, eu não vou citar os nomes, disseram: — Que absurdo comprar estantes podendo comprar livro. Colocar os livros onde? Isso saiu no jornal, saiu uma notícia no jornal. Era a mentalidade da época. Se eu não tivesse comprado as estantes não tinha preservado os livros. Na biblioteca nós colocamos a circulante de vermelho, a permanente era encadernada de azul e a infantil, de verde. Quando tirava os livros eu inventei um livro de madeira que nós chamávamos de “fantasma” para facilitar colocar no lugar. Outra discussão era: — Por que vai fazer livro de madeira podendo comprar um livro? O livro de madeira é para quando sai um livro, fica mais fácil guardar depois. É a racionalização do serviço.

O problema é o seguinte: é a mentalidade. (...) Ecologia, que hoje é moda, nós começamos isso. Eu criei duas coisas importantes, a primeira é o santuário ecológico escolar. Ainda existem alguns aí funcionando, aqui na esquina embaixo a senhora vai encontrar, tem umas árvores enormes. Era para criar a mentalidade ecológica, de defesa do meio ambiente na criança. De que

forma? A criança apanhava a semente na mata, remanescentes das matas que ainda havia e ainda hoje há, e trazia para o estabelecimento escolar. E ninguém compreendia isso, achavam que eu era louco. Eu fazia a criança plantar. (...) Toda escola também tinha o Clube Agrícola onde plantava. Eu criei uma professora, que todo mundo achou um horror, eu criei o professor de Clube Agrícola. Era uma coisa horrorosa, ninguém entendia e diziam que não iam pegar na enxada.

O importante é que dentro do programa de educação básica e integral que se queria fazer, do ensino e da assistência socioeducacional, foi inserido o Serviço de Cinema Educativo. E ao mesmo tempo acoplado a esse Serviço o serviço de som do Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Então em todas as atividades escolares, em todas as atividades para escolares e até nas atividades político-partidárias da época, não propriamente político-partidário, mas naquelas atividades políticas dos prefeitos, nós entrávamos e aproveitávamos aquilo para fazer o programa educacional do município. (...) no Cinema Educativo nós fazíamos o seguinte, acoplávamos a fita, o filme ao serviço de som. E ao mesmo tempo nós fazíamos então a publicidade da defesa do meio ambiente, do “plante uma árvore frutífera” e dávamos noções de cozinha, dávamos aulas de economia doméstica, até preparo de mamadeira do bebê. Então o Cinema Educativo ficou educativo porque ele tinha um Serviço de Som acoplado e nós dávamos aulas então sobre ecologia, defesa do meio ambiente, integração escolar e até aulas de culinária no sentido de fazer a alimentação que fosse realmente saudável (...) o Cinema Educativo, embora não tivesse filmes educativos próprios, nós procurávamos fazer orientações. Como todo o pioneiro tínhamos dificuldades mas a criatividade procurava suprir essas deficiências que nós tínhamos.

Eu não sou técnico em matéria de cinema e o que sei é que eram feitas umas chapinhas de cinema, era uma porção de chapas e feita uma projeção da chapa em que havia um resumo, uma síntese do que o locutor ia explicar. Era uma chapinha escrito: “Plante uma Árvore Frutífera no seu Quintal”. E aí o locutor, no som acoplado, desenvolvia o tema.(...) acontece que nessa época Campinas tinha uma zona rural grande e nós íamos na zona rural. O Cinema Educativo ia à zona rural. Nos fins de semana nós íamos nas fazendas. Por exemplo, me lembro assim, nós íamos na Fazenda Mato Dentro, íamos na Fazenda Fontoura que pertencia a Olavo Fontoura do Biotônico Fontoura, nós fomos lá diversas vezes. Nós íamos numa fazenda, aqui em Sousas, chamada Riqueza. Nós íamos aqui no bairro Carlos Gomes que tinha umas fazendas lá de

diversos donos. Nós íamos nas fazendas todas, o Cinema Educativo e o serviço de som, e com muita dificuldade porque nós não tínhamos nada. Para fazer tudo isso nós tínhamos uma camionete, um caminhão velho, caindo aos pedaços, que foi adaptado. Naquele tempo a Prefeitura tinha uma oficina mecânica muito boa, tinha lá o seu Andrade que era um grande mecânico. Então esse caminhão foi adaptado para o Cinema Educativo. Era um caminhão que servia para o Bosque e para os Jardins [infantis] do Departamento de Ensino. Toda a nossa frota se reduzia em um Ford 1936 que eu achei jogado no lixão. Estava no lixo, alguém abandonou por que acabou o tal de gasogênio. Na guerra não tinha gasolina e usava queimar carvão. Então quando acabou a guerra, o sujeito que tinha aquilo não queria mais aquele automóvel. Eu catei esse automóvel que estava no lixão na Prefeitura, reformei às minhas expensas e com auxílio da oficina mecânica da Prefeitura. Ele depois foi até objeto de cobiça de todo mundo porque eu tinha um automóvel. É uma coisa ridícula se contar isso hoje.

... o objetivo desse Departamento que na época era de Ensino e Difusão Cultural foi um projeto global para que difundisse a cultura e o ensino em toda a cidade e em todo o município, inclusive na zona rural. Então todas as escolas foram remodeladas. Primeiro nós tivemos um cuidado especial pelo ambiente escolar porque passamos a idéia de que o ambiente escolar era fundamental na formação do futuro cidadão. Então escola branca, escola limpa, escola bem organizada, professor bem vestido, aluno bem uniformizado. Aluno banhado, dentes escovados, unhas limpas e cabelo bem penteado e bem cortado. Era o ambiente ideal para desenvolver uma pedagogia integral. Então o nosso objetivo foi criar o ensino e assistência socioeducacional, quer dizer, a instrução pública não só para instruir mas para educar. Não só para instruir e educar mas para assistir. Assistir como? Assistência social propriamente dita, que ia do aluno à sua família, e assistência educacional completa. Daí criarmos uma série de iniciativas como o paisagismo pedagógico, como os parques ecológicos escolares, merenda escolar preparada por nutricionistas, médico de escolas e parques infantis, assistência em enfermagem, médica e odontológica e assistência social. Tudo isso visando ao aluno, ao professor que também foi reciclado. Dentro desse contexto, como nós queríamos fazer uma municipalização de ensino global e fazer ensino e assistência social, nós então começamos a pensar em associar a atividade escolar propriamente dita, à assistência social também propriamente dita. A assistência social às famílias e paralelamente assistência cultural às classes menos favorecidas, levando então

a escola para os bairros e nesse contexto nós procuramos formar a Universidade Popular para que pessoas de classe média que não tinham acesso ao ensino superior, porque era muito restrito, pudessem avançar nos seus estudos que até então ficavam no nível da Escola Normal e do Ginásio do Estado. A PUC estava iniciando, estava praticamente dando os seus primeiros passos e então era exatamente para as pessoas que não podiam fazer a faculdade fazerem a Universidade Popular. E ao mesmo tempo procuramos com o Santuário Ecológico Escolar e com a Campanha "Plante uma árvore frutífera em seu quintal", tentar levar essa idéia, que hoje é muito comum, mas na época causava até expensas, que é a defesa do meio ambiente e a defesa da ecologia, lutando pelo aumento das áreas verdes e livres da cidade.

O Germano Costa, eu me lembro, era um homem de estatura mediana, já devia de ter na época cerca de uns 55 anos. Para mim que tinha vinte e poucos anos eu achava um senhor. Mas era muito bem falante, ele tinha uma eloquência natural. Ele era muito convincente. E naquele tempo que não havia televisão, não havia nada, ele ia no largo, eu conheci ele passando no largo do Rosário. Campinas era uma cidade pequena. Eu conheci ele passando cinema. Ele tinha uma máquina muito boa e um aparelho de som, era cinema falado e ele acompanhava os filmes com as descrições. Ele descrevia lugares muito interessantes do Brasil, inclusive do seu estado, do Espírito Santo, de Vitória, das praias do Espírito Santo, da Bahia, da Ilha de Itamaracá, da Veneza Brasileira que era Recife, de Belém do Pará. Ele viajava o Brasil inteiro e filmava, nos intervalos ele fazia mensagens dos comerciais exibindo umas plaquetas. Eu não sou técnico e não sei como era, eram umas plaquetas, por exemplo, onde ele escrevia "Use sabonete Gessy, é o melhor sabonete para a pele". Então ele punha lá o desenho do sabonete Gessy e projetava nos intervalos dos filmes, fazendo a propaganda daquilo. "Chapéus Cury, os chapéus dos 40 milhões". E o comércio pagava. (...) consegui que ele gentilmente e naturalmente, subsidiado pelo comércio da cidade e pela indústria, fizesse algumas plaquetas de "Plante uma árvore frutífera no seu quintal", "Leve o seu filho na escola municipal", "A escola municipal foi aberta", "Foi aberta a escola municipal no bairro do Boa Vista". (...) aí foi a origem muito remota do que mais tarde seria o Cinema Educativo implantado.

... nós conseguimos um empréstimo de uma máquina do Serviço Cultural do Consulado Americano de São Paulo e que nos enviava filmes geralmente sobre as façanhas americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Eram restos de guerra. E mandavam aquele material e no meio dele desenhos

animados. Então isso naturalmente não estava no nosso escopo mas como nós estávamos querendo fazer e como diz o caboclo “cavalo dado não se olha a idade”. Nós procuramos aproveitar aquela máquina e aqueles filmes. Para compensar essa falta de filmes nacionais e educativos nós passávamos esses filmes de guerra, passávamos esses desenhos animados, um ou outro filme natural que vinha dos Estados Unidos ou da Europa. Vinham algumas coisas interessantes.

Então vinha esses filmes do Consulado Americano, alguns desenhos, alguns filmes naturais sobre acidentes [geográficos] o Grande Canyon nos Estados Unidos, vinha coisa sobre a Torre Eiffel, coisas de Londres, algumas coisas da Itália porque nas fitas como eram da Segunda Guerra havia detalhes. Como a gente conhecia um pouco de história a gente assistia aos filmes e procurava na medida do possível, nos intervalos, aí nós acoplávamos o serviço de som, o microfone que nós tínhamos, então eu mesmo, na época jovem, fazia um comentário sobre o filme que era uma oferta e nós não tínhamos outros, não tínhamos dinheiro e nem possibilidades. Então eu aproveitava e fazia mensagens nacionalistas, mensagens de civismo, de higiene corporal, porque geralmente eram crianças que assistiam. Geralmente nós levávamos as crianças dos parques, das escolas.(...) no começo nós organizamos aquilo, mais ou menos como se fosse um auditório de rádio mas com cinema. Eu comparecia e falava: “Senhoras e Senhores a Prefeitura Municipal de Campinas, através do Serviço de Cinema Educativo e do seu Serviço de Som, tem o prazer de cumprimentar todos os presentes principalmente as crianças das nossas escolas e parques infantis que aqui comparecem. Vamos a seguir assistir a alguns filmes que nos foram cedidos pelo Serviço Cultural do Consulado Norte-Americano, sediado em São Paulo. E em seguida vamos transmitir algumas mensagens através de filmes que serão exibidos. De forma geral nós queremos lembrar que aqui estamos num esforço para melhorar os índices de educação da população em geral e dos nossos alunos em particular. Vamos assistir aos filmes”. Não ficava muita falação. Por exemplo, se tinha um filme da Itália “As forças americanas invadem a Sicília”, estou me lembrando agora, e apareciam alguns templos italianos, olivais, plantações de olivas, se via o mar, se via montanhas. Então aquilo para nós é o que chamamos hoje de gancho em televisão, dizíamos: “Vocês acabaram de ver a Sicília. Quem aqui é neto de italiano?”. Muita gente era e então: “O seu nono, o seu avô deve ter nascido lá na Sicília. A Sicília é uma das terras mais belas da Itália, tem grandes plantações de olivas, tem plantações de limoeiros, laranjas. Olha, isso é muito

bonito, italiano faz isso. Nós aqui em Campinas moramos em casas e quase todas têm grandes quintais. Por que não vamos plantar uma árvore de laranja? É fácil. A gente pega uma semente de laranja e põe na terra e faz germinar. No Parque vocês já aprenderam?”. A criançada respondia: “Aprendemos”. Por que nós já tínhamos dado a aula no Parque através dos Clubes Agrícolas. “Você pega um caroço de abacate, põe dois preguinhos, um de cada lado e põe num copo com água e ele cria raízes. E quando ele estiver com raízes, tiver um brotinho, você faz um burquinho no fundo do quintal e planta o seu pé de abacate. O abacate é muito nutritivo além de ser gostoso”. Então fazíamos a Campanha “Plante uma árvore no seu quintal”. Outra coisa: “Você quando andar na rua e verificar uma casca de banana — que era muito comum naquele tempo — pegue e tire da calçada. Você pode quebrar uma perna”. Eram essas as lições.

A maior estupidez administrativa de todos os tempos realizada em Campinas foi realizada no governo do Sr. Ruy Hellmeister Novais (...) Infelizmente por volta de 1955, numa hora de infeliz inspiração, a Câmara Municipal aprovou o projeto doido, politiqueiro, indecente, criando as Secretarias Municipais. Essas Secretarias foram entregues a pessoas de confiança dos respectivos prefeitos (...) E criaram uma estúpida vaidade de achar que sendo Secretários eram muito importantes e queriam massacrar os diretores que eram todos doutores, todos engenheiros formados, advogados formados ou então funcionários de alta categoria que tinham ascendido pelo trabalho de anos de dedicação, de capacidade, às Diretorias. (...) toda a Prefeitura do tempo que eu trabalhei lá de 1946 e 1956, durante esses dez anos, a Prefeitura funcionava muito bem e era dividida em Departamentos. Os Departamentos em Divisões, Serviços e Seções. Acontece que praticamente todo esse funcionalismo era de carreira. O sujeito começava no início de uma carreira e no fim de um tempo ascendia a um cargo máximo que era o de diretor de Departamento. Então os Diretores de Departamento eram funcionários públicos efetivos. Integrados nos serviços das repartições. Então havia disciplina e hierarquia. Havendo disciplina e hierarquia as coisas funcionavam muito bem e os prefeitos, eles sim faziam a sua política. Mas como todos eles, pelo menos os que eu trabalhei e cito com muita honra e prazer o nome de Joaquim de Castro Tibiriçá, Manoel Marcondes Machado, Miguel Vicente Cury na primeira gestão e o Dr. Antônio Mendonça de Barros, eram pessoas que governavam, faziam o executivo. Principalmente o Dr. Tibiriçá e o Dr. Antônio Mendonça de Barros, que eram advogados ilustres e capazes, de

boa visão política, de boa visão administrativa. Esses homens governavam a cidade, faziam a sua política, nunca deixaram de fazer mas nunca deixaram que a política interferisse nos serviços técnicos e administrativos da Prefeitura. Por isso que eles eram bem servidos e por isso que podiam governar a cidade com a proficiência, com a honestidade, com a capacidade com que eles governaram.

Fico agüentando isso até 67 quando eu me aposento. Agüentando toda a sorte de cretinice. A outra coisa então, me acabaram com os arquivos, essas coisas que você não encontra mais. Eu não vou citar os nomes desses indivíduos. Esses indivíduos todos se grudaram, naquela expressão feia, grudaram nos secretários, nas Secretarias para se promoverem. Então o único jeito para se promover era acabar com a Diretoria, com o diretor, acabar com o arquivo que o diretor fez. Acabar com as fotografias que ele arquivou porque isso aí é sombra, esse homem sabe fazer e eu não sei então preciso fazer dele uma besta para eu poder subir. Então foi vaidade, foi exatamente isso que aconteceu no meu departamento e deve ter acontecido em todos. Em Águas e Esgotos houve um retrocesso tremendo. Secretaria de Obras foi um retrocesso total. Foi um retrocesso na Prefeitura. (...) O funcionário de carreira entra para ficar 35 anos, agora esse camarada vai lá para ficar no máximo 4 anos. Então ele vai lá para se aproveitar, para se projetar politicamente ou para encher os bolsos. (...) O prefeito deve ter assessoria de confiança para que, se alguma diretor safado, mesmo de carreira, fizer algum erro, o assessor verifique o erro e ele chame a atenção. O diretor não pode ser onisciente em tudo. O que eu sempre defendi na Prefeitura naquele tempo é o seguinte: o prefeito quer ter gente de confiança, nomeie uma assessoria, quatro, cinco, seis, dez assessores da confiança dele e que vão rever todos os processos. Agora, não pegar e neutralizar o diretor e botar um secretário que não entende "bulufas" daquilo. (...) Outra coisa que na Prefeitura não havia: corrupção. Após a criação das Secretarias houve. Quanta gente começou a se corromper!

É bom ressaltar o seguinte, toda essa iniciativa deve-se à clarividência do prefeito Tibiriçá que criou o Departamento de Ensino. Se ele não tivesse criado essa Diretoria se antecipando no tempo, sorte minha ou sorte da cidade, ou coincidência, o fato é que a minha criatividade, o meu entusiasmo pela coisa casou-se bem com a idéia do prefeito Tibiriçá. Então nós começamos a pensar e a fazer a educação moderna. Exatamente o que eu disse na primeira entrevista, nós queríamos fazer social-democracia. E a social-democracia, não esse liberalismo liberalóide que tem agora, esse entreguismo que tem agora com essa privatização cega. Porque privatizar um hotel é muito bom, mas privatizar

a força e luz, telefone, Vale do Rio Doce, acabar com a escola pública... Acabar com a escola pública isso é um crime. A escola pública tem que ser desenvolvida. Então nós queríamos exatamente o seguinte, manter o "stato quo" capitalista, deixar que o empresário trabalhe, que o industrial trabalhe, que o fazendeiro trabalhe, que o sitiante trabalhe mas dar um apoio, através de uma legislação de proteção ao trabalho, que é o trabalhismo, que é a social-democracia, que é entre o liberalismo e o socialismo. Nós temos um divórcio, temos de um lado os conservadores e na outra extremidade temos o bolchevismo, o anarquismo, o comunismo, o socialismo, conforme se fazia na Rússia e etc. Agora o meio-termo é a social-democracia ou o trabalhismo, que é o nacionalismo patriótico, que não estiola a iniciativa do empresariado, não inibe, não vai ao extremo de querer tirar de um para passar para o outro, mas procura a harmonia das classes e para que haja a harmonia das classes, tanto o pobre quanto o rico precisam ser educados. E a educação básica e integral é o caminho. E o cinema educativo tem um efeito enorme, através de um Serviço de Cinema Educativo propriamente dito, através dos filmes projetados e através do serviço de som. A filosofia de criação do Serviço de Cinema Educativo em Campinas foi essa, fazer educação básica integral, ou melhor, ensino e assistência socioeducacional. Esse foi o grande objetivo nosso. (...) Eu sou apaixonado pela educação porque acho que todo o problema nacional se resume em ensino e assistência socioeducacional. É a minha filosofia: se nós tivermos um bom ensino e uma boa assistência socioeducacional nós formaremos um povo de verdade. E o Brasil deixa de ser essa colônia que sempre foi e agora está indo a passos célebres para a maior colônia do mundo. Se isso continuar dez anos assim nós vamos apanhar de chicote de americano, pode estar certa disso.

Infelizmente depois da nossa saída de lá aquele cuidado de racionalizar acabou. Coincidentemente eu sou professor de Administração e então tentava racionalizar a administração. E era objeto de crítica, o pessoal achava que eu guardava muito papel, guardava muita fotografia e se criou assim uma indisposição da maioria dos funcionários para com a minha atitude muito enérgica, uma preocupação muito grande com os arquivos. Então quando eu saí houve uma verdadeira destruição propositada, uma espécie de revanche. (...) A estrutura que está na Secretaria é a que eu deixei, só que com o passar do tempo houve muito ódio, muita ideologia errada, porque o pessoal ainda confunde esquerda e direita. Eu não sou da esquerda ou da direita, eu sou brasileiro, eu quero o bem da minha pátria não interessa a ideologia,

interessam as coisas objetivas. Em último caso eu seria um social-democrata trabalhista, eu quero a coexistência pacífica das forças produtivas. De modo geral é isso aí.

BIBLIOGRAFIA

Geral

- ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. **Cinema contra Cinema**: bases gerais para um esboço de organização do Cinema Educativo no Brasil. São Paulo, SP : São Paulo Editora Limitada, 1931.
- ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons*. A nova cultura oral. São Paulo, SP : Cortez, 1994.
- _____. **Cinema**. Arte da memória. Campinas, SP : Editora Autores Associados, 1999.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo, SP : Martins Fontes, 1993.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de, CAMARGOS, Marcia e SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato**: furação na Botocúndia. São Paulo : Editora do SENAC, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Tradução de Heindrum K. Mendes da Silva, Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1975.
- BERRIEL, Carlos Eduardo O. **Carlos Ortiz e o cinema brasileiro na década de 50**. São Paulo, SP : Secretaria Municipal de Cultura, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1981. (Cadernos, 8)
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 1992.
- BRUZZO, Cristina. **O cinema na escola**: o professor, um espectador. Campinas, 1995. Tese (Doutorado em Metodologia de Ensino) - Faculdade de Educação, Unicamp.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 1991.
- CAMARGO, Luiz Octávio de L. **O que é lazer**. São Paulo, SP : Círculo do Livro S.A., 1986.

- CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro, RJ : Livraria José Olympio Editôra, 1964.
- CÉSAR, Ana Cristina. **Literatura não é documento**. Rio de Janeiro, RJ : Funarte, 1980.
- CHANG, Jung. **Cisnes selvagens: três filhas da China**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 1994.
- COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. Tradução de Nilson Moulin Louzada. 2ª ed., São Paulo, SP : Globo, 1989.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. **Observações sociológicas sobre um tema controverso: população rural e educação em São Paulo**. São Paulo, SP, 1979. 517p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, SP : Papirus, 1994.
- FRANCO, Marília da S. A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In: FALCÃO, Antônio R. e BRUZZO, Cristina (coords.). **Coletânea lições com cinema**. São Paulo : Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), 1993, v. 1, p.15-33.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é memória. **Revista USP**, n. 24, dez./jan./fev. 1994-1995. p.115-120.
- FREUD, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. 2ª ed. Tradução de Pedro Miguel Frade. Lisboa : Vega. 1995.
- GANDINI, Raquel P. C. **Intelectuais, estado e educação: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 1944-1952**. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 1995.
- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. Novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, SP : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.237-271.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo, SP : Edusp, 1985.
- HARVEY, David. **Condição pós-Moderna**. 6ª ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, SP : Edições Loyola, 1996.
- JAGLE, Abran. CICLIONI, Waldemar. **Vamos falar de cinema?** São Paulo, SP, Rio de Janeiro, RJ : Editora Civilização Brasileiro S.A., 1943.

- JAMESON, Fredric. **Marcas do visível**. Tradução, entre outros, de Roneide Venâncio Majer. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1995.
- LUCCAS, Celso e CHAVAGNAC, Beatrice de. **Cinema ambulante**. São Paulo, SP : Global Editora, 1982.
- LUZ, Rogério. A experiência do espectador comum de cinema. **Cinema**. vol. 1, nº 1, Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994.
- MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas**. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas, SP : Unicamp, 1996.
- MONARCHA, Carlos. **A reinvenção da cidade e da multidão**. Dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova. São Paulo, SP : Cortez/Autores Associados, 1989.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo, SP : Editora Ática, 1985.
- MOURA, Gerson. **Sucessos e ilusões**. Relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro, RJ : Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- MUMFORD, Lewis. **Arquitetura, construção e urbanismo**. Tradução de Carlos Kronauer. Lisboa : Editôra Fundo de Cultura, 1965.
- NAZÁRIO, Luiz. A animação norte-americana. **Coletânea lições com cinema**. São Paulo : Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), 1996, v. 4.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo, SP : Editora Brasiliense, 1988.
- PANOFSKY, Erwin. Estilo e meio no filme. Tradução de César Bloom. In: ADORNO, Theodor W. et al. **Teoria da cultura de massa**. Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima, 3ª ed., Rio de Janeiro, RJ : Paz e Terra, 1989. p.321-340.
- PASOLINI, Pier P. **Empirismo hereje**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa : Assírio Alvim, 1981.
- PINTO, Edgard Roquette. Cinema educativo. **Revista de Estudos Brasileiros**, Rio de Janeiro, nº 1, jul./ago. 1938. separata
- RAMOS, José M. O. **Cinema, estado e lutas culturais (anos 50/60/70)**. Rio de Janeiro, RJ : Paz e Terra. 1983.

- SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **Complexo de Zé Carioca. Sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 29, Ano 10, out. 1995. p.49-63.
- SERRANO, Jonathas, VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Cinema e educação.** Rio de Janeiro, RJ : Melhoramentos, 1931.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole.** São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Flávio Luiz P. e. **O teleteatro paulista nas décadas de 50 e 60.** São Paulo, SP: Secretaria Municipal de Cultura, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1981. (Cadernos, 4)
- SIMIS, Anita. **Estado e cinema no Brasil.** São Paulo, SP : Iluminuras, 1996.
- SPENCE, Jonathan D. **O palácio da memória de Matteo Ricci.** A história de uma viagem: da Europa da Contra-Reforma à China da Dinastia Ming. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 1986.
- VENÂNCIO FILHO, Francisco. **A educação e seu aparelhamento moderno.** Rio de Janeiro, RJ : Companhia Editora Nacional, 1931.
- VEILLON, Olivier-René. **O cinema americano dos anos cinqüenta.** Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo, SP : Martins Fontes, 1993.
- VIANY, Alex. **Introdução ao cinema brasileiro.** 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ : Editora Revan, 1993.
- XAVIER, Ismail. **Sétima arte: um culto moderno.** São Paulo, SP : Perspectiva, 1978.

Sobre Metodologia

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 4ª ed., São Paulo, SP : Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história.** Novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, SP : Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CAMPOS, Maria Christina S. de S. **A associação da fotografia aos relatos orais na**

- reconstrução histórico-sociológica da memória familiar. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Textos 3, São Paulo, SP : CERU, 1992. p.97-116.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. Relatos orais: nova leitura de velhas questões educacionais. **Revista Portuguesa de Educação**, 8 (1), 1995. Universidade do Minho, p.5-20
- _____. Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em história da educação. **Cadernos CERU**, Série 2, nº 8/1997. São Paulo. p.9-28.
- _____. Trabalho com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. **Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância**. Escola Superior de Educação de Santarém. nº 47. 1997.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo, SP : Companhia das Letras, 1989.
- _____. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro, RJ : Difel e Bertrand Brasil, 1991.
- KOSSOY, Boris. **A fotografia como fonte histórica**. Introdução à pesquisa e interpretação das imagens do passado. São Paulo, SP : Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia de São Paulo, s.d.
- LANG, Alice Beatriz da S. G. Documentos e depoimentos na pesquisa histórico-sociológica. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Textos 3, São Paulo, SP : CERU, 1992. p.78-96.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 4ª ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 1992.
- SIMSON, Olga R. de M. Von. Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências Sociais: reflexões de pesquisa. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM, IMAGEM NA PEDAGOGIA, 1996, Niterói. **Anais**. Niterói : Universidade Federal Fluminense, 1996. p.88-101.
- _____. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo, SP : Hucitec, 1998. p.21-34.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, RJ : Paz e Terra, 1992.
- TRIGO, Maria Helena B. e BRIOSCHI, Lucila R. Interação e comunicação no processo de pesquisa. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Textos 3, São Paulo, SP : CERU, 1992. p.30-41.

VIDAL, Diana Gonçalves. Imagem na reforma educacional carioca da década de 20: fotografia, cinema e arquitetura.. In: SEMINÁRIO PEDAGOGIA DA IMAGEM, IMAGEM NA PEDAGOGIA, 1996, Niterói. *Anais*. Niterói : Universidade Federal Fluminense, 1996. p.175-180.

Sobre Campinas

BADARÓ, Ricardo de S. C. **Campinas, o despontar da modernidade**. Campinas, SP : Área de Publicações CMU/Unicamp, 1996

BARRETO, Paulo Sérgio. **O caracol e o caramujo: artistas & cia. na cidade**. Campinas, 1994. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Campinas: uma visão histórica**. Campinas, SP : Pontes, 1996. 79p.

CAMILLO, Ema E. R. **Guia histórico da indústria nascente em Campinas (1850-1887)**. Campinas, SP : Mercado de Letras : Centro de Memória - Unicamp, 1998.

CAMPOS, Crispim Antônio. **Um olhar sobre o Grupo Vanguarda: uma trajetória de luta, paixão e trabalho**. Campinas, SP, 1996. Dissertação (Mestrado em Metodologia de Ensino) - Faculdade de Educação, Unicamp.

CARPINTERO, Antônio Carlos C. **Momentos de Ruptura**. As transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta. Campinas, SP : Área de Publicações CMU/Unicamp, 1996.

CARVALHO, Edemir de. **Crise urbana e habitação popular em Campinas, 1870-1956**. Campinas, SP, 1991. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

CASTANHO, Sérgio Eduardo M. **Política Cultural**. Reflexões sobre a separação entre a educação e a cultura no Brasil. Campinas, SP, 1987. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Unicamp.

DEL FIORENTINO, Teresinha Ap. O operariado campineiro de 1930 a 1945. *Revista da SBPH*, São Paulo, nº 1, p.18, 1983.

FARDIN, Sônia Aparecida (Coord.). **Imagens de um sonho: iconografia do cinema**

campineiro de 1923 a 1972. Campinas, SP : Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo/Museu da Imagem e do Som, 1995.

GOMES, Zuleika G. **Monografia histórica e estatística do distrito de Sousas**. Campinas, SP, 1973.

LAPA, José Roberto do A. **A cidade**. Os cantos e os antros. São Paulo, SP : Edusp, 1996.

_____. **Bibliografia da história de Campinas**. Prêmio Estímulo 1996. Campinas, SP, 1997.

MAGALHÃES, Ruyrillo. Texto elaborada para apresentação na Câmara Municipal de Vereadores. Campinas, SP, abril de 1998. Não publicado.

MENDES, José de C. **Efemérides Campineiras: 1739-1960**. Campinas, SP : Palmeiras, 1963.

NASCIMENTO, Terezinha Ap. Q. Ribeiro do (et alli). **Memórias da educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP : Editora da Unicamp, Centro de Memória - Unicamp, 1999.

NOGUEIRA, Braúlio M. **Campinas, as artes e seus valores**. Campinas, SP, 1993. Não publicado.

NOSSO amigo Ruy Rodrigues. Campinas, SP : Gráfica do Instituto de Menores Dom Nery, 1987.

OMEGNA, Nelson Backer. **Foi assim mesmo**. Memórias do meu tempo e dos meus dias. Rio de Janeiro. 275p. Não publicado.

PELLICCIOTTA, Mirza. Subsídios para o estudo da evolução urbana de Campinas. **Revista do ICH**, Campinas, n° 1, p.96-124. outubro/1997.

PUPO, Benedito B. **À margem da história de Campinas**. As origens da cidade a oficialização da data de sua fundação. 2ª ed. Campinas, SP : Tipografia Mattos, 1976.

_____. As construções antigas de Campinas. In: GONÇALVES, Fúlvia e PUPO, Benedito B. **Testemunhos do Passado Campineiro**. Campinas, SP : Unicamp, 1986.

PUPO, Celso Maria de M. **Campinas, seu berço e juventude**. Campinas, SP : Academia Campinense de Letras, 1969.

_____. **Campinas, município do Império**. Fundação e constituição, usos familiares, a morada, sesmarias, engenhos e fazendas. São Paulo, SP : Imprensa

- Oficial do Estado S.A., 1983.
- RIBEIRO, José Alexandre dos Santos. **De cinema em Campinas**. [1963?] p.32-59. Mimeo.
- RUEDA, Eliana Cristina. Campinas: panorama histórico e sociocultural no período 1890-1950. **Boletim CMU**, vol. 6, n° 11, jan./jun. 1994. p.46-64.
- SEMEGHINI, Ulysses C. **Do Café a Indústria**. Uma cidade e seu tempo. Campinas, SP : Unicamp, 1991.
- SESSO JUNIOR, Geraldo. **Retalhos da velha Campinas**. Campinas, SP : Empresa Gráfica e Editora Palmeira Limitada e Prefeitura Municipal de Campinas, 1970.
- SILVA, Kleber P. Planos urbanos, legislação urbanística e forma urbana: Campinas, um estudo. **Boletim CMU**, Campinas, SP, v. 6, n° 11, p.19-36, jan./jun. 1994.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas**. Campinas, SP : Editora da Unicamp: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998.

Documentos

- ANAIS da Câmara Municipal de Campinas**. Primeiro Semestre de 1948. São Paulo, SP : Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, vol. I, 1950.
- CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS**. **Indicação n° 28/49**, do Vereador Nelson Omega. 14 de janeiro de 1949. Processo n° 646.
- _____. **Indicação n° 217/49**, do Vereador Paulo de Camargo e outros. 12 de setembro de 1949.
- CATÁLOGO de filmes de 16 mm**. Rio de Janeiro : Serviço de Informação dos Estados Unidos, 1958.
- CATÁLOGO de filmes de 16 mm**. Rio de Janeiro : Instituto Nacional de Cinema Educativo, s/d.
- CORREIO POPULAR**. Marcado o início das atividades do cinema educativo da Prefeitura. Campinas, SP. 10 de abril de 1949.
- _____. O cinema educativo, ontem, no Municipal. Campinas, SP. 23 de abril de

1949.

_____. Exibições de filmes educativos, hoje, no Municipal. Campinas, SP. 13 de maio de 1949.

_____. Exibições de filmes educativos nas escolas e estabelecimentos de benemerência da cidade. Uma oportuna e simpática iniciativa da D.E.D.C.. Campinas, SP. 25 de maio de 1949.

_____. Exibição de filmes educativos nos bairros e distritos. Campinas, SP. 19 de julho de 1949.

_____. Exibições de filmes educativos. Campinas, SP. 31 de julho de 1949.

_____. Exibição de filmes educativos pela D.E.D.C.. Campinas, SP. 19 de agosto de 1949.

_____. Diretoria de Ensino e Difusão Cultural - Exibições de filmes educativos. Campinas, SP. 3 de setembro de 1949.

_____. Um filme sobre as comemorações do 7 de setembro será exibido hoje no Municipal. Campinas, SP. 16 de setembro de 1949.

_____. Transferência do Departamento de Ensino e Difusão Cultural para o antigo prédio do Fórum. Campinas, SP. 14 de maio de 1953.

_____. Parques Infantis. Campinas, SP. 7 de junho de 1953.

_____. História de Campinas. (Suplemento Comemorativo), 3 de abril de 1969, n° 20, Ano I.

_____. História de Campinas. (Suplemento Comemorativo), 20 de março de 1969, n° 19, Ano I.

_____. Esta é a última sessão do cinema de bairro. Campinas, SP. 12 de junho de 1970.

DEFESA (A). Uma embaixada cultural do Consulado Americano esteve em Campinas. Campinas, SP. 10 de fevereiro de 1949

_____. Cinema. Filmes que serão exibidos hoje e amanhã em Campinas. Campinas, SP. Ano IV, n° 1.191, 11 de setembro de 1949. p.9.

_____. Desvirtua-se o fim do Cinema Educativo e Rural. Campinas, SP. 20 de abril de 1949.

_____. Inauguradas ontem em Sumaré as atividades do Cinema Educativo da DEDC. Campinas, SP. 21 de julho de 1949.

DIÁRIO DO POVO. Atividades artísticas em Campinas. Campinas, SP. 11 de maio de 1949.

_____. São José, o último cinema de bairro ameaçado. Campinas, SP. 7 de agosto de 1977.

DIRETORIA DE ENSINO E DIFUSÃO CULTURAL. Ofícios emitidos e recebidos durante o ano de 1949. Prefeitura Municipal de Campinas, SP.

_____. Relatórios de Atividades Referentes aos anos de 1947 a 1954. Prefeitura Municipal de Campinas, SP.

GUIA Banyan de Campinas - 1959. 4ª ed. Ano IV, nº 4. Campinas, SP : Sociedade Impressora Brasileira Brusco & Cia. Antonio Samra.

GUIA Princesa D'Oeste - Campinas, 1950. Campinas, SP : Empresa Jornalística A Tribuna Ltda.

GUIMARÃES, Alaôr M. Campinas em 1954. 2ª ed., Campinas, SP : Prefeitura Municipal de Campinas e A Tribuna, 1954.

IBOPE. Hábitos de alimentos, higiene e saúde, vida cultural e social dos comerciários. São Paulo-SP, Campinas-SP, 1947. [Relatório de Pesquisa Especial]

_____. Estudo sobre as condições de vida do comerciante em São Paulo e Campinas, Estado de São Paulo, por incumbência do Serviço Social do Comércio - Regional de São Paulo. julho de 1947. [Relatório de Pesquisa Especial]

LANARO, João. Tipos populares: fisionomias de uma cidade. Campinas, SP : Supergráfica, 1954.

MONOGRAFIA Histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro, RJ : Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 1952.

NORMALISTA, O. Escola Normal Carlos Gomes, Campinas, SP, nº 6, 1948.

PLANO Municipal de Ensino, Educação, Cultura e Recreação. Campinas, SP : Prefeitura Municipal de Campinas, 1955.

PREFEITURA Municipal de Campinas. Decreto-Lei nº 383. 23 de maio de 1947. Altera e modifica o decreto-lei 379, de 4 de março de 1947. Diretoria do Expediente da Prefeitura [da Prefeitura Municipal de Campinas], Campinas, SP.

_____. **Decreto nº 214,** de 9 de agosto de 1947. Dá regulamento à Diretoria de Ensino e Difusão Cultural (D.E.D.C.) e define as atribuições de suas dependências e funcionários. Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal de Campinas, SP.

_____. **Decreto nº 692**, de 24 de setembro de 1955. Dá regulamento ao Departamento de Ensino e Difusão Cultural (D.E.D.C.) e define as atribuições das suas seções, dos seus órgãos técnicos e administrativos e dos seus funcionários. Diretoria do Expediente da Prefeitura [Municipal de Campinas], Campinas, SP.

_____. **Lei nº 138**, de 10 de dezembro de 1948. Altera e suprime dispositivos do Decreto-Lei nº 239, de 31 de março de 1944. Diretoria do Expediente da Prefeitura [Municipal de Campinas], Campinas, SP.

_____. **Lei nº 758**, de 3 de outubro de 1952. Reestrutura e consolida a organização dos serviços municipais e dá outras providências. Diretoria do Expediente da Prefeitura, Campinas, SP.

_____. **Lei nº 1.441**, de 2 de janeiro de 1956. Organiza a criação de Secretarias como Órgãos Supervisores da Administração. Prefeitura Municipal de Campinas, SP.

_____. **Lei nº 3.533**, de 12 de dezembro de 1966. Dispõe sobre a estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Campinas e dá outras providências. Diretoria do Expediente da Prefeitura [Municipal de Campinas], Campinas, SP.

_____. **Lei nº 4.261**, de 21 de fevereiro de 1973. Reestrutura a Secretaria de Educação e Cultural e dá outras providências. Diretoria de Expediente da Prefeitura, Campinas, SP.

_____. **Processo nº 2675**. Assunto: Sobre cinema educativo. Interessado: American Consulate General. 17 de fevereiro de 1949.

_____. **Processo nº 20773**. Assunto: Sobre plano geral da futura sede da D.E.D.C. Interessado: Diretoria de Ensino e Difusão Cultural. 16 de dezembro de 1949.

RÁDIO Bandeirantes. Ofício enviado ao Prefeito Municipal de Campinas. 4 de julho de 1949

SERVIÇO de Cinema Educativo. Ofícios emitidos e recebidos durante o ano de 1949. Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, Prefeitura Municipal de Campinas, SP.

_____. **Livro de Protocolo**. Abertura em 1º de janeiro de 1950. Diretoria de Ensino e Difusão Cultural, Prefeitura Municipal de Campinas, SP.

SERVIÇO de Informação dos Estados Unidos. **Catálogo de filmes de 16 mm**. Sonoros e falados em português. Edição de 1958, Rio de Janeiro, RJ : Consulado Americano.

Filmografia

A última sessão de cinema. Direção de: Peter Bogdanovich. São Paulo, SP : BBS Production, LK-TEL/Columbia, 1971. (Tradução de: The last picture show). Fita de vídeo - VHS/NTSC. Drama.

E' tutto vero (It's all true). Produção de Régine Konckler e Jean-Luc Ornières. Luck Red. Fita de vídeo. Documentário.

Unknown Chaplin. Film Editor Trevor Waite. Thames Colour Production. Fita de vídeo. Documentário.

Depoentes

AMADEU CAUSO, nasceu em 20 de abril de 1917, na cidade de Campinas (SP). Operário da construção civil, trabalhou nas obras de construção do Teatro Municipal e freqüentou suas atividades.

AMADEU TEIXEIRA, nasceu em 11 de abril de 1927, na cidade de Campinas (SP). Taxista e freqüentador das atividades no Teatro Municipal.

ANA LÚCIA MAIA BONATO, nasceu em 18 de abril de 1925, na cidade de Campinas (SP). Bibliotecária e chefe da Biblioteca Municipal localizada no Teatro Municipal.

ARISTIDES PEDRO DA SILVA (V-8), nasceu em 26 de outubro de 1921, em Joaquim Egídio, distrito de Campinas (SP). Fotógrafo e freqüentador das atividades no Teatro Municipal.

BENEDITO BARBOSA PUPO, nasceu em 3 de maio de 1906, na cidade de Campinas (SP). Jornalista e freqüentador das atividades no Teatro Municipal.

BRÁULIO MENDES NOGUEIRA, nasceu em 22 de outubro de 1914, na cidade de Campinas (SP). Trabalhou como jornalista e Chefe da Seção de Difusão Cultural do DEDC, da Prefeitura Municipal de Campinas.

DURVAL GETÚLIO VARGAS BIONDI, nasceu em 13 de outubro de 1930, na cidade de Campinas (SP). Radialista, participou dos programas radiofônicos de auditório no Teatro Municipal e freqüentou as suas atividades.

FERNANDO CATANI, nasceu em 2 de janeiro de 1927, na cidade de Amparo (SP). Empresário artístico que promoveu várias apresentações no Teatro Municipal.

FRANCISCO ALFREDO. Contador, freqüentador das atividades no Teatro Municipal e morador do bairro São Bernardo.

FRANCISCO ALVES CORREIA, nasceu em 1910, na cidade de Aquidauana (MS). Engenheiro agrônomo e presidente do Clube dos Agrônomos em 1946, local onde ocorreram exposições do Serviço de Cinema Educativo.

FRANCISCO MAMONI, nasceu em 31 de dezembro de 1936, na cidade de Campinas (SP). Militar e na infância participou de espetáculos infantis no Teatro Municipal.

GILBERTO DE BIASI. Fotógrafo e freqüentador das atividades no Teatro Municipal.

HENRIQUE DE OLIVEIRA JR., nasceu em 13 de setembro de 1920, na cidade de Valinhos (SP). Trabalhou como fotógrafo, cinegrafista, técnico de som e Encarregado do Serviço de Cinema Educativo do DEDC, da Prefeitura Municipal

de Campinas.

JEHOVAH BRAZ DO AMARAL, nasceu em 3 de fevereiro de 1921, na cidade de Capivari (SP). Trabalhou no Teatro Municipal como ator e nos programas de rádioteatro.

JOSÉ MÁRIO ARRUDA DE TOLEDO, nasceu em 15 de janeiro de 1947, na cidade de São Paulo (SP). Escritor, jornalista e artista plástico que participou das atividades no Teatro Municipal.

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA. Historiador, professor universitário e freqüentador das atividades no Teatro Municipal.

LÉA MASELLI ZIGGIATTI MONTEIRO, nasceu em 8 de fevereiro de 1940, na cidade de Campinas (SP). Advogada e diretora do Conservatório Carlos Gomes, participou das apresentações artísticas no Teatro Municipal.

MARIA LUIZA SILVEIRA PINTO DE MOURA, nasceu em 9 de novembro de 1923, na cidade de Campinas (SP). Bibliotecária do Centro de Ciências Letras e Artes e freqüentadora das atividades no Teatro Municipal.

MARINO ZIGGIATTI, nasceu em 28 de maio de 1926, na cidade de Campinas (SP). Engenheiro civil, membro da diretoria do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas e freqüentador das atividades no Teatro Municipal.

RUYRILLO DE MAGALHÃES, nasceu em 7 de julho de 1917, na cidade de Campinas (SP). Advogado e professor universitário, foi diretor do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, da Prefeitura Municipal de Campinas.

Depoimentos

ALFREDO, Francisco. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 10 jul. 1998.

AMARAL, Jehovah Braz do. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 3 set. 1998.

BIASI, Gilberto de. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 19 jun. 1998.

BIONDI, Durval Getúlio Vargas. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 24 set. 1998.

BONATO, Ana Lúcia Maia. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*.

Campinas, SP, 30 jul. 1998.

_____. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 26 out. 1998.

CATANI, Fernando. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 10 nov. 1998.

CAUSO, Amadeu. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 8 set. 1998.

CORREIA, Francisco Alves. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 13 jul. 1998.

LAPA, José Roberto do A. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 24 nov. 1999.

MAGALHÃES, Ruyrillo de. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 2 mar. 1998.

_____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 15 abr. 1998.

_____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 27 abr. 1998.

_____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 15 maio 1998.

_____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 22 maio 1998.

_____. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 21 set. 1998.

MAMONI, Francisco. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 22 set. 1998.

MONTEIRO, Léa Maselli Ziggiatti. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 28 set. 1998.

MOURA, Maria Luiza Silveira Pinto de. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 8 out. 1998.

NOGUEIRA, Braúlio Mendes. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 29 out. 1997.

- _____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 4 nov. 1997.
- _____. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 17 ago. 1998.
- OLIVEIRA JR., Henrique de. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 4 fev. 1998.
- _____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 23 abr. 1998.
- _____. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 20 ago. 1998.
- _____. *Depoimento concedido a Luciane M. de Oliveira*. Campinas, SP, 30 abr. 1999.
- PUPO, Benedito Barbosa. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 31 ago. 1998.
- SILVA, Aristides Pedro da (V-8). *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 14 set. 1998.
- TEIXEIRA, Amadeu. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 11 nov. 1998.
- TOLEDO, José Mário Arruda de. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 10 abr. 1999.
- ZIGGIATTI, Marino. *Depoimento concedido ao Projeto de História Oral da Cidade de Campinas*. Museu da Imagem e do Som de Campinas, 24 ago. 1998.

Acervos Pesquisados

Arquivo dos jornais *Diário do Povo* e *Correio Popular*

Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp

Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Campinas

Arquivo Histórico da Cidade de Campinas

Biblioteca da Câmara Municipal de Campinas

Biblioteca Pública Municipal Ernesto Zink

Centro de Ciências, Letras e Artes – CCLA

Centro de Memória da Unicamp – CMU

Museu da Imagem e do Som de Campinas – MIS

Crédito das Ilustrações

1. Fotografia de Gilberto de Biasi, Bosque dos Jequitibás, Campinas-SP, 1949. Acervo do Fotógrafo.
2. **Relatório da Exibição Cinematográfica**, USIS, Seção de Cinema.
3. **Jornal Correio Popular**, Campinas, SP, 29 de janeiro de 1950. capa
4. Alaôr Malta Guimarães, **Campinas em 1954**, Campinas, SP, 1954. p.81
5. Alaôr Malta Guimarães, **Campinas em 1954**, Campinas, SP, 1954. p.37
6. João Lanaro, **Tipos populares: fisionomia de uma cidade**, Campinas, SP, 1952. p.18
7. Relatório do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, Prefeitura Municipal de Campinas, São Paulo, 1952.
8. Alaôr Malta Guimarães, **Campinas em 1954**, Campinas, SP, 1954. p.75
9. **Jornal A Defesa**. Campinas, SP, 23 de setembro de 1953.